Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Astrid Johana Pardo Gonzalez

Quando amar é sofrer:
um estudo etnográfico do grupo de ajuda mulheres que amam demais anônimas

Rio de Janeiro
2012

Astrid Johana Pardo Gonzalez

Quando amar é sofrer:
um estudo etnográfico do grupo de ajuda mulheres que amam demais anônimas

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profª. Dra. Maria Claudia Coelho

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CCS/A

G642q Gonzalez, Astrid Johana Pardo.
Quando amar é sofrer: um estudo etnográfico do grupo de ajuda de mulheres que amam demais anônimas / Astrid Johana Pardo Gonzalez. – 2012.
110 f.

Orientadora: Maria Claudia Coelho.
Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
. Bibliografia.

1. Mulheres – Aspectos antropológicos - Teses. 2. Amor – Aspectos antropológicos - Teses. I. Coelho, Maria Claudia. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 572

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____
Assinatura Data

Astrid Johana Pardo Gonzalez

Quando amar é sofrer:

um estudo etnográfico do grupo de ajuda mulheres que amam demais anônimas

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 18 de setembro de 2012.

Banca Examinadora:

_____

Prof[a]. Dra. Maria Claudia Coelho (Orientadora)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

_____

Prof[a]. Dra. Adriana Vianna

Museu Nacional da UFRJ

_____

Prof. Dr. Octavio Bonet

Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - UFRJ

_____

Prof[a]. Dra. Claudia Barcellos Rezende

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Rio de Janeiro

2012

DEDICATÓRIA

A Daniel por ressignificar minha experiência do amor

AGRADECIMENTOS

A todas as participantes do grupo MADA por me permitir escrever sobre suas experiências, em especial àquelas que me ofereceram uma entrevista.

A minha orientadora Maria Claudia Coelho porque suas aulas, textos e recomendações fizeram um diferencial na minha formação acadêmica. Além disso, por sua amorosa paciência em fazer a revisão deste trabalho.

À professora Adriana Vianna e ao professor Octavio Bonet por suas produtivas sugestões na qualificação e à professora Claudia Resende por suas recomendações na RAM 2011, aos três por fazerem parte de minha banca examinadora.

A todos os professores do PPCIS-UERJ por colaborar em minha formação acadêmica, em especial ao professor Valter Sinder por suas estimulantes aulas.

À CAPES e ao governo brasileiro pelo apoio econômico que me permitiu cursar o mestrado.

Ao grupo subjetividades em America Latina em especial a Claudia Rivera por oferecer as bases na formação etnográfica.

A minha família na Colômbia: minha mãe, meu pai, meus irmãos e minha tia

porque através de seu apoio incondicional lograram quebrar a distância, fazendo-se presentes todos os dias de minha vida. A minha nova família, Rodrigues Fortes, pelo acolhimento e carinho.

A meus companheiros de viagem por compartilhar suas experiências durante o período de adaptação.

A todos os brasileiros e brasileiras que me brindaram um fraternal acolhimento em seu país.

A Fidel por oferecer um novo sentido a minha existência.

Meu vício
É você!
Meu cigarro
É você!
Eu te bebo, eu te fumo
Meu erro maior
Eu aceito, eu assumo
Por mais que eu não queira
Eu só quero você...

Eu acho que paguei o preço por te amar demais
Enquanto pra você foi tanto fez ou tanto faz
Magoando pouco a pouco me perdendo sem saber
E quando eu for embora o que será que vai fazer?

Alcione

RESUMO

PARDO, Astrid Johana Gonzalez. *Quando amar é sofrer*: um estudo etnográfico do grupo de ajuda mulheres que amam demais anônimas. 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Esta pesquisa traçou como objetivo a análise das gramáticas emocionais elaboradas nas experiências das participantes do grupo Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA). A metodologia usada foi a etnografia. MADA é um grupo de ajuda mútua para "mulheres viciadas em relacionamentos destrutivos", sendo sua "droga" o amor excessivo. Observaremos as condições que possibilitaram considerar este sentimento como doentio, tais como a quebra no ideal estético do amor, aspecto relacionado com a ruptura da dádiva, em outras palavras, elas amam demais e não são correspondidas na mesma medida. Como forma de solução deste impasse o grupo propõe então uma série de práticas que interpretamos como uma "economia dos vínculos sociais", em que há uma racionalização do sentimento amoroso.

Palavras chave: Amor. Gramáticas emocionais. Psicologização. Patologização.

RESUMEN

Esta investigación se trazó como objetivo analizar las gramáticas emocionales elaboradas en las experiencias de las participantes del grupo Mujeres que Aman Demasiado Anónimas (MADA). La metodología usada fue la etnografía. MADA es un grupo de ayuda mutua para "mujeres viciadas en relaciones destructivas e su droga es el amor. Observaremos las condiciones que posibilitaron considerar este sentimiento como enfermizo, tales como la ruptura no ideal estético do amor, aspecto relacionado con la ruptura da dádiva, en otras palabras, ellas aman demasiado y no son correspondidas en la misma medida. Como forma de solución de este problema o grupo propone entonces una serie de prácticas que interpretamos como una "economía dos vínculos sociales", en que hay una racionalizacion del sentimiento amoroso.

Palabras claves: Amor. Gramáticas emocionales. Psicologización. patologización.

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....11

1 **ENTRE A PATOLOGIZAÇÃO E A FELICIDADE: A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DO AMOR**.....16

1.1 **A Antesala Do Amor**.....16

1.2 **O Amor Romântico**.....20

1.3 **O Amor: Entre A Felicidade E A Doença**.....25

1.4 **A medicalização das emoções**.....27

1.5 **Dois Exemplos De Medicalização Emocional: A Acídia E O Crime Passional**.....,.....29
7

1.6 **A Sexologia E Os Modelos Psi.**.....29

1.7 **Os Grupos De Ajuda Mútua**.....33

1.8 **Os Grupos De Ajuda Mútua E O Indivíduo Moderno**.....36

2 **A ETNOGRAFIA REFLEXIVA**.....39

2.1 **Aproximação do campo: posicionamento reflexivo como um enfoque metodológico.**.....40

2.2 **Construindo o objeto da dissertação**.....43

2.3 **Entre emoção e cognição**.....44

2.4 **O trabalho que elas faziam sobremim**.....49

2.5 **O contágio**.....50

2.6 **Evitando a dissolução**.....51

3. **DO AMAR DEMAIS E OUTROS DEMÔNIOS: A PSICOLOGIZAÇÃO E AS GRAMÁTICAS EMOCIONAIS NO MADA**.....54

3.1 **Do discurso prescritivo e da psicologização**.....54

3.2 **Um dia de sala**.....54

3.3 **O discurso prescritivo.**.....63

3.4 **Os problemas da infância e a família disfuncional**.....64

3.5 **O autoconhecimento**.....66

3.6 **O diálogo**.....69

3.7 **A Psicologização**.....70

3.8 **As gramáticas emocionais**.....72
3.9 **A dádiva, a troca justa e a individualização**.....72
4. **O dinheiro e a dádiva**.....82
4.1 **De lágrimas, contágios e vítimas**.....85
5 **CONCLUSÃO**.....95
REFERÊNCIAS.....96
ANEXO A - O quarto passo 101
ANEXO B - Características de uma mulher que se recuperou de amar demais106
ANEXO C - Os lemas.....108

INTRODUÇÃO

O Amor, como as outras emoções, é resultado de construções sociais e históricas. A partir do século XVIII e com a influência da literatura de romance, passa a ser um tema central na vida das pessoas, sobretudo das mulheres, que construíram o amor romântico para logo desconstruí-lo, através do deslocamento da esfera doméstica para a pública e a transformação da sexualidade feminina. Este aspecto influenciou as mudanças nos relacionamentos, especialmente os sexual-afetivos, tornando-os ambivalentes, instáveis e complexos.

Assim, o amor começa a ser alvo do olhar de experts como psicólogos e sexólogos, assim como motivo para a difusão de manuais, livros, vídeos, filmes, programas de televisão, sites na internet que começam a aconselhar sobre como conduzir os relacionamentos, processo denominado por Bauman de "boom do counseling". Neste contexto, os grupos de ajuda mútua, antes voltados para o alcoolismo e as dependências químicas, vão começar a se orientar pelos relacionamentos. Hoje, no Brasil, existem vários grupos que tratam os problemas afetivos, como é o caso do grupo que será objeto de estudo desta pesquisa: Mulheres Que Amam Demais Anônimas - MADA.

MADA - inspirado no livro da autora estadunidense Robin Norwood (1985), que leva o mesmo nome - teve início no Brasil[1] na cidade de São Paulo em 1994. Atualmente realizam-se mais de 45 reuniões semanais distribuídas em 14 Estados e no Distrito Federal. Sabe-se da existência do grupo na Espanha, em Portugal e na Venezuela. O grupo baseia sua recuperação no programa dos doze passos dos alcoólicos anônimos, que foi adaptado para o MADA. Compara-se com outros grupos de dependentes, sendo sua "droga" o amor excessivo, o qual define como uma doença.

---

[1]É difícil estabelecer o país de origem do grupo, devido à própria estrutura dessas irmandades anônimas, como a auto-organização. Não há um comitê central que regule as atividades dos outros grupos, tanto assim que no Brasil, parece não se saber da existência do grupo da Espanha. Nos Estados Unidos existem outros grupos parecidos, como *Love AddictsAnonymous, Co-DependentsAnonymous, Sex & Love AddictsAnonymous, EmotionsAnonymous,* também presentes no Brasil e que praticam os doze passos e as doze tradições do AA, porém não existe o grupo com o nome especifico Mulheres que Amam Demais Anônimas

Uma aproximação inicial do grupo suscitou os seguintes questionamentos: o que nos pode dizer o MADA da construção do amor contemporâneo? Como o amor se configura como um vício e/ou uma doença?

A partir do desenvolvimento dos meios de comunicação, no século XX, nasce a cultura de massas, que constitui um corpo complexo de símbolos e imagens, orientadora e modeladora das emoções como toda cultura, tornando-se assim a fornecedora dos mitos condutores do lazer, da felicidade e do amor. Nesta cultura tem-se como aspiração um mundo onde a aventura, o movimento, a ação sem freio, a liberdade de realização das necessidades ou instintos proibidos (que devem ser atingidos por meio da intensificação das emoções) são valores imperantes. (MORIN, 1977, p.15-90). Nesta explosão discursiva dos sentimentos a felicidade aparece para modelar as expectativas da sociedade moderna e passa de uma aspiração a ser direito garantido, o que parece entrar em contradição com a sensação de mal-estar e a incapacidade do homem moderno em experimentar a plena felicidade. Esta tensão é resolvida através da imprensa conselheira que determina a maneira de obter e conservar a felicidade mediante a criação de programas de ação, tornando-a previsível e controlada. (CONDÉ, 2010, p.9-10).

O amor é o grande arquétipo dominante da cultura de massa. A partir do *happyend* torna-se triunfal e o tema central da felicidade moderna. No cinema ocidental, por exemplo, o amor parece desembocar no mar livre da realização pessoal (MORIN, 1977, p. 131-138), para não falar das telenovelas que geralmente pregam um amor transbordante e excessivo, sendo quase sempre esta a temática central do argumento.

Neste contexto aparece o MADA com um discurso que parece contradizer estes discursos, afirmando que o amor em excesso é um sentimento negativo que se torna uma doença, sendo a completa negação da felicidade. A proposta deste trabalho é entender essa forma de amar que é patologizada, e, desta maneira, ampliar o conhecimento que se tem sobre o amor contemporâneo.

Hoje, no mundo, aproximadamente três milhões de pessoas participam de grupos de ajuda mútua. Segundo Giddens (1996), mais pessoas pertencem a grupos de ajuda mútua do que a partidos políticos; esta seria uma das formas através das quais o projeto reflexivo do eu tem sido levado adiante. Ou seja, tanto a autoajuda como a ajuda mútua, nas últimas décadas, têm ocupado um lugar cada vez maior como um recurso

terapêutico. Entretanto, estes fenômenos não têm recebido a atenção que merecem pela teoria social, pois, como afirma o mesmo autor, muitos têm desprezado o tema.

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar as gramáticas emocionais elaboradas nas experiências das participantes do grupo MADA. A metodologia usada foi a etnografia, sendo o trabalho de campo feito entre setembro de 2010 e janeiro de 2012, tempo no qual se fizeram entrevistas semiestruturadas com dez participantes do grupo, assim como participação observante em diferentes salas de reunião nas zonas norte e sul da cidade do Rio de Janeiro.

O que é o Mada?

MADA é um grupo de ajuda mútua, segundo seu próprio site, para "mulheres viciadas em relacionamentos destrutivos", sendo sua "droga" o amor excessivo. O objetivo do grupo é fazer com que as participantes "se relacionem bem consigo mesmas e com os demais"[2.] A maioria das integrantes se apresenta como tendo problemas para relacionar-se de maneira sexo-afetiva, centrando-se a maior parte dos depoimentos nesta temática, embora outros temas também sejam comentados, tais como problemas com os filhos, os colegas de trabalhos, os pais e os amigos.

Como base para sua recuperação o MADA usa o programa dos doze passos dos alcoólicos anônimos, adaptando-os ao feminino, trocando a palavra álcool por relacionamento. Por exemplo, o primeiro passo de AA é "Admitimos que éramos impotentes perante o álcool - que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas."[3] Na versão MADA ficou "Admitimos que éramos impotentes perante os relacionamentos e que tínhamos perdido o controle de nossas vidas"[4.] Outros textos também foram adaptados do AA, como as doze tradições e os sete lemas. Além disso, utilizam os livros de Robin Norwood "Mulheres que Amam Demais" e "Meditações para Mulheres que Amam Demais" e uma apostila que contém diferentes escritos.

Uma das doze tradições reza "Nossos grupos, assim como os grupos de Anônimos, não devem ser organizados, mas podemos criar comitês ou juntas de serviço diretamente

[2] http://www.madapara.com.br/como_funciona.html#instrumentos, consultado em 20 de agosto de 2010.

[3] http://www.alcoolicosanonimos.org.br/, consultado em 30 de outubro.

[4] http://www.madapara.com.br/como_funciona.html#instrumentos, consultado em 20 de agosto de 2010.

responsáveis perante aqueles a quem servem". [5] Por isso, a nível organizativo cada sala possui uma ou duas coordenadoras que se revezam semanalmente, que são MADAs em recuperação e participam da mesma forma, uma tesoureira, uma secretária e uma delegada de intergrupos, (organismo encarregado de organizar as apostilas e folhetos usados nas reuniões, assim como o site e o encontro anual do grupo).

As reuniões se fazem em salas pertencentes a igrejas católicas ou, às vezes, protestantes, onde também funcionam outros grupos de ajuda. A maioria das participantes do MADA tem transitado por outros grupos de ajuda, especificamente por: Al-Anon (familiares e amigos de AA), Coda (Co-dependentes Anônimos), Dasa (Dependentes de Amor e Sexo Anônimos), CCA (Comedores Compulsivos ,Anônimos), Nar-Anon (parentes e amigos de Narcóticos Anônimos)[6]

Dos capítulos

Esta dissertação se encontra estruturada em três capítulos. No primeiro, onde se faz uma discussão teórica em torno do amor, faremos um percurso pelas diferentes épocas mostrando alguns processos de medicalização e psicologização deste sentimento, assim como de sua colocação como tema central na cultura de massa.

No segundo realizaremos uma discussão metodológica, visto que esta pesquisa deseja fazer uma etnografia denominada reflexiva, na qual a pesquisadora explicita uma forma de fazer a observação, onde se vinculam e se misturam aspectos cognitivos e emotivos. Desta forma, faremos um percurso pela construção do objeto de pesquisa, que como veremos, está relacionado à formação acadêmica da pesquisadora, assim como da aproximação ao campo.

No último capítulo encontra-se a análise central das gramáticas emocionais em torno do amor, a partir da perspectiva do grupo. Isto será feito através da participação observante e das entrevistas. Veremos uma primeira parte na qual se estudará o discurso prescritivo do grupo, assim como sua interiorização nas suas práticas e discursos; em

---

[5] http://www.madapara.com.br/como_funciona.html#instrumentos, consultado em 18 de agosto de 2010.

[6] No Brasil existem vários grupos de ajuda mútua que praticam os doze passos de AA como: EA (Emocionais Anônimos), (membros jovens do Al-Anon), FA (Fumantes Anônimos), JA (Jogadores Anônimos), NA (Narcóticos Anônimos),VIA (Vítimas de Incesto Anônimos), NA (Neuróticos Anônimos), Psicóticos Anônimos, FAA (Filhos Adultos de Alcoólicos), Aidéticos Anônimos, Gastadores Anônimos, Devedores Anônimos, Adictos de Açúcar Anônimos, Introvertidos Anônimos.

seguida, analisaremos as gramáticas emocionais que se elaboram nas experiências das participantes do MADA.

1 ENTRE A PATOLOGIZAÇÃO E A FELICIDADE: A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DO AMOR

No MADA o amor é visto como um vício ou uma doença, que seria crônica, sem cura e, não tratada, poderia levar à morte. Esta caracterização se deve, em parte, à estrutura própria dos grupos de ajuda mútua que nasceram a partir da adaptação dos princípios dos Alcoólicos Anônimos, grupo que deslocou o alcoolismo da esfera moral para a saúde. A adaptação do formato dos doze passos e as doze tradições a outro tipo de situações contribui para criar um processo de patologização de outras questões, tais como a adição às drogas, ao cigarro, ao jogo e, inclusive, assuntos antes cotidianos que agora são vistos como nocivos: comida, dívidas e emoções em excesso, entre outros.

Contudo, existem aspectos associados à construção histórica e social do amor que nos mostram que o amor visto como doença não é tão recente; ao contrário, há ideias antigas a respeito que fizeram com que o amor, assim como o sexo, pudesse ser encaixado no formato dos grupos de ajuda mútua. Por esta razão pretende-se mostrar como se tem vivenciado o amor nas diferentes épocas, tendo como fio condutor o rastreio do amor de uma perspectiva negativa, porque, como veremos mais adiante, este foi mais desqualificado e estigmatizado do que louvado, na maioria das vezes por seu excesso, ou seja, parece que o amor não tem sido o problema, somente sua quantificação desmedida. Depois se continuará mostrando como se produzem alguns processos de medicalização e psicologização, e na última parte, se abordará a discussão sobre os grupos de ajuda mútua e o discurso de autoajuda.

1.1 A antesala do amor

O amor, tal como o conhecemos, vai tardar muitos séculos a existir. Este sentimento vai atravesar por diferentesmomentos na historia de ocidente, André lazaro em seu livro Amor Do mito ao mercado vai observar através da análises de determinados textos como se representam a relação entre amor e individuo na tradição, a partir de seu estudo vamos a destacar alguns momentos desta historia na época antiga e medieval. Também vamos fazer uso de algumas idéiasdo livro A mais bela historia do

amor no que Dominique Simonnet realiza interlocuções comhistoriadoresespecializados no tema.

A associação casamento e amor, por exemplo, parece ser uma ideia bastante nova. Para os romanos, o casamento é um dever cidadão, um ato cívico quase militar, mas que nada tem a ver com amor, as esposas sendo tidas como pequenas criaturas que se devem educar e que se valorizam segundo o dote recebido. Embora seja submetida, em Roma, a mulher pode se divorciar quando quiser, não existe restrição para isso, pelo menos nos primeiros séculos. Quanto ao sentimento amoroso, parece não ser expresso positivamente, sendo visto como um grande perigo, pois na medida em que é uma sociedade onde se impõe o controle de si, o que é necessário para mandar no outro, assim o domínio militar de si não permite ceder aos sentimentos, o que não quer dizer que na Grécia clássica, na Roma imperial e mesmo na sociedade feudal não existisse o sentimento amoroso. A diferença radicava somente no status que ocupava, um lugar marginal, visto que a paixão era compreendida como uma forma de doença. De fato, a partir do Renascimento o sentimento amoroso sofrerá uma impressionante mudança de valor, até o ponto de quase não reconhecermos nele aquilo de que falam os antigos. (SIMONNET;VEYNE, 2004, p.31- 50; LÁZARO, 1997, p. 32-44)

Na filosofia platônica, por exemplo, o amor estava relacionado ao domínio de si, o que, juntamente com outros aspectos como exercer a gestão da própria casa e participar do governo, era o ideal do cidadão. A paixão amorosa, então, era vista como a escravidão do homem pelas suas próprias paixões; para evitar esta submissão, era necessário exercer o conhecimento de si, questão que se converte num método filosófico, tal como a dialética, que será denominada como erótica. Através deste método, os homens entram em contato com a verdade, o que é visto como um trabalho terapêutico de investigação da natureza do desejo. (LÁZARO, 1997, p. 49 – 53)

Embora em Roma abundem as estátuas desnudas nas ruas, existe uma grande censura à sexualidade. Somente se pode ter sexo sem luz, os amantes não conhecem o corpo, a paixão e a sexualidade parecem ficar somente nas novelas e nas obras artísticas. A partir do século II se produz uma transformação da moral numasociedade que tendia a ser mais puritana. Começa-se a estigmatizar a sexualidade, que agora tem como objetivo único a procriação e se castiga o adultério (em maior medida o feminino), assim como a homossexualidade. Como explica Paul Veyne (2004), o que se chamou “casamento

cristão" nasceu antes dos cristãos; sua hipótese é de que os romanos inventaram o "casal puritano" e o cristianismo teria adotado e enrijecido a nova moral pagã. A inovação do amor nesta época se encontra na colocação de uma nova forma mediadora: no paganismo greco-romano, era estabelecida através do vínculo do individual e a cidade, moral produzida na convivência dos gestos e atitudes, não na interiorização da norma, tal como acontece na moral moderna. Controlar a paixão era visto como um exercício para se chegar a ser um bom cidadão, dado que poderia ser terrível se deixar levar pela paixão amorosa e assim se subjugar aos caprichos de uma mulher ou de um escravo. (SIMONNET; VEYNE, p. 47; LÁZARO, 1997, p 58-70)

O fato de considerar a paixão amorosa como doença na antiguidade esteve influenciado pela legitimidade que ganhou a pregação estóica, que pensava o amor como oposto à natureza, onde o equilibro desejado pelos filósofos não seria possível. Estas noções estóicas serão fontes para a elaboração do eu no cristianismo, que fundará o eu como renúncia, o valor do indivíduo fora do mundo. (LÁZARO, 1997, p. 62)

Na Idade Média o prazer e a sexualidade se convertem em responsáveis por todos os males. O corpo é totalmente estigmatizado e a virgindade e a castidade, que também são retomadas do culto pagão, se impõem como critério maior, adquirindo a palavra "amor" um sentido quase pejorativo, só sendo positivo quando está dirigido para Deus. De fato, existe uma distinção entre o amor que indica a paixão selvagem, violenta e condenável, e *caritas*, que é tomado como belo amor, termo difundido no léxico da Idade Média e que significa o cuidado para com o próximo. Este termo depois será desvalorizado e assimilado como esmola (SIMONNET; LE GOFF, P. 62), ou seja, o amor pensado desde a perspectiva moderna como aquele que está dirigido a um ser em particular nesta época não existia. Supõe-se que o amor cristão deve-se estender para todos os seres humanos igualitariamente (LÁZARO, 1997, p. 74).

Outro aspecto que começa a mudar na Idade Média e que lançará as bases para o que será o amor romântico é que a mulher se torna objeto do elogio amoroso, aspecto que na Antiguidade estava ausente. É através da lírica provençal e dos romances cavalheirescos que se dá ao desejo pela dama um estatuto especial. Este tipo de narrativa, contudo, como indica André Lazaro (1997, p.79-97), se dedica a mostrar mais os perigos a que os amantes estão expostos do que ao elogio da paixão, pois, geralmente, são histórias de grandes façanhas e penas que se tem que atravessar para

conseguir se encontrar com sua amada. Contudo, os trovadores criarão um campo de experiência que influenciará a invenção do amor, onde se organizam os sentidos e se hierarquizam as sensações, criando assim um imaginário amoroso, que na tensão amor/casamento darão lugar a uma escolha individual e à expansão dos sentimentos.

O Renascimento parece ainda conservar muitos aspectos da Idade Media; contudo, neste momento vai se produzir um movimento paradoxal. A partir da Reforma e da Contrarreforma se reprime com mais força o amor e a sexualidade, mas, ao mesmo tempo, se produz um processo lento de transformação que desenvolverá certa liberdade sentimental, pelo menos por parte dos indivíduos de classes baixas. Na monarquia o casamento continua a ser pautado por meio de acordos que envolviam interesses políticos e econômicos, mas, nas classes populares, paracasar é preciso primeiro ter uma poupança, para o que a mulher começa a participar. Desta forma, o casal camponês adquire uma autonomia econômica e entre os cônjuges começa a existir um espírito de igualdade e equilibrio, que desenvolverá uma afetividade que começa a ser básica para o laço conjugal. Embora o prazer continue ausente, a ordem sexual continua imperante. (SIMONNET; SOLÉ, p.67-82)

Ainda no Renascimento surgiu a relação do amor com ações mágicas como a bruxaria, adquirindo uma nova forma de perseguição no manual de inquisição *MalleusMaleficaram*ao amor desmedido “e a forma mais geral e mais conhecida de bruxaria”. Isto concorda com afirmação do filósofo neoplatônico Marsílio Ficino “por isto, ninguém pode duvidar que o amor é um mago, já que toda força da magia se baseia no amor e a obra do amor se cumpre por fascinações, encantamento e sortilégios (LÁZARO, 1997, p. 110).

Isto ganha muito peso, sendo quase uma lei e repercute na época em todos os tratados e diálogos sobre o tema. O filósofo também explica o amor como um tipo de contágio que se dissemina pelo corpo e que deve ter cuidados e tratamento , mas ao mesmo tempo vê um paradoxo que resume assim: “não se pode viver com ele, não se pode viver sem ele”. O amor seria, então, uma doce prisão na medida em que no amor reside uma força capaz de transformação e ampliação dos limites entre o homem e o universo, mas, ao mesmo tempo em que apresenta intensidade, beleza e felicidade, também apresenta risco de morte pela perturbação do espírito, pela luta que ele deflagra no interior do amante. (LÁZARO, 1997, p. 109-128)

1.2. **O Amor romântico**

A partir do século XVII se inaugura um novo lugar, a experiência amorosa, que, segundo André Lázaro (1997, p. 152 -176.), é um não lugar que se difunde através da literatura e que se instaura como uma aspiração de desejo e prazer. De igual forma, existe uma nova sensação crescente de individualização da emoção que acompanha o modelo de autocontrole burguês e que faz com que o amor se instaure no mais profundo do sujeito e se consagre como uma experiência única, uma expressão de autenticidade e naturalidade de cada ser humano. Desta forma, o amor visto como doença, que inclusive tinha uma terapia, é reduzido quase que a uma metáfora.

Por outro lado, a sexualidade passa a ser incluída como elemento do amor, através do qual Luhmann denomina *amor passion*, que assentará as bases para o que será o Amor romântico (ZAMBONI,2010, p. 106). No século XVII este tipo de amor sofre uma transformação: passa da idealização ao estabelecer um tipo de paradoxo, tal como "prisão voluntária" ou "doce martírio", elementos que na análise semântica de Luhmann levam a entender a tese central do código: o excesso, que se fundamenta em seu próprio fim na medida que sua realização completa determina sua finalização. Por esta razão se valoriza a resistência, pois com isto o amor ganha valorização temporal: o amor só existe no "ainda não" o que, por sua parte, mostra outra das suas características, a totalização e a exigência da entrega total. (ZAMBONI, 2010, p.108; LUHMANN, 2008 p. 99 -105)

O aspecto temporal do amor romântico também é tratado por Simmel (2001, p 94) quando analisa o coquetismo, que compreende como um jogo que oscila entre ter e não ter, o que, por sua vez, deve se transformar em prazer ou sofrimento, desejo ou temor. Este tipo de amor contém uma concepção finita de sua duração, pois morre na realização de seu desejo. Neste jogo que possui signos corporais se encontram bem definidos os papeis de gênero, na medida em que o objeto é a mulher e o sujeito um homem.Assim, por exemplo, a mulher é mestra na arte de recusar e conceder; já o homem não pode recusar uma mulher, embora não seja apropriado para ela se oferecer, pelo contrario, a recusa de um homem por parte de uma mulher concorda totalmente com o papel feminino.

Na semântica do amor romântico, a idealização e o paradoxo se constituem numa nova unidade. O próprio amor é ao mesmo tempo ideal e paradoxal, tanto que pretende ser a unidade de uma dualidade. O excesso, como se apontou linhas atrás, também se encontrará entre as características do amor romântico, pois este faz perder os limites até o ponto de desaparecer a identidade do amante, para construir uma só: a identidade do casal. Isto faz com que o amor seja totalizante, um círculo fechado, sem saída. (LUHMANN, 199, p.72-95)

O amor romântico foi revolucionário, já que permitiu pela primeira vez a vinculação do amor com a liberdade e a realização. Os indivíduos começam a ter a liberdade de escolha, possibilidade que levou os amantes à idealização, influenciados pela literatura de romance: "o amor encontra sua própria justificativa na perfeição do objeto que o atrai." (LUHMANN, 1991, p.55). Assim como a idealização, a sexualidade passa a fazer parte do amor; quando se ama fica tácito que também se deseja sexualmente. De igual forma acontece com o casamento, matrimonio é amor e amor é matrimonio. Poder-se-ia afirmar que o amor romântico é a conjunção entre *amourpassion* e amor sublime.

O romance não só criou a idealização; de fato, gerou uma moda sentimentalista que teve um impacto profundo na sensibilidade no século XVIII. (VINCENT – BUFFAULT, 1988: 104-105). O amor também começa a ser parte desta moda. Embora não exista a sensação de universalização do amor de nossos dias, dado que continua então de certa forma restrito aos grupos cortesãos, o amor deixa de ser uma "atitude excepcional que modula um comportamento" (LÁZARO, 1996, p. 13).

Transformações ocorridas com as mulheres repercutiram na construção do amor romântico, como a idealização da maternidade, a criação do lar, a mudança na relação entre mães e filhos, considerando-se assim o amor romântico como totalmente feminizado. Acrescente-se a isso o fato de que são elas as que colaboram na difusão do romance, o que tem um efeito *feedback*, ou seja, o romance e consequentemente o amor influenciam a construção do sujeito feminino. As mulheres constroem e desconstroem o amor como veremos mais à frente - não é por acaso que não existe um grupo de "homens que amam demais". Como explica Giddens (1993):

> as tensões entre o amor romântico e o *amourpassion* eram tratadas separando-se o conforto do ambiente doméstico da sexualidade da amante ou da prostituta. O cinismo masculino em relação ao amor romântico foi prontamente amparado por esta divisão, que não obstante aceitava implicitamente a feminização do amor respeitável.p.54

Embora a literatura de romance tenha influenciado a construção do amor moderno, é a obra de Shakespeare, “Romeu e Julieta”, que vai inaugurar esta nova forma de amar na modernidade. Como Viveiros de Castro e Benzaquen de Araújo (1977) afirmaram, esta história serviu como mito de origem não porque cria em si o amor, mas sim porque foi a matriz que codificou certos acontecimentos dados na época. De fato a ideia não é original do autor, pois se sabe que existiam anteriormente narrativas similares. Além disso, a tragédia é importante porque é um drama arquetípico que teve ampla difusão.

Desta forma, os autores desejam mostrar com a análise “certa concepção do mundo onde o indivíduo é central”. É claro que a obra contém todas as características antes descritas do amor romântico: idealização, paixão, feminização, autossubmissão e liberdade de escolha (pelo menos luta por dita possibilidade). Mas o mais importante é que na obra os sentimentos começam a ser percebidos como se emanassem do interior do sujeito: “um sentimento embebido pela ideologia individualista” (REZENDE; COELHO, 2010, p.55), que denota não só a origem de uma nova forma de amar, mas sim a origem do individuo moderno, focalizado numa dimensão interna independente da vida social em termos de grupo, como se a existência do individual estivesse pautada de dentro para fora, o que é denominado como *inner self*. Desta forma, neste contexto *“*a família conjugal moderna, formada a partir de laços afetivos, individuais, retira-se da esfera ‘política’, voltando para si mesma e constituído um domínio próprio - domínio do ‘privado’ do ‘intimo’, do ‘psicológico’” (VIVEIROS DE CASTRO; BENZAQUEN DE ARAUJO, 1977, p.152).

O amor e a ambivalência: o doce sonho ou o eterno pesadelo?

Nesta parte vamos utilizar os aportes de Bauman (2007) e Giddens (1992) para estabelecer as características do amor na contemporaneidade, que parece se caracterizar por oscilar entre a realização total da felicidade e um eterno tormento. Embora os dois autores pareçam ter pontos de conexão em comum, se diferenciam porque o primeiro faz sua análise com um tom um pouco fatídico epessimista, argumentando que a esfera comercial tem envolvido tudo, inclusive os relacionamentos. Por sua parte, Giddens tem um argumento mais otimista, mostrando as vantagens do que denomina “a

transformação da intimidade", que teria dado origem a uma crescente democratização no interior das relações sociais.

Os dois autores estão de acordo que o amor na atualidade tem como principal característica a ambivalência. Embora esta seja uma qualidade que impregna em geral toda a vida moderna, nos relacionamentos sexual-afetivos ela surge com mais força. Bauman mostra, assim, os riscos e os dilemas que se apresentam ao se viver junto ou separado; os relacionamentos sexual-afetivos parecem oscilar "entre um doce sonho e um eterno pesadelo, não há maneira de dizer em que momento um se converte no outro". (BAUMAN, 2003, p. 8) Frases como "até que a morte nos separe" têm perdido o sentido que possuíam antigamente, saíram da moda. Na realidade, hoje se pode amar sequencialmente, não se pensa no amor como uma experiência que se vive com uma só pessoa e que nunca mais se encontrará outra igual. Pelo contrário, o amor passou a ser um termo mais flexível, havendo muitas experiências que se classificam sob este nome (inclusive relações com duração de uma única noite). (BAUMAN, 2007, p. 7-57)

Hoje, o fato de ter vários ensaios amorosos é visto como algo positivo, que produz uma destreza e faz com que seus relacionamentos sejam cada vez melhores, mas nunca perfeitos, pois sempre se vai encontrar a ambivalência entre querer liberdade e não querer solidão. (BAUMAN, 2007, p. 7-57). Embora este autor considere estes dilemas como parte da modernidade, o amor sempre teve esse elemento contraditório. Por exemplo, Simmel mostra que a filosofia platônica do amor sempre o considerou como um estado intermediário entre ter e não ter, como um jogo que tem um ritmo ondulatório do possuir e não possuir, que se faz mais presente na etapa do coquetismo. É óbvio que aqui operam os papéis de gênero, pois as mulheres, embora queiram, devem mostrar que não querem e os homens, ao contrário, devem sempre se mostrar dispostos. (SIMMEL, 2001, p. 94-111).

Segundo Giddens, os homens atuam passivamente na crescente fragmentação dos ideais do amor romântico; de fato, é graças à emancipação sexual feminina e ao deslocamento do âmbito privado para o público que se dá outro sentido à palavra amor. Dado que o amor romântico parecia ter características intrínsecas de igualdade, pois precisava, em tese, de implicação emocional de duas pessoas, o amor romântico conduziu a mulher a uma sujeição doméstica(1993 p. 72-75).

Os relacionamentos, em especial os sexual-afetivos, na atualidade têm-se convertido num assunto bastante complexo, dando origem a uma explosão de especialistas em aconselhamento. Hoje se encontra isto em qualquer parte: basta passar numa banca de jornal para encontrar uma vasta literatura sobre o tema "como ter um casamento feliz", "saiba como cuidar de seus filhos". Nas igrejas, tanto evangélicas como católicas, existem retiros espirituais para casais e na mídia podemos encontrar um sem-número de programas dedicados a estes temas; os jornais impressos, inclusive, possuem seções dedicadas ao aconselhamento.

Bauman explica que atualmente o relacionamento é visto como um investimento que precisa de cálculos e estratégias de avaliação de perdas e ganhos. Assim, quando este começa a gerar "perdas", como qualquer outro "negocio", é melhor acabar e evitar maior "prejuízo". Ainda que considerar o amor como uma transação não signifique que possamos dormir tranquilamente, "se a solidão provoca insegurança, os relacionamentos não parecem provocar algo muito diferente" (BAUMAN, 2003, p. 31).

Além de uma pessoa poder ter vários casamentos, pode ter também vários relacionamentos, inclusive simultâneos. Não estamos, porém, falando de infidelidade, mas sim de acordo entre pessoas, o que tem sido chamado "relações livres", "relacionamentos abertos", "casais semisseparados", "relacionamentos de bolso". Estes são vistos como um ideal de relacionamento em que se rompe a sufocante "bolha do casal", no qual cada um tem seu apartamento, suas contas, seu círculo de amigos e se encontram quando os dois querem, podendo manter inclusive vínculos sexual-afetivos com outras pessoas. (BAUMAN, 2007, p.7-57).

Este tipo de relacionamento, denominado por Bauman de "relacionamento de bolso", é denominado por Giddens como "amor confluente", que pressupõe a igualdade no dar e no receber emocional. Neste tipo de amor os sentimentos masculinos deixam de ser frios e inacessíveis e os homens passam a expressar mais uma vulnerabilidade emocional. Por outro lado, a satisfação sexual se torna um aspecto central no amor confluente, dado que no amor romântico se considerava como algo implícito o fato de se estar apaixonado e sentir satisfação sexual, embora nem sempre isto concordasse com a realidade. Agora se estabelece como algo positivo o cultivo de habilidades sexuais, inclusive para as mulheres. Cada vez menos se fala de mulheres "respeitáveis", sendo a sexualidade um fator que deveser negociado. Também a exclusividade

sexualmonogâmica começa a entrar em desuso, ou está condicionada ao grau de satisfação que cada parceiro do casal considere desejável ou essencial. O amor confluente não tem como ideal a heterossexualidade tal como estava estabelecido no amor romântico. Ele é a base para o relacionamento puro, no qual se pretende encontrar igualdade sexual e emocional entre os parceiros , por esta razão o autor afirma quesuas conotações são explosiva em quanto às formas hegemônicas do poder e do sexo . (GIDDENS, 1993, p.72-75).

Mas a grande diferença entre estes dois autores é que, enquanto Bauman pensa que estas novas formas de amor e relacionamento são o resultado da modernidade líquida, na qual os vínculos humanos se tornam frágeis, ou melhor, estão quebrados e envolvidos pela esfera econômica, para Giddens (1993) podem ser uma saída para se encontrar a igualdade de gênero:

> Ninguém sabe até que ponto o advento do relacionamento puro irá se comprovar mais explosivo do que integrado em suas consequências. A transformação da intimidade juntamente com a sexualidade plástica, promove condições que poderiam provocar uma reconciliação dos sexos. (p. 173)

1.3 O Amor: entre a felicidade e a doença

A partir de século XIX começa a se originar um novo processo paradoxal a respeito do amor. Por um lado, parece que o amor se situa como o tema central da felicidade, veiculado a partir do que se denomina cultura de massa; por outro, existe um processo de medicalização da sexualidade e do cotidiano em geral. O amor faz parte deste processo, situando-se mais uma vez entre os termos de saúde e doença. Ou seja, parece que a oscilação do amor entre o doce sonho e o eterno pesadelo faz com que se tenha plasmado duas imagens extremas e contraditórias no imaginário: o amor como tema central da felicidade construído na cultura de massas, que nem sempre é experimentado na realidade, e o amor excessivo que chega ao ponto da patologização,como é o caso do MADA.

A partir do desenvolvimento dos meios de comunicação no século XX, nasce a cultura de massas, que constitui um corpo complexo de símbolos e imagens, orientadora e modeladora das emoções como toda cultura, tornando-se assim a fornecedora dos mitos condutores do lazer, da felicidade e do amor. Nesta cultura tem-se como aspiração um mundo onde a aventura, o movimento, a ação sem freio, a liberdade de realização

das necessidades ou instintos proibidos (que devem ser atingidos por meio da intensificação das emoções) são valores imperantes (MORIN, 2007, p.90). Nesta explosão discursiva dos sentimentos a felicidade aparece para modelar as expectativas da sociedade moderna e passa de uma aspiração a direito garantido, o que parece entrar em contradição com a sensação de mal-estar e a incapacidade do homem moderno em experimentar a plena felicidade. Esta tensão é resolvida através da "imprensa conselheira", que determina a maneira de se obter e conservar a felicidade mediante a criação de programas de ação, tornando-a previsível e controlada. (CONDÉ, 2010, p. 9-10). O amor é o grande arquétipo dominante da cultura de massa. A partir do *happyend* torna-se triunfal e o tema central da felicidade moderna. No cinema ocidental, por exemplo, o amor parece desembocar no mar livre da realização pessoal, "o filme termina com uma espécie de eterna primavera, onde o amor algumas vezes acompanhado pelo dinheiro, o poder ou a gloria, brilhara para todo sempre" (MORIN,2007, p.93).Desta forma, a mensagem é clara: o amor é tudo, o resto é nada. O amor na cultura de massa tem características próprias, é autojustificado e vencedor, parece ter superado os temas trágicos e melodramáticos, vencendo todos os obstáculos para realizar-se no casal, onde conserva aspectos do amor romântico como valor totalizante, mas perde a virulência desintegradora. Neste contexto, a felicidade parece se situar entre a prioridade dos valores materiais e a prioridade dos valores afetivos. Esta felicidade é consumista não só em relação a bens materiais, mas, no sentido mais amplo do termo, incita a consumir a própria vida. (MORIN, 2007, p.127)

Edgar Morín parece divergir da postura de Bauman, que afirma que a esfera econômica parece ter abrangido tudo, tornando os relacionamentos uma mera questão materialista. Ao contrário, afirma que a cultura de massas impregnou a vida social de um tom onírico e de um erotismo difusos. A publicidade é, quiçá, quem mais aproveita este aspecto, atravessando o caminho que vai da limpeza à beleza e logo ao *sex-appeal*, transformando os produtos de higiene em produtos de sedução, reconciliando a alma com o eros e o amor, dos quais o capitalismo se aproveita incitando assim ao consumo tanto material quanto amoroso. (MORIN, 2007, p. 119-124)

Outra característica importante do amor da cultura de massa apontada por Morin é sua dualidade: por um lado é profundamente mitológico, pois parece superar todos os conflitos, mas por outro é fortemente realista, pois o amor se forja no século

XX como fundamento do casamento, efetuando-se uma osmose amor sexual e amor espiritual, oscilando assim entre o imaginário e o real. Esta cultura de massa parece admitir a síntese de um amor carnal e espiritual, mas não deixa espaço para um amor louco. (MORIN 2007, p. 131-135)

> O imaginário cinematográfico está exatamente no eixo da concepção nuclear do amor, enquanto estão distribuídos pela periferia os amores melodramáticos por demais irreais, os "conselhos" sábios demais, as paixões sensacionalistas loucas demais. O conjunto da cultura de massa constitui um sistema complexo que, ao mesmo tempo, provoca e freia os excessos do amor em favor do amor nuclear". (MORIN, 2007, p.131)

Esse aspecto de superação dos conflitos no plano imaginário é interpretado por Condé (2011) como uma forma na qual o projeto moderno elaborou suas contradições: "o imaginário da comunicação de massa resolveria a tensão permanente entre a felicidade. sua negação na modernidade, entre as contradições e impasses do projeto coletivo e as experiências subjetivas" (p. 98). A modernidade, como já é bem sabido por todos, fracassou em seu projeto de conseguir a felicidade onde as desigualdades seriam superadas através da confiança na razão, sugerindo então que o único lugar onde os objetivos do projeto moderno foram possíveis foi no imaginário da cultura de massa.

André Lázaro mostra que existem dois processos com relação à cultura de massa que parecem contraditórios: massificação e individualização, mas que no final se mostra como um paradoxo lógico que é elaborado pelo mito do amor, que produziria um liame quase imperceptível entre as subjetividades emancipadas e os indivíduos socialmente inscritos, onde os conflitos são resolvidos a partir da psicologizaçãodas questões. Em suas palavras:

> ... na indústria cultural o prazer que o individuo experimenta no amor é sempre o resultado das barreiras de que o próprio individualismo é a expressão. A solidão que o amor promete compartilhar, o vil interesse que o amor deseja destruir, a separação dos corpos e a suas disciplinas que o amor acredita dissolver são, a rigor, expressões, desse mesmo individualismo moderno tal como a busca do interesse próprio, a disciplina do sujeito e o controle de seu corpo.(1997,p.217)

1.4 A medicalização das emoções

Faremos um percurso pelos processos de medicalização, situando-nos no campo emocional, da sexologia e dos modelos "psi". É claro que isto não foi um processo uniforme: pelo contrário, as experiências amorosas vão adquirir múltiplos significados. Mas, na medida em que este estudo se centra num grupo de ajuda mútua, esta vai ser

uma visão muito mais propícia para entender a configuraçãodo amor que se faz especificamente neste grupo.

A partir do século XIX se origina uma explosão discursiva em torno da saúde, processo dado através da aparição de abundante literatura sobre o cuidado dos indivíduos e de sua família. Conceitos de higiene começam a ser centrais para atingir um ideal de boa saúde, repercutindo na capacidade de trabalhar e, por conseguinte, de produção. A medicina, desde o século XVIII, deixa de ser essencialmente clínica e passa a ser social, ocupando-se não só de assuntos relacionados aos doentes e às doenças, como também começa a intervir em campos como a administração da cidade, convertendo-se numa autoridade. Isto esteve acompanhado por mecanismos de administração como cadastros de dados e estatísticas. De igual forma, a mudança dos hospitais como instituições de medicalização já não são só paliativas. Desta maneira os médicos intervêm em assuntos relacionados ao ar, à água, às construções, aos terrenos, ao esgoto, gerando uma paulatina medicalização da população do estado e das cidades. (FOUCAULT,1996, p. 44-50)

De igual forma, a sexualidade também será, desde o século XVIII, objeto do processo de medicalização. Em primeira instância, vai existir uma explosão discursiva em torno do sexo, não como um discurso sobre a teoria da sexualidade, mas sim como uma análise classificatória que toma a forma de pesquisas quantitativas, já não um discurso moral, mas sim racional. Um grande exemplo disto foi o surgimento de uma técnica de poder da população, termo que passa a ocupar um lugar central como problema econômico e social, que tinha seus fenômenos específicos com variáveis próprias, natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado da saúde, frequência de doenças, formas de alimentação e de vivenda. (FOUCAULT, 2005, p. 32)

No coração do problema da população se encontrava o sexo e parecia então quase uma obrigação ter que analisar e classificar outras variáveis: idade de casamento, nascimentos legítimos e ilegítimos, precocidade e frequência das relações sexuais, práticas anticonceptivas, entre outros aspectos. É assim que o sexo começa a participar do olhar de diferentes ciências, entre elas a demografia, a medicina, a psiquiatria (que cria um conjunto de perversões sexuais), e por último, a justiça penal. Aspectos que vão permear a vida dos casais, a relação entre pais e filhos, empreendem a tarefa de proteger, separar e prevenir.Desta maneira se intensificou a consciência de um pregão

latente no sexo, mas que, por sua vez, incitava a falar dele, tentando fingir que ignoravam aquilo que proibiam (FOUCAULT, 2005, p. 44)

A medicalização do século XIX vai iniciar um processo de deslocamento de diferentes aspectos da vida cotidiana, como a sexualidade e os estados emocionais, da esfera moral para o âmbito da saúde. Poder-se-ia inclusive afirmar que a medicina vai se forjar como uma nova autoridade moral, que julga o certo e o errado, que dissolve o controle da moral por parte da igreja deslocando-o para o campo de saberes como a medicina e as disciplinas "psi" (psicologia, psiquiatria, psicanálise).

1.5 Dois exemplos de medicalização emocional: a Acídia e o crime passional

Deseja-se mostrar rapidamente alguns casos nos quais se podem observar os variados matizes do processo de medicalização. Já se comentou aqui que no século XIX houve uma explosão dos discursos de patologização. Contudo, muito antes disso já se podia assinalar exemplos de transformações desse tipo, como no caso da acídia, que mostram como estados emocionais de aflição foram vistos como pecado e hoje os mesmos estados são classificados sob o rótulo de depressão (JACKSON, 1985, p.43-62).

A acídia, que desde os primórdios da igreja cristã fez parte da lista inicial dos pecados capitais, teve seu advento nas experiências de monges do deserto egípcio perto de Alexandria. Durante a Idade Média parece oscilar entre as categorias de aflição e ociosidade, muitas vezes vista como perda de fervor e de interesse pelos assuntos de Deus. No final deste período, alguns casos de acídia foram relacionados por autores religiosos como uma desordem mental, a partir de um marco médico, o que implicou um grau inferior de pecado e uma redução da responsabilidade, permitindo-se julgar com menos severidade. Mas é nos séculos XV e XVI, com a crescente secularização da vida cotidiana, a perda do poder por parte da igreja para oferecer explicações sobre o comportamento humano e a emergente ascensão do protestantismo, que a acídia se afasta da visão como pecado e se consolida como uma espécie de melancolia com implicações clínicas (JACKSON, 1985, p.43-62).

Nesta mesma linha de patologização podemos situar o crime passional, para observar outro tipo de construção das emoções como patológicas. Miriam Jimeno

(2004), a partir do estudo comparativo entre o Brasil e a Colômbia sobre o crime passional, concluiu que os relatos por parte dos agressores, de suas famílias e dos entes judiciais parecem circular três ideias centrais: que a violência explode, que é um ato de loucura e por último, que é um ato por excesso de amor.Estes últimos dois aspectos, a loucura e o excesso, parecem se conjugar para mostrar um amor doentio, a emoção então parece estar fora do controle, envolvendo o sujeito, levando-o a ter uma perda temporal da razão. (JIMENO, 2004, p. 47-126).

As narrativas de loucura e excesso de amor circulam ativamente nos discursos em torno ao crime passional , podendo servir como atenuante durante o julgamento ou, às vezes, os advogados defensores usam como ferramenta para procurar a imputabilidade por loucura, pelo menos para os casos onde o homem é o agressor. Este recorte de gênero concorda com uma ideia presente que se relaciona com os chamados códigos de honra masculinos que operam nas sociedades colombiana e brasileira e que de fato esteve presente nas legislações dos dois países até metade do século XX, onde a ira e a intensa dor eram motivos para absolviçãopenal. Apesar de poucos advogados se atreverem a invocar a defesa da honra, a busca das emoções como atenuantes se faz mais intensa. (JIMENO, 2004, p. 127-179)

Porém, para os casos das mulheres não opera a emoção como atenuante. Miriam Jimeno demonstrou que nos casos das agressoras não foram levadas em conta as emoções como atenuantes; pelo contrário, a velha noção que associa o masculino à razão e o feminino à emoção parece se inverter no crime passional e geralmente parece latente o discurso no qual as mulheres são mais calculistas, que planejaram o ato com antecedência, ao contrario do homem, que teria um momento de explosão de violência. Desta forma, as mulheres foram julgadas, mais que pelo crime em si, porque cometeram transgressões às normas de gênero, uma delas por ser fria e vaidosa, já que tinha feito uma cirurgia plástica (aspecto que foi bastante circulado durante o julgamento) e pelo fato de ter um amante, e outros dois casos em que a mulher foi julgada como cúmplice de um crime, ocupando o lugar da amante e transgredindo a proibição de se relacionar com um homem casado, aspecto que parece ter sido determinante durante seus processos (JIMENO, 2004, p. 127-179).

A narrativa do excesso de amor que faz com que o agressor no crime entre num momento de loucura e fique assim presa de um sentimento patologizado, diminui as

responsabilidades e granjeia certa leniência da sociedade . Embora se considere um ato abominável, parece que a pessoa agressora é um criminoso que não representa perigo para a sociedade, o que também permite veicular a ideia de que qualquer pessoa pode entrar num descontrole emocional e cometer atos violentos. Desta forma, o criminoso parece sair da linha da normalidade sendo descrito pela sociedade como um ser doente, retirando os atributos do humano e colocando-o num estado de alteridade absoluta. Com isso, se inibem os mecanismos de punição e reparação, pois a intenção, que é a peça-chave sobre a qual opera o dispositivo jurídico moderno, parecesair de cena (JIMENO, 2004, p. 127-179).

Por outro lado,parece que este discurso mostra a aceitação de certa ideia de ambiguidade na vida sentimental dos casais, que supõe um transito entre o amor e o ódio como uma romantização do crime, convertendo-o num ato até poético, atribuindo-o a uma doença do sentimento. (JIMENO, 2004, p. 127-179)

1.6 **A sexologia e os modelos Psi**

Como explica Catherine Lutz, tanto a sexualidade quanto a emoção parecem estar dominadas por um modelo biomédico, são vistas como universais e impulsos naturais, tomadas como formas saudáveis ou doentias e estão sob o olhar do saber médico ou psicológico (LUTZ, 1990, p.72). As profissões “psi” (psiquiatria, psicanálise, psicologia) vão exercer um domínio sobre o corpo e um gerenciamento emocional muito similar ao da medicina, diferenciando-se desta por pregarem mais para a libertação do que para a repressão, sobretudo nas últimas décadas. (RUSSO, 2002).

Os estudos desenvolvidos por Jane Russo e Sergio Carrara(2002) sobre a construção do campo da sexologia mostram que a sexologia tem se dedicado paralelamente tanto a aplacar como a aguçar a sexualidade, assim como as profissões “psi”. De fato, a sexologia da segunda “onda” parece não se opor à crescente politização da sexualidade, pois, por exemplo, deixa-se de lado o estudo das perversões e presta-se mais atenção terapêutica às sexualidades periféricas como os casais homossexuais, o que vai fazer com que tenham inclusive influenciado a reforma sexual.

No Brasil, como mostra Jane Russo (2002), os primórdios da introdução dos modelos de psicanálise vão estar vinculados aos projetos pedagógicos e higiênicos, o

que está relacionado a um desejo das elites brasileiras em resolver os problemas de um país doente e analfabeto a partir de uma solução racional. A grande propagação dos modelos psi, em especial da psicanálise,ocorrera nos anos 70:

> Nesse momento, a psicanálise que já vinha se difundindo desde os anos 30, conquistou definitivamente os corações e mentes das camadas medias letradas dos grandes centros urbanos. Assistiu-se a uma verdadeira corrida ao divã. As análises em grupo proliferam, para atender à crescente demanda daqueles que não podiam pagar as caras sessões individuais. Nas rodas intelectuais da Zona Sul carioca cada um tinha o "seu" analista. Os psicanalistas começaram a frequentar a mídia, a TV, e, como personagens, as novelas. As pessoas se interessavam por psicanálise, consumiam psicanálise e começavam a pensar sobre si mesmas a partir da psicanálise. Termos técnicos como complexo de Édipo, inveja do pênis, superego e fases oral/anal/fálica se popularizam. As pessoas eram ou ficavam "obsessivas", "deprimidas", "paranoicas", "reprimidas". (RUSSO, 2002, p.39)

Parece paradoxal a existência de uma doutrina tão libertária no contexto de obscurantismo político, dada a ascensão da ditadura militar. Muitos interpretam este sucesso explicando que o impedimento pela preocupação com o que está de fora, devido à repressão, faz com que as pessoas se preocupem exclusivamente com o que está dentro, o que se poderia entender como uma despolitização. Jane Russo considera isto uma explicação simplista e mostra que, na verdade, este processo está associado a um movimento de contracultura, que vai gerar outro tipo de politização: "esse outro modo de se entender o político voltava o sujeito para dentro de si mesmo, levando-o a repensar suas pequenas atitudes cotidianas, suas escolhas mais intimas, seu modo de ser" (RUSSO, 2002, p.41). Com isto, aspectos considerados menores vão entrar no campo político:serão debatidas assim questões de gênero, raça e sexualidade. A classe como aspecto hegemônico de explicação das desigualdades vai perder progressivamente sua centralidade (RUSSO, 2002, p.38 -43).

Por último, em relação aos modelos "psi", é interessante observar que seu êxito e propagação na sociedade brasileira se devem a que, ao invés de ditar regras claras de comportamento,ensinam uma nova forma de encarar a si mesmo e aos outros, para, em um deslocamento do olhar do sujeito para dentro de si, levar a uma busca de uma vida mais plena, através de suas próprias escolhas. (RUSSO, 2002, p. 9).

Neste mesmo contexto podem se situar os grupos de ajuda mútua que também contribuíram para o processo de psicologização devido a seu baixo custo, quase gratuito. Podemos afirmar que ajudaram na democratização dos argumentos dos

modelos “psi”. Segundo Giddens, os manuais e os grupos de autoajuda[7] podem ajudar na reconciliação dos sexos contribuindo para modelar o processo de reflexividade a partir da ênfase no desenvolvimento do self, distanciando-se de Foucault, que acredita que as terapias em geral são formas de controle. Giddens vê neles um poder instrumental, considerando-os como emancipatórios devido a que podem liberar os indivíduos de influências que bloqueiam seu desenvolvimento autônomo. (GIDDENS, 1998, p. 40; ZAMBONI, 2010, p.138)

1.7 Os grupos de Ajuda Mútua

Os conceitos de ajuda mútua e autojuda muitas vezes são usados indiscriminadamente, gerando assim confusões e misturando diferentes fenômenos em um só pacote. Isto em parte se deve a que na prática os grupos usam ferramentas de vários tipos, o que dificulta a tarefa de estabelecer diferenças exatas, como é o caso do MADA. Possuem, porém, grandes diferenças, em especial a nível terapêutico, como veremos mais adiante. Começaremos explicando um pouco da história e as características dos grupos de “ajuda mútua”, tentando diferenciá-la da “autoajuda”.

Tanto a autoajuda quanto os grupos de ajuda mútua nascem a partir da formação do grupo Alcoólicos Anônimos, AA, (VILLALBA, 2003) fundado nos Estados Unidos no começo da década de 1930 por dois homens, um corretor da bolsa chamado William Griffith Wilson (BILL W.) e o médico Robert Holbrook Smith (Dr. Bob), que tinham sido integrantes de um grupo similar ao AA, porém de corte mais moralista. Estes dois homens se unem para fazer um grupo que se diferencie por categorizar esta dependência como uma doença e não como um desvio moral, não satanizando o álcool, mas sim defendendo a tese de que existem algumas pessoas que não conseguem controlar sua maneira de beber (MOTA, 2003; LOECK, 2009; TADVALD 2006). A partir de conversas sobre os estragos ocasionados pelo álcool em suas vidas, Bill e Bob começaram a perceber que compartilhando suas experiências se faziam um ao outro mais forte, permitindo-lhes evitar o primeiro gole. A ideia primordial dos fundadores era criar um grupo para pessoas com adição ao álcool, que através da interação com

[7]Giddens não diferencia os grupos de ajuda mutua dos grupos de autoajuda.

pessoas que sofriam dramas parecidos e que com apoio coletivo lograram por si só superar este problema[8].

Em 1939 se publica pela primeira vez o livro de Bill W. chamado "Alcoólicos Anônimos", que continha os doze passos da recuperação. Neste mesmo ano, Bob fundou a junta de custódios, que posteriormente será denominada de Junta de Serviços Gerais de AA, encarregada de oferecer informação e distribuir o livro.

A partir deste começo, ocorreram dois processos que deram origem à diferenciação que se quer propor neste escrito: o livro dos doze passos influenciou a criação de uma série de livros e fitas de vídeo, em um tipo de discurso que posteriormente será chamado de "autoajuda". Por outro lado, a adaptação do mesmo formato de reunião e de recuperação do AA para outros tipos de problemas "como neurose, drogadição, compulsão por sexo, por comida, por jogos de azar, por compras, por relacionamentos autodestrutivos, entre outros" (LOECK, 2009, p.68), produz os grupos denominados de "ajuda mútua". É claro que fazer esta diferenciação pode resultar um pouco perigoso, visto que existem múltiplos matizes e misturas em seu interior; por exemplo, muitos escritores de livros e palestrantes da autoajuda foram membros de grupos de ajuda mútua como Narcóticos Anônimos e AA; algo parecido acontece com MADA, que surge da combinação entre o livro de autoajuda "Mulheres que Amam Demais" e a adaptação dos princípios dos doze passos e doze tradições do AA.

Contudo, a grande diferença entre autoajuda e ajuda mútua é o método terapêutico. A primeira se refere mais a uma prática individual e solitária que inclui as técnicas de "faça você mesmo", que se reproduzem por meio de fitas, livros e conferências de experts. Na autoajuda se recorre a recursos internos e ao poder de cura dentro de si mesmo, de sua experiência vivida. Segundo Marcelo Tadvald, a denominação "autoajuda" foi tomada de um livro que levava o mesmo nome, *best-seller* na época. O autor também afirma que, embora hoje o termo às vezes seja usado para os grupos que utilizam os doze passos, está mais associado a um tipo de literatura específica orientada para encontrar êxito econômico e em suas relações pessoais. Também existem grupos de apoio que se diferenciam por ser dirigidos por profissionais, embora também incorporem as técnicas dos doze passos (TADVALD, 2006; MOTA,

[8](op.cit.).

2002; BORKMAN, 1994). Por sua vez, nos grupos de ajuda mútua o método terapêutico está baseado no princípio da reciprocidade denominado “terapia do espelho”, que se encontra envolvido pelo espírito da dádiva, onde “o dar se confunde com o receber” (BORKMAN, 1999, p.14). As reuniões se constroem como espaços rituais de trocas de experiências; ali, além de se desafogar perante um público ouvinte que se identifica com o falante, pois padece dos mesmos sofrimentos, este público está se ajudando enquanto escuta os depoimentos. Esta identificação é de suma importância, pois é o eixo de articulação das inter-relações. Se não fosse assim, poderíamos imaginar a existência de um só grupo de ajuda mútua que curaria todos os problemas (MOTA, 2003; LOECK, 2009; TADVALD 2006).

Embora para esta pesquisa se considere fazer uso de tal distinção, há autores e autoras, como Anthony Giddens (2005) ou ThomasinaBorkman (1994), que usam o conceito “grupos de autoajuda” referindo-se aos grupos de ajuda mútua. Borkman faz a mesma distinção feita linhas atrás, porém explica que preferiu o termo “autoajuda” poisune dois princípios fundamentais que se expressam a partir de uma frase muito frequente nas irmandades: “só você pode fazê-lo, porém não pode fazer só”. Aqui se “produz uma forma especial de interdependência na qual o indivíduo aceita autorresponsabilidade dentro de um contexto de ajuda mútua,os indivíduos tanto mantêm independência quanto ajudam aos outros”. (1994, p. 5).

Jacques Godbout (1997) entende que os grupos de ajuda mútua são uma prova fidedigna da existência da dádiva na modernidade. Embora o vínculo se estabeleça por um propósito claro de solução de um problema e não pelo prazer do vínculo como tal, é no vínculo que se encontra a solução. Centrando-se no AA, o autor explica que este grupo está envolvido pelo espírito da dádiva no modelo e no funcionamento, pois lá os membros devem aceitar tanto sua condição de alcoólatra quanto sua incapacidade de superar este problema sozinho, rompendo com o narcisismo do sujeito moderno.

Por sua vez, Loeck (2009) afirma que a circulação da dádiva tem um elemento peculiar nos grupos de ajuda mútua, “já que necessita de uma grande carga de comprometimento e engajamento individual”, constatando que no

> processo de recuperação cada um deve cuidar de si próprio, sem interferir na vida dos outros participantes. Vivenciar a recuperação à sua maneira e compartilhar com os companheiros seus erros e acertos, perdas e ganhos, é a forma de fazer a dádiva circular, e não dizendo aos outros: você deve fazer assim. (p. 64)

1.8 Os grupos de ajuda mútua e o indivíduo moderno

Nesta pesquisa, o propósito é analisar as gramáticas emocionais que configuram o tipo do amor que prega o grupo MADA. Em primeiro lugar, neste grupo, apesar de se usarem os métodos do AA, que tem como princípio básico o espírito da dádiva, como se expôs linhas atrás, existe outro elemento da "recuperação", que é o livro de autoajuda que deu origem ao nome do grupo. A partir do seguinte escrito, o qual é uma das dez promessas da recuperação, extraído do dito livro, poderemos observar como o objetivo final a se atingir no grupo é um sujeito individualizado e controlado:

> Valorizamos cada parte de nós mesmas: nossa personalidade, nossa aparência, nossos valores e crenças, nosso corpo, nossos interesses e logros. Fazemos uma auto-avaliação, no lugar de procurar uma relação que nos proporcione um sentido do nosso valor... Possuímos autoestima suficiente para desfrutar da companhia dos outros, especialmente dos homens, que aceitamos do jeito que são. Não precisamos que eles sintam necessidade de nós para que possamos nos sentir dignas."[9]

O segundo aspecto está dado no fato de que, precisamente, o problema destas pessoas está nos relacionamentos, elas amam "demais" ou, em outras palavras, querem criar vínculos em demasia e transbordantes, e o objetivo do grupo é que o indivíduo aprenda a se relacionar "controladamente", devendo-se centrar o foco no indivíduo participante. O fato de ajudar a outros é secundário, pois isso é só o resultado de ter-se ajudado a si mesma.

Considero que a existência destes grupos comprovam os avanços da sensação de individualização, o que parece contraditório em relação à ideia anterior , na qual concordamos que as irmandades anônimas são uma prova da existência da dádiva na modernidade. Porém, consideramos que um aspecto não exclui o outro. Como explica Norbert Elias (1994), a individualização gerou a possibilidade de ver-nos, de refletir, de pensar sobre nosso próprio pensamento, mas o problema agora é não ter com quem conversar sobre aquilo que refletimos. A vida moderna está caracterizada pela rapidez, por um mundo que se absorve no trabalho, nas obrigações, por isso precisamos criar horários e um local com infraestrutura básica para reunir pessoas dispostas a conversar. Isto fica bem retratado no filme "O Clube da Luta", cujo protagonista era o protótipo de homem moderno: solteiro, com um trabalho de escritório numa companhia de seguros

[9]http://www.grupomada.com.br/janela_literatura.php?lit=9 consultado: 5 de janeiro de 2011

de automóveis, comdinheiro suficiente para comprar tudo o que o mundo lhe oferecia, porém solitário. Decide assistir a diferentes grupos de ajuda para curar um problema de insônia de que padecia. O interessante é que os grupos tratavam outras doenças não relacionadas com seu problema, mas consegue curar seu problema a partir da libertação emocional que oferecia o vínculo social. Poder-se-ia afirmar, seguindoTadlvald (2006), que o grupo além de "recuperar por determinado problema, recupera uma sociabilidade muitas vezes diluída na sociedade moderna." (p. 29).

Hoje no mundo se estima que "três milhões de pessoas participam em grupos para tratar doenças e comportamento autodestrutivo" (MOTA:2002,p.3) e que têm adaptado os doze passos e as doze tradições. Esses grupos se caracterizam por ser associações voluntárias, sem hierarquias fixas, com estrutura que permite tanto sair quanto entrar facilmente ou trocar e inclusive fazer novos grupos e espaços de sociabilidade onde se podem estabelecer relações íntimas. Os grupos de ajuda mútua tratam de aspectos de diferente índole tais como doenças crônicas, adições e problemas emocionais; podem inclusive existir várias orientações para um mesmo assunto. Por exemplo, nos Estados Unidos há grupos de ajuda para gordos que desejam ser aceitos como tal, existindo outros especializados em pessoas com sobrepeso que desejam emagrecer (BORKMAN,1999). São organizações sem intenção de lucro, que não aceitam doações externas nem ajuda governamental e se auto-sustentam com as colaborações de seus membros.

Por último, se deseja ressaltar a importância dos grupos de ajuda mútua, dado que nem a mídia, nem as entidades governamentais, nem as pesquisas têm dado a atenção que merecem. O surgimento destes grupos se dá por causa da incapacidade das entidades governamentais em prestar suporte a problemas com adições ou de ordem existencial. Embora eles não procurem mudanças na sociedade, mas sim transformações individuais de seus membros, na sociedade atual "um número muito maior de pessoas pertencem a grupos de autoajuda do que a partidos políticos" (GIDDENS, 2005, p.25) e junto aos movimentos políticos possibilitaram um espaço para o debate sobre condutas sociais que não eram discutidas anteriormente. Por esta razão, estes grupos possuem um papel importante na democratização das relações sociais, em especial na vida pessoal. Cordeiro apud Mota afirma: "as organizações de ajuda mútua partiram para a

globalização, descentralização, espírito público não estatal e ação cidadã muito antes que a sigla ONG se tornasse popular.” (MOTA, 2002, p. 24).

2 A ETNOGRAFIA REFLEXIVA

A palavra subjetividade, tanto no espanhol quanto no português, duas línguas com as quais convivo cotidianamente, tem dois significados: por um lado, o relativo aos sujeitos e por outro, como antônimo de objetividade. Estas duas acepções têm relação direta com minha pesquisa a nível epistemológico e metodológico, dado que como projeto de vida acadêmica me propus estudar os processos de construção de sujeitos através de um enfoque etnográfico que pressupõe a não existência da objetividade, mas sim um envolvimento da pesquisadora no campo de um modo que denominarei reflexivo.

A questão da não objetividade na antropologia faz parte de um debate que começa a surgir desde os anos setenta, que de alguma forma está relacionado com o impacto da publicação do diário de Malinowski onde o mito do pesquisador "semicamaleônico" e "científico", totalmente objetivo e empático com seus informantes, foi derrubado.SegundoGeertz isto foi apenas a dramatização de uma série de problemas metodológicos que se apresentavam de diferentes formas:

> ...descrições que são vistas "de dentro" versus as que são vistas "de fora", ou descrições "na primeira pessoa" versus aquelas "na terceira pessoa"; teorias fenomenológicas versus objetivistas, ou "cognitivas" versus "comportamentais" e, talvez mais comumente, análises "êmicas" versus análises "éticas"... (1997, p. 87)

O mito construído no início da institucionalização do ofício etnográfico, que estava influenciado pelo espírito colonialista onde sujeitos pesquisavam objetos, foi se transformando junto com a incursão da antropologia noutros campos diferentes dos grupos aborígenes localizados em lugares distantes da Europa e Estados Unidos, não só porque se começa a fazer uso da antropologia para estudar as sociedades urbanas do ocidente, mas também porque nos lugares periféricos começa a se institucionalizar a formação de antropólogos/as que passarão a fazer campo em seus próprios países. Em décadas mais recentes surgiriam tendências que colocariam o pesquisador como objeto mesmo, denominado autoetnografia.

Este processo suscita uma mudança na relação dos/as etnógrafos/as com objetos vistos agora como sujeitos. Tal relação é tomada como uma negociação construtiva entre sujeitos conscientes e politicamente significantes; a etnografia, então, se produz

entre a polifonia e a intersubjetividade dos sujeitos participantes da cena social (CLIFFORD, 1991). Neste mesmo sentido William Foote-Whyte (2005), em trabalho hoje clássico, explica que é um erro situar a pesquisa etnográfica a um nível puramente lógico-intelectual, negando que o pesquisador também seja um animal social e o fato de passar longos períodos no campo faz com que seja inevitável que sua vida pessoal se veja envolvida com a pesquisa. Nesta linha se situa o enfoque metodológico que desejei incorporar na pesquisa, que como veremos mais à frente está relacionado com os diferentes trânsitos atravessados durante minha formação acadêmica.

2.1 Aproximação do campo: posicionamento reflexivo como um enfoque metodológico

A construção de um objeto de investigação por parte de uma pesquisadora não é um fato espontâneo.Este é um processo longo que obedece a diferentes escolhas e que está influenciado por aspectos sociais e contextuais da própria antropóloga. Com a intenção de situar o leitor e oferecer uma melhor compreensão, desejaria fazer um percurso sobre a maneira pela qual me aproximei e construí o campo da ajuda mútua e especificamente o grupo MADA como meu objeto.

No meu caso, a construção do objeto e, sobretudo, a aproximação do grupo esteve influenciada por aspectos metodológicos aprendidos durante minha formação como antropóloga. Desde os primeiros períodos da graduação comecei a trabalhar como estagiária no grupo de pesquisa *Subjetividades contemporáneasen América Latina*[10]. Neste coletivo, além de gerar um interesse pelo universo das subjetividades, também tive um treinamento metodológico, pois o grupo tinha uma forma particular de fazer etnografia, na qual incorporava o conceito da reflexividade, participação observante, e autoetnografia.

Os projetos nos quais participei tinham como objeto de estudo os jovens estudantes da *Universidad Nacional de Colombia* e como propósito recrutar estagiários dos cursos de antropologia e sociologia, para que se inserissem em grupos artísticos, esportivos, acadêmicos, religiosos e políticos, com a finalidade de atuar como pesquisadores situados, o que implica a criação de um si sobre o mim pesquisador, onde

[10] Grupo de pesquisa da Universidad Nacional de Colombia, coordenado por Carlos PinzónCastaño y Gloria Garay

se explicitavam as emoções e categorias com as quais a sociedade se encarna no pesquisador. Em resumo, tentou-se fazer prática a denominada antropologia inversa, termo de Marc Augé, que consistia em aplicar nos pesquisadores os mesmos instrumentos que se aplicariam nos sujeitos da investigação. Desta forma, a reflexividade se configurou como principal ferramenta de pesquisa. Este conceito é entendido a partir de Rosana Guber como a consciência do pesquisador sobre sua pessoa e os condicionamentos sociais e políticos, as determinações inerentes à postura intelectual mesma, de modo que os fatos sociais surgem da relação e conversação entre o pesquisador e os sujeitos de estudo. Poder-se-ia então afirmar que há três tipos de reflexividade: *a reflexividade* enquanto membros de uma sociedade ou cultura; *a reflexividade* do investigador levando em conta suas perspectivas teóricas, seus interlocutores acadêmicos, seus habitus disciplinares e seu epistemocentrismo e, por último, *a conversação entre a reflexividade do sujeito investigador e a do sujeito investigado*, de modo que o resultado do conhecimento é a teoria emergente e co-construída" (GUBER, 2001, p. 48 – 50; PINZÓN; GARAY, 2003, p. 267)".

Rosana Guber baseia sua argumentação da reflexividade no enfoque etnometodológico, no qual afirma que as descrições sobre a realidade não só informam sobre ela, como também a constituem. Na medida em que os sujeitos falam e atuam, vão produzindo e definindo seu mundo e a racionalidade do que fazem. Os pesquisadores sociais usam os mesmos métodos que os atores para conhecer, descrever e atuar no seu campo, só se diferenciando porque o pesquisador tem controle da reflexividade e a articulação da teoria com o campo. De igual forma, a presença do pesquisador vai constituir as situações de interação da mesma maneira que a linguagem constrói a realidade; o pesquisador então se converte no principal instrumento de pesquisa e de produção de conhecimento, de maneira que os dados de campo não se revelam ao etnógrafo, mas sim no etnógrafo. (GUBER, 2001, p. 45-47)

Nesta ordem de ideias, tive que me inserir num grupo e escolhi então um grupo musical denominado tuna. Estes coletivos, que existem em Portugal, Espanha e América Hispânica, são de origem espanhola e cantam músicas como*pasodobles* e boleros, participam também em serenatas e festivais. São vistos pela maioria das pessoas, em especial os jovens, como bizarros, ridículos e fora de moda. Tive que entrar no grupo e fazer parte dele, descobrindo que o que parecia um simples coletivo artístico na

realidade era quase um grupo marcial feminino, onde não era importante só o aspecto musical (de fato este às vezes parecia o menos significante). As integrantes deveriam atravessar diferentes etapas, constituídas por uma série de duras provas físicas e morais para atingir o último estágio, que suporia uma transformação de si. E assim, além de suportar as gozações de meus colegas de faculdade, tive que enfrentar duras sessões de exercícios físicos e humilhações morais, pois se supunha que o principal valor a cultivar era a humildade. Ao mesmo tempo, no grupo de pesquisa deveria aplicar as ferramentas metodológicas, fazendo reflexões de minha vida pessoal, sendo entrevistada pelos professores e coordenadoras, exercícios que tiveram um impacto emocional bastante significativo.

O período no grupo musical passou e comecei a fazer minha monografia de graduação. Decidi incorporar elementos da reflexividade no meu estudo sobre a subjetividade, o que foi muito importante para levar a cabo a pesquisa, devido ao fato de que eu comecei a estudar um grupo protestante que queria tornar práticas algumas concepções teológicas contemporâneas, visando construir uma igreja libertária com um lema principal: “não dogmas”. Novamente entrei como uma integrante do grupo. Mas a dupla posição gerou tensões bastante complexas, pois em alguns momentos foi difícil assumir a condição de investigadora, com meu lugar como integrante predominando. Além disso, no diálogo pesquisadora-pesquisados a balança pareceu se inclinar mais para o lado destes e meu lugar como etnógrafa parecia estar desaparecendo, em parte porque eu era a mais jovem do grupo, com menos preparação acadêmica e nível econômico mais baixo, frente a sujeitos que, além de possuir doutorado e serem professores universitários, tinham um amplo domínio da teologia. Por muito tempo durante a escritura da monografia não conseguia observar as relações de poder/saber apresentadas no grupo. Além de colocar à prova as três reflexividades propostas por Rosana Guber (sócio-culturais, epistemocentrismo, diálogos entre pesquisadores e pesquisados), explorei uma última reflexividade que consiste em fazer uma contínua observação da forma sobre a qual estamos refletindo. Desta forma, dediquei um capítulo a refletir sobre minha formação acadêmica, espiritual e a forma na qual estava incorporando a reflexividade produzida a partir do diálogo com sujeitos investigados, para assim conseguir escrever os demais capítulos, buscando obter um equilíbrio entre as vozes deles e a minha. (PARDO, 2009)

2.2 **Construindo o objeto da dissertação**

Antes de escolher o grupo com que faria minha pesquisa de graduação, a *ComunidadMenonitadel Norte,* transitei por vários grupos protestantes neopentecostais. Nesse lugarobservei que um aspecto característico do discurso era a superação pessoal e o êxito, semelhante ao discurso da autoajuda. Assim, comecei a interessar-me por este campo, vendo nele um espaço frutífero para observar os processos de construção de sujeito, percebendo também que as ideias deste tipo de literatura estavam presentes nos discursos de uma boa parte de meu círculo de amigos, parentes, colegas de trabalho e de faculdade, onde expressões como "atitude positiva" e "êxito" eram muito comuns, sendo inclusive objetivos a se atingir. Porém, muitas destas pessoas nunca tinham lido livros de autoajuda, nem visitado grupos de ajuda mútua, ou seja, sem estar muito mergulhados no tema conseguiam expressar os principais argumentos.

Comecei a ler estudos realizados sobre o tema e percebi que a maioria analisava a literatura, mas minha intenção era ver como os discursos da autoajuda eram internalizados na construção da subjetividade, fazendo uma revisão dos possíveis espaços onde se poderia fazer a observação no Brasil. Assim, encontrei nos grupos de ajuda mútua um lugar adequado para fazer o estudo, especialmente no MADA, pois eu conhecia o livro "Mulheres que Amam Demais", muito popular no meu país. Minha primeira aproximação com o grupo foi feita de Bogotá, através do site: enviei uma mensagem, manifestando meu interesse e comecei a ler os textos lá colocados.

Um dia após minha chegada ao Rio de Janeiro fui conhecer um dos grupos localizados nesta cidade. Devido aos meus escassos conhecimentos de português, a visita não foi muito produtiva, pois não entendi muito. Decidi esperar um pouco, me familiarizar com a língua, para então voltar à reunião, e assim, em setembro de 2010 decidi tentar novamente uma aproximação, já com um pouco mais de fluência no idioma. Falei com a coordenadora da reunião, me apresentei como estudante do mestrado em Ciências Sociais da UERJ interessada em fazer uma pesquisa sobre o grupo. Ela me explicou que na reunião só poderiam participar membros que se identificassem com a doença de amar demais, que havia algumas reuniões abertas às mulheres alheias à irmandade ou que só estavam interessadas em conhecer, mas que esta reunião era fechada. Perguntou-me se eu também queria fazer parte do grupo e,

desta forma participar de todas as reuniões e também fazer minha pesquisa sobre minha experiência no grupo. Respondi que sim e após a chegada de mais integrantes do grupo a coordenadora colocou em votação se eu poderia permanecer na sala como pesquisadora. As demais participantes me perguntaram sobre o que exatamente eu queria pesquisar e respondi que sobre o amor e os relacionamentos sexo-afetivos. Elas votaram a favor da minha permanência na sala.

Nesse momento eu aceitei entrar no grupo nessa condição, porque isto que a coordenadora me propôs, muito provavelmente sem o saber, era basicamenteoenfoque da reflexividade; a partir de minha experiência poderia fazer a pesquisa. Depois de muito tempo percebi vários aspectos que diziam respeito a essa escolha, como que o fato de não me deixarem entrar sem admitir minha autodenominação como MADA já era um dado da própria pesquisa, pois mostrava a importância da identificação para o grupo. Por outro lado, tive a oportunidade de ver em duas ocasiões pessoas que se apresentaram como pesquisadoras sociais de diferentes universidades públicas, que levavam inclusive uma carta de apresentação assinada por ditas instituições; a elas foi negado o acesso ao grupo, sob o argumento de que só poderiam permanecer na sala as mulheres que se identificassem. Elas foram encaminhadas para falar comigo, pois eu estava “escrevendo um livro sobre o MADA”, mas nenhuma delas me procurou.

2.3 **Entre emoção e cognição**

Desejo deixar por um momento o relato sobre meu posicionamento no campo para explicar um aspecto que me ajudou na coleta das informações e na interpretação dos dados coletados. A partir da linha da antropologia das emoções Catherine Lutz (1988) tem estudado a forma como a sociedade ocidental concebe a experiência emocional, analisando assimuma série de oposições situadas em dois eixos principais: emoção/pensamento e emoção/distanciamento.No primeiro, que é o que mais nos interessa para esta argumentação, há vários rótulos apresentados como pares de oposições: afeto/cognição, paixão/razão, sentimento/pensamento. estas oposições possuem uma forte marca de gênero, onde os rótulos relacionados com a emoção sempre estão associados ao feminino em oposição aos da razão, associados com o masculino. (COELHO, 2010; LUTZ,1988).

Embora estas oposições sejam reforçadas na psicologia e na filosofia e estejam presentes o tempo todo no senso comum, trabalhos feitos na antropologia das emoções e na antropologia cognitiva mostram que na cena pública existe uma articulação entre cognição/emoção, presente, por exemplo, nos movimentos sociais, em especial no concernente à motivação e agência individual, ou seja, cognição se articula com a emoção no indivíduo para a ação. (COELHO, 2010) .

A partir da Antropologia cognitiva, autoras como Claudia Strauss e Naomi Quinn (1994), influenciadas pela teoria da prática de Bourdieu, têm construído um modelo conexionista propondo um arquétipo da mente que articula a emoção, motivação e as forças sociais que modelam e são modelados pelas pessoas, que se baseia em representações internalizadas que não são regras rígidas; pelo contrário, são uma rede flexível de associações, onde os pensamentos e ações não se tomam da realidade diretamente, mas sim por protótipos aprendidos que permanecem na memória onde as sensações como as visões, os sons, os cheiros fazem parte da forma como entendemos. As autoras usam a analogia com as unidades neuronais nas quais existem redes especializadas, e também há outras redes que se ativam e se desativam de acordo com a combinação de estímulos e determinadas mensagens.Da mesma forma, nos esquemas culturais não existe um ensino intencional, dado que o aprendizado é flexível de acordo com a situação, e surge no transcorrer da cotidianidade. Não se deve confundir com os esquemas computacionais baseados em poucas regras, mas sim em esquemas que podem se transformar dependendo de reações subjetivas, que poderiam até torná-los improvisados e espontâneos. (JIMENO, 2004)

Minha proposta então é aplicar estas argumentações teóricas ao ofício etnográfico. De fato, metodologicamente as emoções sempre foram presentes no trabalho de campo, como afirma Roberto DaMatta (1981, p.30) parafraseando Levi-Strauss “os sentimentos e as emoções são os hóspedes não convidados da situação etnográfica”. Nesta pesquisa poderíamos afirmar que foram os convidados de honra na forma como se interpretou e se recolheu os dados, pois considero que resulta contraditório pensar um modelo teórico que observa as emoções fazendo parte da forma como os indivíduos entendem o mundo, e ao mesmo tempo pensar que os etnógrafos e etnógrafas poderíamos fazer uma abstração racional do mundo social que não estivesse “poluído” por uma carga afetiva. O que nos faria diferentes dos outros indivíduos?

Em resumo, minha proposta não pretende ser inovadora.Desejo somente ressaltar um aspecto que sempre esteve presente nas análises etnográficas, me diferenciando então só por fazê-lo explícito. Claro que isto não é novo: outros autores já refletiram sobre o assunto, como Helio Silva que afirma que a escrita, a observação etnográfica e a experiência teórica são absorvidas emocionalmente (1993, p.153) e sensorialmente a partir dos cinco sentidos, que de fato modelam a situação etnográfica (2009, p.186). Por sua parte, Gilberto Velho (1981), contestando a proposta de Da Matta de transformar "o exótico em familiar e o familiar em exótico", argumenta que este último processo torna-se possível:

> quando somos capazes de confrontar intelectualmente e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações. O estudo de conflitos, disputas, acusações, momentos de descontinuidade em geral é particularmente útil, pois, ao se focalizarem situações de drama social, pode-se registrar os contornos de diferentes grupos, ideologias, interesses, subculturas etc., permitindo remapeamento da sociedade. O estudo do rompimento e rejeição do cotidiano por parte de grupos ou indivíduos desviantes ajuda-nos a iluminar, como casos limites, a rotina e os mecanismos de conservação e dominação existentes(1981,p.45)

Continuando com meu relato sobre as questões metodológicas desenvolvidas durante o trabalho decampo,meu papel no grupo foi bastante ativo, fiz parte da junta administrativa, desempenhando o cargo de secretaria, de tesoureira e de representante de intergrupo. Dada minhas experiências anteriores no enfoque da reflexividade considero que desta vez aproveitei mais sem diluir-me no grupo. Consegui, por exemplo, experimentar em minha própria pele o fato de falar de minha vida privada para pessoas que não conhecia e poder ter momentos de desabafo que interpretei como rituais catárticos, momentos que no começo achei muito incômodos, mas que com o tempo e quase sem perceber, comecei inclusive a desfrutar. Também comecei a utilizar em minha vida pessoal o conhecimento sobre como gerenciar as relações sociais professado no grupo, aplicado por meio de microtecnologias, que são denominadas *assertividade* e *limites*. Numa conversa informal entre as participantes do grupo sobre as doenças físicas e sua associação com as doenças emocionais, falou-se que os problemas relacionados com os rins eram o resultado da falta de afetividade.Lembrei-me que tinha tido uma série de moléstias nesse aspecto e me perguntei: será que eu tenho esse problema? Logo refleti sobre o interessante que poderia ser esse dado para minha análise. Com esta série de episódios comecei a perceber que os dados recolhidos no campo se revelavam em mim.

A identificação com o grupo não foi só serviupara fazer aproximação inicial ao campo; também foi importante ao longo de todo o processo porque o fato de sentir em minha própria pele repercutiu literalmente em meu corpo. Comecei a observar que aspectos nos quais nunca antes prestei atenção como a arrumação de meu cabelo, unhas e maquiagem começavam agora a tomar importância em meu cotidiano e sobretudo no dia da reunião, aspectos que muito sutilmente eram cobrados pelas participantes do grupo, pois em algumas ocasiões me eram recomendados certos penteados, tom de tintura do cabelo, salões de beleza, tipos de brincos entre outras coisas.

Nesta mesma linha, posso afirmar que sem perceber comecei a ter um envolvimento emocional com as participantes do grupo, talvez porque passasse muito tempo com elas, e comecei a fazer diferentes planos, inclusive participar de reuniões festivas como aniversários, shows, chás entre outros. Posso afirmar que muitas delas se converteram em minhas amigas, que me brindaram com muito carinho e acolhimento, questões que para uma pessoa recém-chegada a um país tem muito valor. Durante a reunião muitas vezes comecei a me sentir bastante comovida por alguns dos dramas expressados, sobretudo no inicio, sentimentos que algumas vezes se transformaram em decepção quando a pessoa parecia ter saído do drama e voltava a recair. Embora sempre tentasse escutar mais do que falar, tal como mandam os manuais de etnografia, principalmente nas conversas depois da reunião, em muitas ocasiões não consegui ficar em silêncio. Houve um dia em que senti que tinha errado como etnógrafa, quando fiz um comentário muito forte que quase acaba em briga com uma participante: durante várias ocasiões esta pessoa tinha afirmado só gostar de homens que tinham dinheiro.Como ela tinha sido maltratada por este tipo de homem, em um momento me exaltei e tentei convencê-la de que estava errada e que deveria observar outros aspectos nos homens, como o respeito. Durante vários dias me senti culpada por ter cometido esta imprudência e o fantasma do pesquisador objetivo parecia me atormentar; depois comecei a compreender que todos esses sentimentos, indignação, dor, aborrecimento, sofrimento pela pena alheia, faziam parte da forma como os dados se me estavam revelando.

Em especial lembro-me da história de uma mulher que me comoveu demais. Conheci em profundidade sua historia a partir de uma entrevista que me fez sentir muita pena. Fiquei pensando nos problemas desta pessoa durante vários dias, porque o que

mais me impactava no seu relato, além dos sofrimentos que tinha experimentado com vários homens, era que ela parecia fazer exatamente tudo o que os livros do grupo indicavam. Participava há mais de sete anos do grupo, mas sua vida sentimental não parecia melhorar, encontrando-se numa imensa solidão. Em várias oportunidades recebi telefonemas seus, nos quais falava de suas dificuldades e no começo pensei em encontrar estratégias como apresentar-lhe um amigo, embora nunca o tenha feito. Estes pensamentos eram constantes quando escutava um relato comovente; percebi que talvez a única maneira que eu tinha para ajudá-las era ceder um pouco de meu tempo para escutar seus problemas, tal como elas faziam comigo. Com o passar dos dias esta pessoa conheceu um homem que parecia muito bom, que tinha tudo o que ela tinha me manifestado querer, e até se comprometeram em casamento, o que me produziu uma felicidade enorme. A partir deste fato comecei a observar que eu tinha passado muito tempo no grupo e que, além desta história tinha visto como se desenvolviam as histórias de outras mulheres. Observei pessoas que chegavam ao grupo e a forma como mudavam suas vidas depois de alguns meses, também outras que deixavam de participar; novas salas que eram abertas e transformações no esquema das reuniões, ou seja, poderia afirmar, seguindo William FooteWhyte (2005, p.320), que eu fazia uma filmagem diacrônica das vidas dos sujeitos e não uma fotografia sincrônica.

O fato de fazer uma observação participante tão ativa também trouxe problemas. Em várias oportunidades me vi envolvida em conflitos relacionados com fofocas que na maioria das vezes estavam associadas à forma de administração do grupo, visto que a estrutura dos grupos de ajuda mútua tem uma orientação democrática na qual se deve tomar decisões a partir de votações. Em algumas oportunidades há pessoas que tomam decisões individuais, o que gera bastante inconformidade nas participantes, sobretudo nas mais antigas. Na medida em que eu desempenhava alguns encargos, embora tentasse evitar o conflito nem sempre isso foi possível; contudo, observei que tais situações faziam parte da mesma convivência social.

2.4 **O trabalho que elas faziam sobre mim**

Varias situações me mostravam a imagem que as participantes do grupo tinham construído em torno de mim, como as já relatadas sobre as pesquisadoras que tentaram entrar no grupo e não conseguiram, e que foram encaminhadas para falar comigo, sob o argumento de que eu já estava "escrevendo um livro sobre o grupo". Por outro lado, numa oportunidade uma delas comentou-me que sabia que no começo eu entrara no grupo com o interesse de fazer a pesquisa, mas que ela sabia que depois eu tinha percebido que também era doente. Esta imagem às vezes parecia contrária para outras pessoas que achavam que eu tentei disfarçar meus problemas afirmando que queria fazer uma pesquisa, que isso fazia parte de meu processo denominado como a fase da negação; fui inclusive advertida por elas que talvez meu grande problema era ter um alto nível de estudo, o que me impedia de ver uma realidade mais simples e aprender sobre a experiência mais "mundana". Muitas vezes me interrogaram sobre o que tratava minha pesquisa, sobretudo no começo, em particular pelas mulheres que de alguma maneira estavam envolvidas no âmbito acadêmico, em especial as psicólogas e as assistentes sociais. Sempre respondi e expliquei qual parte de meu trabalho estava adiantando de forma sucinta, porque parecia que minhas argumentações, por exemplo, sobre a história do amor, não eram muito interessantes para elas e por momentos achava que o que na realidade queriam era uma resposta sobre como arrumar seus problemas, algo do qual eu não tinha a mínima noção.

Outra das imagens que consegui observar foi quando uma pessoa me disse que eu era um bom testemunho de recuperação, devido ao fato de que minha história não era do tipo "fundo de poço", pois a imagem deixada pela telenovela *Mulheres Apaixonadas*[11]era que o grupo servia para pessoas muito adoecidas, que tinham enfrentado situações-limite, e que talvez uma historia mais simples como a minha poderia fazer com que mais pessoas se identificassem e participassem da irmandade; acrescentou ainda que, aliás, eu tinha conseguido fazer grandes avanços em pouco tempo, sempre me orientando para desempenhar o encargo de coordenadora, o que nunca aceitei, porque este lugar alem de geralmente trazer muitos conflitos, alem disso, não era um lugar conveniente para fazer a observação dado sua centralidade no

[11] Telenovela emitida na emissora Rede Globo de televisão, em Outubro de 2010, Autor Manoel Carlos .

funcionamento do grupo o que talvez não permitiria ter uma concentração adequada nos depoimentos e nas diferentes situações que aconteciam na sala; um lugar mais periférico possibilitava uma observação mais panorâmica dos fatos.

2.5 O contágio

Outra perspectiva sobre a qual desejaria refletir é a da imagem externa que se tem sobre o grupo, que tem atingido de alguma maneira a legitimação da minha pesquisa e que poderia resumir como um sentimento quase geral de não compaixão e banalização. Cada vez que comentava sobre o meu tema, tanto em âmbito acadêmicos quanto fora deles, observava caras de assombro e/ou risos incontidos e depois vinham as perguntas como: Isso existe? Não posso acreditar! Essas mulheres não têm muito que fazer! Depois, geralmente lembravam-se da telenovela Mulheres Apaixonadas, onde uma das protagonistas participou do grupo MADA. Desta forma, comecei a entender que o sofrimento experimentado pelas participantes do MADA, além de não produzir compaixão, produzia graça.

Mas o sofrimento experimentado pelas participantes do MADA é muito doloroso para elas e sempre muito cômico para os demais, principal razão para a existência do anonimato do grupo. Tentei achar explicações para o porquê da banalização deste sofrimento. A primeira hipótese que tentei problematizar está relacionada com a hierarquização do sofrimento, que ficou claro quando conversava com alguns colegas que riam do sofrimento no MADA sobre o porquê do seu riso. A maioria das explicações estava relacionada ao fato de eles morarem em países como Brasil ou Colômbia, com tantos problemas de violência e de desigualdades sociais, o que dificultava que se compadecessem e entendessem porque um grupo de mulheres se reúne para sofrer por amor.

Por outra parte, o fato de se compadecer poderia produzir certa identificação com este sofrimento, e consequentemente, um “contágio”, ou seja, o compassivo pode se ver como uma MADA não declarada; talvez seja por isso que as mais indignadas com a existência de MADA sempre eram as mulheres e os que mais ridicularizavam a situação eram os homens. O contágio também tem me atingido como pesquisadora, pois sempre se pergunta se sou uma MADA, recaindo também sobre a pesquisa, que por sua vez tem sofrido numa certa banalização.

Outro aspecto referente à não produção de compaixão pelo sofrimento das MADA's está relacionado à estética. Embora desde o início do chamado "*boom* do *counselling"* e dos discursos de autoajuda os relacionamentos tenham sido alvo dos aconselhamentos, estes foram destinados para a esfera privada; ou seja, as pessoas compravam um livro ou assistiam a um vídeo, podendo fazer uso das mesmas estratégias das MADA´s, porém na esfera privada, fazendo um cultivo solitário de si. A surpresa que gera este grupo de ajuda é que deslocou da prática privada para um âmbito público, sendo visto então como quase uma paródia do que seria um grupo de alcoólicos anônimos.

Existe outro fato que poderia explicar a falta de compaixão que produz o grupo. Poderia estar relacionado com o modelo teórico exposto por Candace Clark sobre o tema dagramática da compaixão nos Estados Unidos. Através da dicotomia responsabilidade/azar a autoraexplica que para gerar pena frente a um determinado infortúnio a pessoa deve se apresentar como a vítima quem não teve controle sobre a situação, pelo contrário, se o infortúnio foi dado pela má intenção, malevolência, negligência ou pelo risco corrido, ou seja, ser representado como o responsável da situação, a compaixão diminui. Desta forma, poderíamos entender que o MADA não produz compaixão no exterior do grupo porque suas integrantes se apresentam como as responsáveis pelo seu sofrimento. Esta hipótese foi confirmadaquandoobservei que algumas das poucas pessoas que sentiam pena pelo sofrimento das participantes do MADAachavam que elas eram *vitimas* de violência doméstica. Isto será retomado no próximo capítulo.

2.6 **Evitando a dissolução**

É ainda necessário esclarecer que o fato de ter colocado em relevância que as emoções foram protagonistas no trabalho de campo, associado à aplicação do enfoque da reflexividade, exigiu a elaboração de uma segunda parte deste relato metodológico, pois como afirma Clifford Geertz (1997), se deve encontrar um equilíbrio entre a experiência próxima e distante. Como diz Geertz,como fazer uma etnografia sobre bruxaria sem ser escrita por uma bruxa nem ficar sistematicamente surda às tonalidades de sua existência, ou seja, uma etnografia sobre bruxaria escrita por um geômetra.

Como expliquei no começo do texto, na primeira experiência etnográfica, devido à minha falta de experiência por momentos fiquei diluída no grupo. Nesta oportunidade também precisei fazer exercícios de distanciamento para exteriorizar o fenômeno, e evitar novamente ficar diluída, pois é diferente estudar um grupo como A.A. ou Narcóticos Anônimos, onde o vício é uma substância determinada;há pessoas que freqüentam, em condição de membros, especificamente estas irmandades e nunca consumiram tóxicos e não têm problemas com a bebida[12]. No MADA é mais fácil se identificar do que se exteriorizar, visto que "o problema" são os relacionamentos, os quais são assuntos mais cotidianos, ou seja, quem não teve problemas de ordem sentimental ou conflitos com outras pessoas? De fato muitas delas afirmam que a maioria das mulheres são MADAs e que qualquer pessoa pode facilmente se identificar com algumas de suas características. De fato uma hipótese inicial é que é o discurso prescritivo da ajuda mútua e da autoajuda constrói o sujeito doente e por sua vez o transforma em doente em recuperação. Assim, comecei a observar quais poderiam ser os aspectos que me diferenciavam do grupo. O primeiro, o fato de ser estrangeira, o que por muito tempo parecia não ter muita relevância. Ninguém me perguntava de onde era ou como era minha cidade. Isto era estranho para mim, pois na maioria dos lugares que frequentei isso é sempre um tema recorrente na conversação. No MADA, as perguntas sempre eram sobre meus problemas de ordem sentimental. Mas para mim, ser estrangeira era uma grande diferença, dado que em minha cidade as habitantes têm fama de ser distantes, ensimesmadas, e, sobretudo, reservadas. Comecei a ver que não só no MADA, mas também em vários lugares do Rio de Janeiro (como filas de banco, salas de espera de consultório médico, ônibus), as pessoas conversavam sobre sua vida privada com muita facilidade. Numa oportunidade, por exemplo, me sentei a conversar com os trabalhadores de uma oficina mecânica, que fica no prédio ondemoro, com os quais nunca antes havia falado. Em dado momento me senti como se estivesse numa sala do MADA, versão masculina, pois estas pessoas começaram a contar aspectos sentimentais, que pra mim eram muito íntimos e, constantemente, reclamavam da dificuldade de ter relacionamento sexo-afetivo.

---

[12] Durante o campo observe que varias mulheres participaram de grupos como A.A e N.A sem ter problemas com o álcool nem com drogas, este foi um fato que não consegui abordar a profundidade, contudo observei que as razoes pela que isto acontece, desde minha interpretação, é que o grupo de ajuda brinda um espaço de socialização, desta maneiraestas mulheres encontravam lá um espaço para interagir com outrospessoas especialmente com homens.

As perguntas que me faziam as participantes do grupo eram sobre minha pesquisa e, sobretudo, meus problemas de ordem sentimental. Este último aspecto usei como outra estratégia reflexiva, dado que já tive decepções amorosas. Durante o campocontraí matrimônio, mantendo um relacionamento estável e bem sucedido. Isto vai se tornar uma diferença muito importante, dado que a maioria das pessoas do grupo não tem um relacionamento ou está em processo de separação. Talvez a estratégia mais frutífera tenha sido a identificação de categorias *emic* e *etic*, principalmente nos tipos ideais. Por exemplo, no grupo constantemente se fala de padrões de MADA os quais figuram a nível prescritivo na literatura, como controle e obsessão. Estes se diferenciam daqueles criados a partir da participação observante, através das experiências relatadas pelas participantes, que considero serem papéis momentâneos, tal como a namorada que está tentando acabar o relacionamento, a esposa que está em processo de divórcio, assolteiras que tentam encontrar uma pessoa, as amantes que tentam acabar com essa posição, seja para acabar o relacionamento ou para se posicionar comoesposa.

Para terminar, a última estratégia reflexiva usada para o distanciamento é a inversão de um aspecto muito recorrente nos discursos e na literatura: considerar que se descobriram como MADA ("eu não sabia que era MADA"). Penso que ao invés de se descobrir o que existe é um processo de construção, ou seja, existe um marco prescritivo que cria a categoria MADA,pespectiva a partir da qual estas mulheres recriam suas experiências amorosas.

3. DO AMAR DEMAIS E OUTROS DEMÔNIOS: A PSICOLOGIZAÇÃO E AS GRAMÁTICAS EMOCIONAIS NO MADA

Neste capítulo encontraremos a análise central desta pesquisa dividida em duas seções. Num primeiro momento, analisaremos a literatura prescritiva do grupo, assim como sua interiorização nas práticas e discursos das suas participantes. No segundo, a análise foca as gramáticas emocionais vistas nas experiências das participantes do grupo. A técnica metodológica utilizada é um dia ideal que servirá como fio condutor do texto. Na realidade este dia não existiu: foi construído a partir das muitas experiências vivenciadas durante o campo e trechos de entrevistas. Esta estratégia foi utilizada com o objetivo de condensar a informação coletada e de preservar o anonimato do grupo.

3.1 Do discurso prescritivo e da psicologização

3.2 Um dia de sala

Hoje o tempo parece estar perfeito, próprio do outono, não está fazendo frio nem calor, razão pela qual a sala está cheia, pois quando chove ela sempre fica vazia. Chego muito cedo, pois tenho o encargo de secretária e devo arrumar a sala e fazer o café. Logo chegam duas participantes que se dispõem a me ajudar na arrumação, uma colocando três cartazes, um que lembrava o lema do anonimato, outro que dizia "evite os relacionamentos destrutivos" e, por último, a oração da serenidade, enquanto a outra coloca as cadeiras em círculo. Arrumo a mesa principal, colocando uma toalha e sobre ela as fitas brancas para dar boas-vindas às recém-chegadas junto com os folhetos com os endereços de todas as salas, as apostilas que estavam à venda, os livros "Mulheres que Amam Demais" e "Meditações para Mulheres que Amam Demais", as caixas de lenços e, por último, os folhetos.

As participantes chegam aos poucos, todas me cumprimentam de uma forma muito íntima, falamos sobre o clima, o gostoso que estava o dia e das preferências de cada uma sobre o tempo. Nesse momento, uma das mulheres troca de tema abruptamente, parecendo um pouco conturbada, começa a chorar e diz que não aguenta mais a situação, que "o cara" não para de ligar e ela não consegue não

atender, que "o cara" é psicopata, um bipolar, que algumas vezes diz que ela é a mulher de sua vida e outras "bota ela lá no chão", humilhando, falando que ela é gorda e feia. Eu pego uma caixa de lenços e passo para ela ao mesmo tempo em que lhe dou um abraço, outra companheira que tem muito tempo de irmandade pergunta o que ela responde a esse cara indisponível e ela diz que fala que agora as coisas não iam seguir igual, que ela está tentando mudar e que já não interessa o que ele pensa, sempre pede para ele não ligar mais para ela e que muitas vezes desliga o telefone. A outra tenta explicar que essa atitude do cara se deve ao fato de ela estar tentando impor limites e que por isso ele está achando estranho, pois está acostumado a que ela esteja sempre disponível para ele, mas que é assim mesmo, que tem que ter muita serenidade e que um dia ela irá conseguir tirar esse homem de sua vida e não atender mais o telefone. E explica que também tinha passado pela mesma situação.

As mulheres que chegam hoje são de diferentes idades e eu percebo uma diferença com as salas que frequentei aos sábados, porque na maioria das vezes havia pessoas de mais de 40 anos. As que estão há mais tempo no grupo parecem estar mais arrumadas do que as que estão há menos tempo. Finalmente, chega a pessoa que tem o encargo de coordenar e me pergunta pela tesoureira, ao que lhe respondo que esta sala não tem. Então, ela olha para uma jovem que tem vindo assiduamente às reuniões e pergunta-lhe se quer ser a tesoureira, ela responde que não, pois não se sente preparada por ter pouco tempo no grupo. Eu lhe pergunto então se quer ser representante de intergrupo e ela responde que não sabe o que é isso. Então informo que é o encontro mensal no qual se organiza a literatura das diferentes salas, assim como os folhetos, as fitas e os eventos, cujo principal objetivo é levar a mensagem às mulheres que ainda sofrem e que a função da representante é levar as informações sobre o funcionamento da nossa sala e ao mesmo tempo trazer as novidades e que, como todos os encargos, seria por um período de três meses. Ela diz que está interessada e a coordenadora responde que na metade da reunião, na consciência coletiva, colocará em votação se ela pode assumir esse encargo.

Às sete horas em ponto começa a reunião. A coordenadora inicia a leitura de uma apostila na qual dá as boas-vindas ao grupo, em especial a uma mulher que assiste pela primeira vez e parece um pouco tímida, dizendo: - Você é a pessoa mais importante desta reunião! A mulher agradece com um movimento de cabeça. Em

seguida a coordenadora explica-lhe que na primeira parte da reunião ela deve ficar em silêncio, observando qual é a dinâmica do grupo e que após o intervalo haverá um espaço de tempo para ela falar. Continua, explicando em que consiste o programa dos doze passos para MADA. Pede que sejam desligados os celulares ou quaisquer aparelhos que emitam som, em seguida solicita que façamos um instante de silêncio e reflexão nos propósitos que cada uma tem para estar aqui. Após esse momento, rezamos a oração da serenidade:

"Concedei-me Senhor a serenidade necessária para aceitar as coisas que não posso modificar; coragem para modificar aquelas que posso e sabedoria para distinguir umas das outras."[13]

A coordenadora continua a leitura da apostila, explicando que os únicos requisitos para estar na sala são o desejo de deixar de ter relacionamentos destrutivos e conservar o anonimato das demais colegas presentes, pois o silêncio também faz parte da recuperação. Neste momento ela explica que é chegada a hora do estudo da literatura do MADA, que corresponde à leitura dos doze passos e que vai ler o quarto passo: "Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmas" (ver anexo 1). Cada uma das participantes lê um pedaço do texto, o que demora aproximadamente cinco minutos.

Em seguida se abre o espaço para fazer os depoimentos que falem sobre este passo, lembrando que não se podem usar palavras de baixo nível, nem palavrão. Só se pode usar o pronome "eu", nunca "nós" ou "a gente", visto que o objetivo do grupo é ajudar as pessoas com a experiência de cada uma, mas não se devem dar conselhos para as companheiras. Isto, contudo, é relativo, pois no momento do intervalo e ao final da reunião todas dão conselhos. Depois se pergunta quem quer falar sobre este passo. Também se explica que se poderá falar por cinco minutos.

Três mulheres pedem a palavra ao mesmo tempo. A coordenadora, enquanto inscreve as outras num papel, dá a palavra para Mercedes que começa dizendo: - Boa noite! Sou Mercedes. Sou uma mada em recuperação. E todas respondem em uníssono:- Oi Mercedes! Ela continua o seu depoimento dizendo: - O quarto passo é talvez um dos mais importantes.

---

[13] http://www.madapara.com.br/como_funciona.html#instrumentos, consultado 4 de novembro de 2010

Várias das colegas assentem com a cabeça, o que parece indicar que concordam com a ideia expressa pela companheira.

- Estou neste momento tentando fazer meu inventário, realmente é muito doloroso ver toda uma vida de sofrimento, ver que eu vim de uma família totalmente disfuncional, eu cheguei aqui foi porque eu estava num relacionamento muito destrutivo, porque eu sofria, melhor, permitia uma série de humilhações e, inclusive, um mês antes de entrar no grupo tinha feito um aborto com três meses e meio de gravidez, pois a pessoa com que me relacionava se negava a me dar esse apoio. Sofri muitas humilhações, agressão física, verbal, perdi toda minha personalidade, percebi que eu não existia mais, que eu praticamente não existia mais!

Tenho um filho de quatro anos que há três anos eu estava negligenciando. Eu trabalhava em frente à pessoa com que me relacionava e sofria uma série de degradações, não tinha mais amigos, sofri um isolamento total, no qual vivia 24 horas por dia pensando no que ele estava pensando, fazendo, sentindo e aceitando qualquer tipo de coisa. Eu cheguei a ponto de apanhar, sendo empurrada no chão e pedindo: "Pelo amor de Deus, não vá embora!", mesmo depois de ter apanhado dessa pessoa.

No dia em que vim para a reunião pela primeira vez, ele tentou terminar novamente, mas eu pedi que não o fizesse, que eu entendia que a gente não poderia ficar junto. Fiquei muito mal e pedi que esperasse, que eu conseguiria, que iria nesse grupo e conseguiria me desvincular emocionalmente. Falei: - Eu sou dependente de você emocionalmente! Eu respirava completamente o ar dessa pessoa. Tudo o que eu fazia, todos os meus sentimentos, eram relacionados a atitudes dele, os lugares que eu gostava, as coisas que eu queria fazer, tudo o que eu queria fazer era em codependência dessa pessoa, relacionado a ele, ou para puni-lo, ou para agredi-lo, enfim.

Nesse momento chega outra colega e faz um pouco de barulho quando abre e fecha a porta. É uma pessoa que me conhece e dá uma piscadela enquanto eu devolvo o cumprimento balançando a cabeça e sorrindo pra ela. Ela senta num lugar vago ao meu lado e perco a concentração no depoimento da companheira. Tento voltar a me concentrar, quando vejo que várias colegas também tinham perdido a concentração. Mercedes fica em silêncio por uns segundos, toma um pouco de ar e continua com seu depoimento.

- Eu realmente sofri traição no início do relacionamento, foi muito sofrimento na verdade. Sofri humilhação por parte da família dele. Eu tenho uma condição socioeconômica que não é ruim, é relativamente boa, quer dizer, eu não tenho, mas a minha mãe tem. Eu sou dependente financeiramente dela, moro num bom condomínio, num bairro nobre da zona norte, não precisava passar por humilhação. Quando eu estava grávida um cara falou pra mim que eu queria depender economicamente da mãe dele. Eu não preciso. Fui expulsa várias vezes da casa dessa pessoa, fui empurrada e não queria ir embora. Eu não tinha nenhuma noção de quem eu era, do que queria, eu tinha um buraco muito grande... Então a coordenadora mostra um cartaz que sinaliza que faltam dois minutos para acabar o depoimento. Ela agradece.

- Eu tinha um buraco muito grande que tinha que suprir de alguma forma e cada vez mais me enfiava no fundo de poço, não sabendo por onde sair e a gravidez foi o pior de tudo. Depois tive que tirar com três meses de gravidez, que já é uma criança realmente formada, porquesabia que seria uma loucura e mais por causa do cara, porque ele não queria. Mais uma vez eu fiz o que essa pessoa queria. Realmente vi que eu tinha perdido o domínio da minha vida a ponto de ficar bêbada e essa pessoa sair correndo e eu correndo, correndo mesmo, atrás dessa pessoa na rua, pedindo: "Pelo amor de Deus, não vá embora!"Eu chorava, fazia escândalo em vários lugares, dormia com medo e acordava com pavor, sempre com medo da reação do outro. Era realmente muita dor que eu sentia, não foi uma etapa muito fácil, passei um ano e dois meses com essa pessoa, já tenho um mês e pouco de separação e durante esse relacionamento acho que na verdade eu não existia, acho que tinha uma carência muito grande, muito forte. Fazendo o inventário, descobri que tinha problemas de família disfuncional. Minha mãe é uma pessoa muito agressiva, meu pai uma pessoa indisponível, minha mãe é controladora, ela nunca se importou com meus sentimentos, nunca se importou se eu estava bem, ela sempre quis controlar o que eu ia fazer.

Mercedes começa a chorar, levanto-me, pego a caixa de lenços e dirijo-me a ela, passo minha mão nas suas costas enquanto entrego a caixa. Ela agradece, faz um suspiro largo e continua com o depoimento, enquanto a coordenadora mostra outro cartaz que sinaliza que o tempo dela acabou. Ela agradece e diz que vai concluir.

- Aprendi a me relacionar assim com as pessoas, exatamente por eu ter personalidade de controle, eu sempre queria controlar com medo de perdê-las, com

medo do abandono e isso me fez atrair esse tipo de pessoas que poderiam me abandonar, a solidão a dois é a pior que existe, do tipo que você está com uma pessoa, mas ela te faz mal, você sente medos, que são sentimentos provenientes dessa família, aquele pai que não estava disponível emocionalmente e aquela mãe que só sabia me acusar, xingar, enfim. E foi o tipo de pessoa que arrumei para mim: esse cara, que também reproduziu os mesmos sentimentos que eu tinha com aquela mãe.

Novamente a coordenadora mostra o cartaz do tempo e ela pede mais um minuto para concluir.

- Eu perdi, se eu tinha um pouco de senso, perdi totalmente. Eu tinha algum senso das coisas que gostava e perdi totalmente. Tornei-me outra pessoa, tudo o que eu falava para as pessoas era desse cara, não tinha assunto, não falava de trabalho, não falava de faculdade. Meus colegas de trabalho me viam chegar triste todo dia e perguntavam-me: O que é que houve hoje com essa pessoa? Foi um processo muito difícil, muito degradante para mim, falta de amor próprio. Eu sempre ameaçava denunciar esse homem na delegacia. Não posso dizer que eu sofri agressões de soco na cara e essas coisas, mas um empurrão, uma coisa assim também é uma agressão física, enfim, não que eu seja a vítima, porque quando entrei na programação, vi que não era a grande vítima da historia. Quando entrei, vivia 'adrenalizada' o tempo todo, preocupada com o que o outro estava fazendo, controlando sua vida, tecendo o ego de outra pessoa em vez de cuidar de mim, esquecendo-me das coisas importantes da minha vida, porque minha família é disfuncional sim. Mas meu filho não faz parte disso, ele acabou de nascer, enfim, foi por isso que eu entrei nesse grupo, pra salvar minha vida, porque realmente eu já estava morta, hoje estou viva, obrigada por vocês me ouvirem, desculpa por passar do tempo!

- Obrigada Mercedes! Diz a coordenadora, acrescentando em tom de advertência, com uma frase rotineira no grupo: - Lembrando que sou impotente perante o tempo e que só são cinco minutos pra cada depoimento. Em seguida passa a palavra pra Rocio.

Rocio cumprimenta dizendo: - Oi meu nome é Rocio, sou uma mada em recuperação! Novamente todas respondem: - Oi Rocio! enquanto uma das colegas levanta e pega um copo de água.

- Fazer o quarto passo fez com que eu pensasse na história de minha família, e aí eu refleti que minha mãe viveu com o meu pai 23 anos... é! Só que assim, o meu pai, é,sempre teve dificuldade. Porque ele também teve uma infância dolorosa, uma família disfuncional, perdeu o pai pela loucura, o meu avô. Então, com 8 anos ele já começou a trabalhar na vida, trabalhava, vendia sonho na rua, então ele era uma criança muito machucada e tinha uma raiva muito grande dentro dele. E essa raiva ele transmitiu, ele era muito obsessivo pela minha mãe, de ciúmes, de possessividade e com isso ele a agredia fisicamente, mas ela continuava naquele casamento, porque tinha muito medo de não ter outra pessoa.

Foram vinte e três anos assim, de turbulências. Momentos bons, de viagens, passeios, e depois a minha irmã mais velha é que deu o ultimato na minha mãe: "Ou você fica nesse casamento apanhando, ou eu vou embora." Então, minha mãe, com medo de perder a minha irmã. É sempre assim, alguém colocando ela na parede. Ela aceitou que o meu pai fosse embora para ficar em paz com os filhos. Aí ficamos eu e a minha irmã com a minha mãe e o meu irmão optou por ir morar com o meu pai, por ser homem, já um adolescente, quis morar com o meu pai. Eu tinha 9 anos quando os meus pais se separaram, então, na verdade eu só convivi nove anos com a presença desse pai, desse homem na minha história, na minha vida, com a presença dentro de casa. Mas ele não tinha presença emocional. Não conversava, não brincava. Ele era muito complicado, só trabalhava muito para manter essa família e ele sempre foi muito trabalhador. Eu acho que isso até eu aderi de meu pai. Sou muito batalhadora, assim. E a minha mãe muito passiva, só dentro de casa. Então, na minha infância eu quase não tive a presença do meu pai.

A coordenadora mostra para ela o cartaz que fala que tem dois minutos, ela agradece fazendo um sinal com o dedo polegar, toma um pouco de ar e continua com o depoimento. Enquanto fala, algumas das participantes se levantam pra tomar água e pegar biscoitos na mesa.

- Ela nunca mais teve outro homem, nunca mais teve outra pessoa, separou-se super jovem, com 35 anos. Ela até trabalhou durante uns dois anos, mas ficou muito adoecida, teve uma depressão e tentou suicídio quando eles se separaram, tomou muito remédio e ficou paralisada. Eu tinha 9 anos, não entendia nada, não resolvia nada, mas a minha irmã já era mais velha, tinha 17 e chamou minhas tias, irmãs da minha mãe,

correndo. Elas vieram, levaram-na ao pronto-socorro, onde fizeram lavagem estomacal para ela não morrer. Ela realmente ficou muito deprimida, por causa desse homem, que foi a única coisa na sua vida, que ela teve concretamente. Porque a minha mãe também não teve o pai dela. Ele era neurótico e tudo. Enfim, então, tudo se desencadeia assim, de uma família pra outra. E assim eu fui criada só pela minha mãe e a minha mãe sempre foi doente, ela nunca teve para me dar e também não teve nada da família dela. Então é assim, eu tenho um buraco imenso de afetividade, tanto da minha mãe quanto do meu pai. Só que quando o meu pai se foi eu fiquei profundamente desolada, me sentindo abandonada. Porque ele, logo em seguida, encontrou outra mulher e eu me sentia trocada, como se ele tivesse trocado o amor dele por mim pelo de outra mulher, transferindo esse amor.

Uma companheira assente com a cabeça, dando a entender que tinha passado pela mesma situação, enquanto eu observo outras participantes escrevendo no caderno. Uma colega levanta para pegar café e me pergunta se eu quero. Eu respondo que sim e ela me traz um copo. Isso parece desconcentrar Rocio ao perceber a situação, então eu fico em silêncio.

- E isso me deixou muito raivosa. Eu comecei a sentir uma raiva muito grande dele, porque me senti rejeitada, como se eu tivesse sido excluída, banida da vida dele, daquele homem que eu imaginava ser o homem mais importante da minha vida. Então eu ficava mendigando afeto e atenção dele. Sempre foi assim. Hoje, com 44 anos eu vejo isso. Olho para trás e vejo o meu filme: eu fazia isso, mendigava amor e afeto das amiguinhas, então, o meu amar demais já veio de lá. Mendigava amor, afeto e aceitação dos meninos e sempre inadequada, sempre de forma inadequada. Sempre fui assim.

A coordenadora mostra-lhe o cartaz de que o tempo acabou e diz:

- Bom, então é isso. Obrigada por você estar hoje aqui! Em seguida dá a palavra a Alícia.

Alícia começa falando: - Bom, o quarto passo... E a coordenadora a interrompe e pergunta o seu nome. Ela pede desculpas por esquecer-se de se apresentar e diz: - Boa noite, meu nome é Alícia, sou uma mada em busca da recuperação! E começa seu depoimento: - Fui criada por minha avó, minha mãe teve um relacionamento com meu pai biológico que era casado, mas ele ficou com minha mãe até um período, até eu

completar um ano. Minha mãe tinha muita vontade de ser mãe e não pensou nas consequências. Ela era nova, tinha 18 anos. Meu pai era muito ciumento, além de ser alcoólatra, o que vim a descobrir ao longo de minha vida e era muito possessivo. Minha mãe era muito mais nova do que ele. Ele tinha deixado sua família para ficar com minha mãe, só que ele era tão galinha, que eu tenho uma irmã da mesma idade que eu, só que ela nasceu em abril e eu em setembro. Quando eu completei um ano minha mãe se separou do meu pai. Ela ia trabalhar e minha avó ficava comigo.

Depois, minha mãe ficou com esse que hoje eu chamo de pai, que é meu padrasto, mas eu chamo de pai. Eu não tenho contato com o meu pai biológico. Quando minha mãe engravidou de minha irmã, ela foi pra uma casa, só que eu não fui com ela, passei a ser criada por minha avó, só que num ambiente muito complicado, pois minha avó tinha um prostíbulo, uma casa de prostituição. Minha mãe não queria me tirar de minha avó,porque desde os 6 meses eu fiquei com ela, então eu sou mada desde bebê. Mas eu tenho um histórico familiar, minha avó tinha problema com casamento, esse histórico familiar já vinha desde minha avó, eu aprendi a ser como fala no livro, aprendi a ser o que eu sou hoje.

As participantes que levam menos tempo no grupo fazem cara de assombro, o que se percebe pelo olhar, enquanto as mais antigas, pelo contrario, ficam com a cara inexpressiva. Eu tento ficar com a mesma cara das antigas, mas me sinto muito assombrada por este depoimento, penso que não sei se consegui ficar com aquela cara que desejava e fico pensando que este pode ser um dado que me faz pensar que as mais antigas não pretendem dar o chamado retorno nem sequer com o olhar e considero que isto é um dado que devo mencionar no diário.

A colega parecendo não se importar com as reações, toma ar e continua: - Essa compulsão toda veio desde o meu pai, que é alcoólatra, mas eu acredito também que é muito comportamental, eu via muita coisa que não era pra ver, vi muita prostituição, vi muitas drogas, graças a Deus, que Deus está atento. Quando eu tinha por volta de 10 ou 12 anos, minha avó caiu doente e eu fui morar com minha mãe e para compensar essa falta da minha avó, eu comecei a estudar loucamente e comecei a ter crescimento em minha vida. Quando eu parei de estudar, aos 18 anos, que completei o segundo grau, queria fazer pré-vestibular, só que meu pai não estava com dinheiro para pagar e me esforcei, estudando como sempre fiz. Passei para o SENAC, que é um

colégio bom e na época não tinha greve, era misturado, meio particular, meio público. Eu falava pouco, então, assim quando terminei segundo grau, tinha mil sonhos, minha melhor amiga fez UFF, faculdade de veterinária. Na época, eu tinha estudado pra fazer historia e não passei, porque eu tive um segundo grau muito técnico, eu não estudei para fazer prova de vestibular, eu estudei para o mercado de trabalho, eu fiz contabilidade no segundo grau, mas ao longo dele vi que não queria aquilo pra mim, eu queria história, adorava história. Mas não passei e fiquei com raiva, pois meu pai não quis pagar o cursopré-vestibular.

A coordenadora mostra o cartaz, sinalizando que faltam dois minutos para acabar seu depoimento,ela agradece meneando a cabeça, e continua falando.

- Quando fui morar com minha mãe, eu queria ter um lugar naquela casa e lugar que eu tinha era ser a melhor. Então, para me sobressair nessa família o que eu precisava ser a melhor filha, eu era a melhor filha, que fazia tudo para os meus pais para ser amada, até o segundo grau eu fui a melhor aluna possível. Como eu fiquei revoltadinha por ter parado de estudar, comecei a trabalhar e fui viver a minha vida. Então, tive relacionamentos muito complicados, tudo assim, tipo a filhinha perfeita, que eu construí, eu fugi. Nesse meio período, todo conturbado, eu comecei a engordar, entrei na parte da compulsão alimentar, fui para a obesidade, eu passei de 60 quilos pra 100, estando em meu relacionamento, e finalmente eu fiz redução do estomago, na fase toda eu tive compulsão alimentar, nada mais era que a fuga de comer, comer, comer. Depois de um ano, eu conheci o pai da minha filha, com quem me casei. Só que eu o coloquei como o dono de minha vida e entreguei a ele a possibilidade de me fazer feliz e nunca estava feliz, porque o meu problema vem de muito mais embaixo, o problema vem daquele pai.

Novamente a coordenadora sinaliza pra ela parar, ela para e diz: - Obrigada por vocês me ouvirem!

3.3 **O discurso prescritivo**

A partir da análise dos relatos ora vistos e da literatura do grupo que compreende os doze passos, as doze tradições e o livro *Mulheres que Amam Demais*, observamos que circulam três aspectos principais que explicam a origem e o porquê da “doença de

amar demais”: ter uma família disfuncional, não se autoconhecer e não praticar o diálogo, aspectos estes que serão agora analisados com maior profundidade.

3.4 Os problemas da infância e a família disfuncional

Família disfuncional ou desajustada é descrita no livro *Mulheres que Amam Demais* como aquela onde:não se pratica o diálogo; não “se expressa vontades, desejos e sentimentos”; os pais são separados, ou a mãe é controladora; o pai é ausente física ou emocionalmente, não demonstrando afetividade; o pai e mãe têm vícios como o álcool ou as drogas, entre outros.

No grupo MADA todas as participantes afirmam ter uma família desajustada, a grande maioria porque o pai era alcoólatra ou viciado em drogas, o que faz com que transitem pelos gruposAl-Anon ou Nar-Anon. Então, a premissa básica consiste em que uma mulher que em sua infância teve que conviver com alguma destas situações, está destinada a na idade adulta procurar homens com esse mesmo perfil. Na realidade, supõe-se que a mulher que ama demais está destinada a ser o que a mãe foi e a encontrar homens que se pareçam com o pai.

Esta noção de família suscita algumas questões: É desajustada com respeito a quê? Como se criou a família ajustada? Estudos como a obra clássica de Philippe Ariès (1987), que relativizaram as noções de família e infância, nos orientam a pensar que a afetividade e o diálogo são aspectos considerados inerentes ao ideal de família contemporânea e que são o resultado de processos históricos e de transformações sociais. O autor explica que os vínculos afetivos entre pais e filhos no Antigo Regime na França não eram experimentados da mesma forma que na atualidade, pois as criançasdesde muito cedo eram separadas do cuidado dos pais para ir aprender um ofício na condição de aprendizes; do mesmo modo, devido às condições demográficas, a alta mortalidade infantil era um fato cotidiano, de modo que a vida da criança foi considerada com a mesma ambiguidade que a do feto de hoje. De fato, a infância era considerada como um período de fragilidade, onde, a partir do momento que se conseguissem as capacidades físicas, a criança era incorporada ao mundo dos adultos.

A construção do ideal de família contemporânea está relacionada com as transformações da maternidade e, em especial, da paternidade, esta última tendo grandes

mudanças no contexto da chamada crise da masculinidade, que se poderia definir como a expressãodos conflitos entre os atributos culturalmente dados aos varões e as reaçõessubjetivas às importantes mudanças sociais, econômicas e ideológicas acontecidas nas últimas décadas, que se originaram a partir das transformações no statusda mulher e dos questionamentos dos modelos da identidade femininas propiciados pelos movimentos feministas, o que trouxe múltiplos efeitos sobre as formas de organização da vida cotidiana, os papéis sexuais e as dinâmicas tradicionais. (VIVEROS, 2002)

A paternidade condensa todos os atributos da masculinidade, consagrando a virilidade. Provando que se fecundou uma mulher se comprova também que se é sexualmente ativo, consequentemente se reingressa no âmbito doméstico em posição de chefe do lar e provedor econômico, para o que é necessário trabalhar, confluindo nesta etapa todas as características da masculinidade: autoridade, saber, controle de recursos e reconhecimento social. (VIVEROS, 2002) Embora esta visão em torno da paternidade ainda seja vigente, no contexto da crise da masculinidade houve grandes transformações nestes modelos, com a saída da mulher do âmbito doméstico. Apesar de com isso a mulher ter que assumir mais responsabilidades, podemos afirmar que se está gerando uma crescente divisão de tarefas do lar com os homens. Com todos os matizes que este processo possa ter, poderíamos afirmar que ocorreu uma relativa flexibilização dos papeis de gênero, onde a paternidade renuncia a uma prática autoritária para abrir espaço para uma prática mais afetiva, onde se criam condições para estabelecer relações mais harmoniosas entre os membros da família, baseados em valores que pregam o afeto e o respeito. (MONTESINOS, 2004)

Se tivermos em conta que estas mudanças foram incorporadas lentamente no transcorrer do século XX, poder-se-ia afirmar que esta nova forma de vivenciar a paternidade, a maternidade e os vínculos familiares é recente.No discurso prescritivo do MADA, porém, ela aparece naturalizada, fazendo com que através desse olhar todas as famílias tradicionais se convertam em disfuncionais ou desajustadas. Contudo, a literatura do MADA se apresenta como um diagnóstico tentando explicar o que acontece nos dramas dos relacionamentos sexual afetivos, criando desta forma modelos nos quais as participantes do grupo tentam se encaixar, não explicando o que está acontecendo, mas sim ditando o que deveria acontecer, ou seja, não fazendo só um

diagnóstico, mas também uma prescrição. Isto ficou mais claro na fala de uma das participantes:

> Mudou, algumas coisas hoje eu tenho mais dificuldade de mudar. Mais dificuldade porque, também o relacionamento de uma família é muito maior, tem praticamente a minha, o relacionamento com minha família tem a minha idade, o relacionamento com o cara tinha 4 anos, então, ficou 2 me recuperando, então é mais fácil de me cuidar, né? O relacionamento com a minha família eu sei que vai ser muito mais demorado, até porque eu tenho muito mais dificuldades de lidar com o relacionamento com minha família. Eu neguei, fiz a negação do relacionamento com a minha família há muito tempo, assim que eu entrei, eu me identificava como família de lar disfuncional. Por quê? Porque meus pais não têm o padrão de pai que trai a mãe, que a mãe é mãe solteira, ou mãe sozinha, ou que, que são alcoólatras ou têm, não, só que eles são comedores compulsivos, que é, segundo também, é clínico, né? Tanto é que tem um grupo de comedores compulsivos. Então eles se, eles têm a coisa da codependência, de um não viver sem o outro, faz tudo junto. Então, se for olhar assim pelo social, se for olhar por uma visão social, é a família que todo mundo quer, que é: papai, mamãe casadinhos, até hoje, filhinhos, tudo estudou, tudo, sabe? Se for olhar assim, com esses olhos, é o que a sociedade gosta. Então era muito difícil, também de enxergar. E se um problema, a comida, é a coisa da codependência, da dependência um do outro mesmo, né? Um não vive sem o outro, que era muito o que eu cobrava dos homens, quando eu me relacionava, porque: "Como assim, se o meu pai faz tudo por minha mãe?" Só que eu não via o outro lado que eles perderam com isso, eles não têm amigos... sabe? Eles não têm o outro lado não saudável da moeda, eles não, nunca tiveram amigos, sabe? É só a família, só a família, só a família, é uma sufocação, todo mundo sufocado, entendeu? Então, assim, pra eu ter um tipo de relacionamento como o deles, eu vou ter que abrir mão de ter amigos também, porque eles se isolam, eles fazem o mundinho deles. Hoje em dia eu enxergo isso, né? Já de enxergar, já pra mim é muito bom, melhorou em coisas assim, pontuais, consegui antes de dar um ataque de agressividade, que me 'falavam' de maluca, porque do nada eu explodia ...eu consegui algumas vezes sinalizar o que estava me incomodando, embora eu 'sei' que não adianta, com o pensamento fechado, as pessoas não gostam de conversar, né? Então, é muito difícil, mas algumas coisas eu já consegui sinalizar e já é uma mudança, né? É devagar, mas eu 'tô' começando. (Alejandra ,30 anos)

Vemos que a literatura prescritiva explica que uma mulher que ama demais tem que ter uma família disfuncional mesmo. No casodeAlejandra, sua famíliaparece cumprir os padrões de uma família ideal. Assim é que no começo ela não achava que tivesse esse problema, mas foi gradualmente se encaixando no discurso prescritivo, pois, via de regra, para estar no grupo deve-se cumprir com aqueles parâmetros. O que ela apresenta como um diagnóstico de sua vida parece se converter numa prescrição do que sua família é e deveria ser.

3.5 **O autoconhecimento**

Um segundo aspecto explicado pelo discurso prescritivo é que, devido ao fato de ter nascido numa família disfuncional, a participante do MADA fica obcecada por um homem por traumas acontecidos na infância. Por isso, a orientação que oferece o discurso prescritivo consiste em refletir sobre sua vida, em especial sobre sua criação,

fazendo um trabalho de conhecimento de si que podemos observar claramente no quarto passo: “Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmas” e no décimo passo: “Continuamos fazendo o inventário pessoal e quando estávamos erradas, nós o admitíamos prontamente.” Isto é um aspecto muito relevante nos discursos das participantes do MADA, sendo visto como um avanço na recuperação e inclusive, como o maior resultado obtido durante sua permanência no grupo. Observemos os seguintes trechos de entrevista que nos ajudaram a entender mais esta ideia:

> Meu relacionamento tem mudado, porque ele me perguntava: Você, o que quer fazer? Não sei, tanto faz, você que sabe, então colocava muito minha vida na mão do outro e agora, mais segura de mim, eu sei o que eu quero fazer, eu sei qual sabor de pizza que eu quero comer, eu sei o que eu tenho, o que preciso e os eventos sociais. Porque tem pessoas queridas me esperando lá e aí ele não queria ir, e eu não me omito mais, se ele não queria ir, então eu não vou também, então eu estou me sentindo que tá no momento da nossa relação agora é entre duas pessoa, porque antes era a relação dele com uma pessoa nula que era eu, que fazia tudo o que ele queria, então agora tem duas pessoas nessa relação. (Pilar, 35 anos)
> Eu não sabia fazer comida, eu não sabia nada, eu era muito nova, eu não sabia nada de mim, nada do que eu queria, que eu gostava, eu sempre ia tudo pelos outros, eu não sabia quem era eu, eu nunca aprendi isso em minha infância, que sou eu, que eu gosto, eu vim saber agora, nove anos atrás que eu fiz terapia, que entrei nos doze passos, num grupo anônimo. Eu fui me percebendo através do outro, vendo o outro, aí eu disse: eu gosto disso, eu sou isso, eu sou aquilo. Eu fui juntando meus cacos, eu digo que eu sou quebra-cabeça que um dia caiu no chão, eu fiquei catando meus cacos, para poder me montar de novo, e é o que eu estou fazendo, falar isso me causa muita dor, né? Ficar assim, ter que montar uma história de novo, ter que me colar toda, porquefica rasgadura depois da cola, fica rasgadura. Isso me causa dor, me dá vontade de chorar... (Lola, 40 anos)
> Eu não desenvolvi minha vida emocional, eu coloquei minha vida na mão dessas pessoas, que também nada podiam fazer porque não tinha nada pra me dar e descobrir o melhor que o problema não é ele sou eu, então comecei a me descobrir, aí comecei a ver eu quanto era que não tinha identidade, não tinha personalidade, quanto eu me construí uma pessoa, eu não foi uma pessoa que eu fui construindo minha identidade, eu foi me defendendo tipo assim, eu era agressiva, pra as pessoas me escutarem, porque não tinha voz em minha casa eu não era nada, não era ninguém.(Mercedes, 48 anos)

Esse conhecimento de si faz parte do conjunto de práticas de si mais gerais, que são veiculadas a partir de pequenas tecnologias visíveis a partir de ações, por exemplo, no caso de Pilar “escolher o sabor de uma pizza, escolher a roupa que gosta”, enfim, saber o que a pessoa gosta. Esse saber é visto como descobrimento de si mesmo, ou seja, como se sempre tivesse gostado e a partir das práticas terapêuticas de reflexão sobre si encontrasse seus verdadeiros gostos, opondo-se a uma possibilidade de construção de si. Embora isto contradiga o depoimento de Lola, que explica, a partir da metáfora do quebra-cabeça, que teve que fazer um trabalho de construção “com cacos que um dia caíram no chão”. De igual forma, acontece com o depoimento de Pilar, que mostrava que era uma pessoa nula, ou seja, se evidencia que há um processo de construção que se opõe a um de descobrimento.

No caso de Mercedes fica claro o processo de construção de si através das práticas terapêuticas no MADA. Ela teve que construir sua identidade, pois "não era nada", ou melhor, entende que todas as pessoas fazem este processo, porém o dela foi muito conflitivo, aspecto que é repetitivo na maior parte dos discursos das MADA's, considerando que o trabalho se começa a fazer de uma maneira certa só a partir de sua entrada no MADA, a partir da orientação de uma determinada literatura prescritiva dos grupos de ajuda mútua e da autoajuda em geral.

Essa oposição construção/descobrimento nos mostra de novo que o discurso prescritivo naturaliza o que na verdade criou, essa necessidade aguda de introspecção do eu e conhecimento de si para achar a "verdade interior" é característica de um discurso típico dos manuais de autoajuda. Fazem possíveis cenários através dos quais os atores podem recriar e refletir sobre suas experiências e a dos outros, provendo de sentido seus sentimentos, oferecendo um vocabulário e um método de introspecção, o que faz com que sutilmente se prescrevam regras para o gerenciamento emocional. (ILLOUZ, 2008, p.19) Desta forma, podemos ver que, mais do que descobrir por meio das técnicas de conhecimento um sujeito que sempre existiu, o que se faz é um processo de construção do sujeito.

O conhecimento de si funciona como base para "gostar de si". Nas entrevistas aparece com muita frequência a ideia de que se conhecer implica gostar de si, visto que você encontra suas qualidades e seus defeitos que tentará corrigir. Não existe a possibilidade de se conhecer e não gostar de si mesmo. A autoestima então se configura como um valor intrínseco e objetivo comum para ser atingido nos processos de construção de sujeito. Como acontece com o autoconhecimento, as técnicas para alcançar a autoestima também fazem parte do conjunto das práticas de si, que se encontram veiculadas por microtecnologias estéticas. Durante as reuniões isto foi mais evidente nos depoimentos, visto que era frequente falar de assuntos como arrumar o cabelo, fazer a depilação das pernas, pintar as unhas e fazer elogio mútuo entre companheiras, o que era visto como uma conquista. Isto se pode interpretar como microtecnologias aplicadas ao corpo, com o objetivo de atingir o amor próprio. De fato, o corpo no discurso prescritivo tem um papel central na busca da autoestima que se erige como um valor central. Poderíamos afirmar, inclusive, que é quase o objetivo político do grupo, como mostram os seguintes trechos do livro *Mulheres que Amam*

Demais, o primeiro consignado no inicio do livro, onde se relatam histórias de mulheres antes de fazer o trabalho terapêutico sugerido pela psicóloga/autora do livro, que descreve fisicamente suas pacientes, e o outro na parte final, onde se dão depoimentos de recuperação.

> No dia em que nos conhecemos, logo após uma palestra que eu dera a um grupo de alunos de enfermagem, não pude deixar de notar seu rosto cheio de contrastes. O nariz pequeno e empinado, todo salpicado de sardas, as bochechas com covinhas profundas, a pele leitosa, davam a ela um ar atrativamente travesso. Aquelas características vivas pareciam fora de lugar no mesmo semblante que apresentava círculos tão escuros abaixo dos olhos claros, acinzentados. Debaixo de uma boina de ondas escuras avermelhadas ela parecia um duende pálido e cansado (p.81).
> "Já faz oito meses que a vi pela última vez, e hoje ela parece melhor que nunca, os calorosos olhos castanhos faiscando, e a nuvem bonita de cabelos macios, castanho-claros, mais longos e espessos do que eu me lembrava. O rosto tem a mesma atração doce, quase travessa, mas as duas aparências que certa vez ela alternou cronicamente — a de órfã infeliz e a de sofisticada insegura — foram substituídas por um brilho feminino de confiança. Ela progrediu bastante nesses três anos após a tentativa de suicídio, quando o caso com Jim, o policial casado, terminou. (p.279)

Vemos nessa descrição corporal do antes e depois da "recuperação" que o corpo se erige como a expressão tanto da falta de amor próprio, quanto da conquista deste. Podemos ver também que o trabalho terapêutico de cuidado do corpo (arrumação do cabelo e unhas, emagrecimento etc.), que também nos mostra um trabalho de construção de um corpo, vai se consolidar como a ponte de onde se extrai o amor próprio, que se poderia resumir assim: eu gosto de mim porque eu me vejo bem. Novamente poderíamos afirmar que, ao fazer o trabalho de construção do corpo, também se faz o de um sujeito seguindo as regras tradicionais de estética associadas ao gênero, ou seja, do que se espera que seja um corpo de mulher segundo os cânones de beleza estabelecidos.

3.6 **O diálogo**

Outro aspecto bastante recorrente na literatura prescritiva é que o fato de amar de maneira doentia teria sido gerado pela falta de diálogo, o que também faz com que a família seja disfuncional ou desajustada. Então, a orientação dada após se fazer o trabalho de conhecimento de si seria falar daquilo que se conheceu, sendo isto a forma de cura predominante de seus "traumas".

Esta necessidade de falar fica exemplificada no quinto passo: "Admitimos perante Deus, perante nós mesmas e perante outro ser humano a natureza exata de nossas falhas." Nesta parte da literatura se legitima então a existência das salas, pois se

considera que cada reunião é a prática do quinto passo. Ao se fazer este exercício se sai da posição de vítima, reconhecendo e aceitando os erros cometidos, tentando deixar o passado e quebrando os segredos que se supõe alimentar a doença. Ao se falar dos conflitos, estes vão perder sua força. "Estes defeitos crescem no escuro e morrem à luz da exposição" e assim se pode mudar os "padrões errados de comportamento". Assim mesmo há uma orientação para se manter uma comunicação fluida entre os membros da família, o que fará com que se acabem os conflitos no lar. O silêncio, desde esta perspectiva, é totalmente negativo, visto só como uma forma de encobrir seus conflitos.

Outra questão apresentada na literatura prescritiva, ou seja, o livro *Mulheres que Amam Demais* e os doze passos e as doze tradições, é que essas famílias que denominam disfuncionais ou desajustadas não dialogam entre si, razão pela qual muitos de seus sentimentos foram reprimidos e se guardaram muitos segredos dolorosos. Então, a literatura orienta que se fale, seja com um terapeuta, na sala ou com um colega, visto que esta será a forma pela qual se curará o sofrimento, pois se romperá o isolamento, se perceberá que existem mais pessoas assim, se quebrando o segredo e fazendo com que, por meio daexposição, o sofrimento perca seu poder, curando assim sua dor e eliminando-se os sentimentos e emoções reprimidas.

3.7 **A Psicologização**

Estes três aspectos: a família disfuncional, o autoconhecimento e o diálogo que aparecem repetitivamente na literatura do grupo e, por conseguinte, no discurso das participantes, poderiam ser pensados como partes de um processo de psicologização independentes das profissões psi, ou seja, vamos ver que embora estas ideias sejam construídas como premissas de discursos institucionalizados nestas ciências, com a autoajuda e os grupos de ajuda mútua parecem se democratizar e de alguma maneira serem praticadas de maneira autônoma.

Como explica Jane Russo (2002), nos anos 70, época do milagre econômico no Brasil, se assistiu a um *boom* psicanalítico nos setores médios em ascensão:

> as pessoas se interessavam por psicanálise, consumiam psicanálise, falavam de psicanálise. Termos técnicos como complexo de Édipo, inveja do pênis, superego e fases oral/anal/fálica se popularizaram. As pessoas eram ou ficavam "obsessivas", "deprimidas", "paranoicas" "reprimidas" (p. 39.)

Neste contexto, os sujeitos começam a fazer uma busca dentro de si dos parâmetros, regras e orientações que antes estavam fora. Para fazer esta prática de interiorização se requer um conhecimento de si. É lá dentro que "se pretende encontrar as chaves para um comportamento saudável e ajustado" (RUSSO, 2002, p. 43) Vemos então quea popularização deste discursos foi crescente entre as camadas médias e altas das grandes cidades do Brasil como Rio de Janeiro e São Paulo, o que não foi por acaso. Como explica Russo, a mobilidade social ascendente no contexto do chamado milagre econômico trouxe modificações no estilo de vida, entre elas esta nova forma de olhar o mundo, embora estes discursos tenham sido introduzidos no cotidiano de toda a população pelas vias da ciência, da religião, da educação e das políticas públicas. No início, devido talvez ao custo da terapia psicanalítica, este estilo de vida se difundiu somente nas classes média e alta.Isso explicaria também o porquê da fundação do grupo MADA no Rio de Janeiro, no bairro Leblon e a permanência da maioria das salas em bairros por excelência de classes médias e altas como Zona Sul, Grande Tijuca e Barra da Tijuca.

Essa psicologização da sociedade brasileira, essa volta para dentro de si, influenciaram as modificações da família, em particular na forma de se relacionar de seus membros, fazendo com que valores como o diálogo e o afeto fossem ideais a serem atingidos. Como explica Jane Russo (2009), a psicologização colaborou na politização de questões consideradas menores pela esquerda tradicional, como os papéis de gênero, em especial a masculinidade, as relações mais harmoniosas entre pais e filhos e as questões raciais e relativas à sexualidade. Em suas palavras:

> A figura do operário em luta contra o capital é substituída pelas chamadas minorias (o louco, o índio, o negro, a mulher e a criança) oprimida pelo homem branco, adulto, heterossexual. Estas questões consideradas "menores" canalizavam uma critica contundente à "moral burguesa", visando muito mais os costumes, os comportamentos cotidianos, os modos de pensar e sentir do que a grande e abstrata luta capital versus trabalho" (p.43).

Este discurso psicologizante presente na literatura prescritiva do MADA pretende a criação de um sujeito que faça controle minucioso das emoções. Só este sujeito poderá fazer uma prática "saudável" dos relacionamentos sexual- afetivos, ou seja,estas questões do diálogo, do conhecimento e da busca incansável da autoestima são exercícios que buscam o equilíbrio o qual se poderá traduzir como controle emocional. Só o sujeito que pratique estes exercícios poderá amar segundo a forma que

a literatura do grupo prescreve e, ao final, fazer uma família funcional. Do contrário, tudo será visto como doentio.

3.8 As gramáticas emocionais

Nesta parte, serão analisadas as gramáticas emocionais que se tecem na configuração do "amar demais" como doença. Vamos encontrar, em primeira medida, uma explicação da gramática da dádiva presente nas experiências das participantes do grupo, depois se analisará a participação do dinheiro nesta gramática. Na última parte, observaremos como se produz o contágio emocional, sua relação com a gramática da compaixão com a categoria de vítimas que, como veremos, têm características próprias no MADA.

3.9 A dádiva, a troca justa e a individualização

Quando Alicia termina, a coordenadora explica que agora vai abrir para depoimentos que dêem força, fé e esperança e que ajudem as colegas no processo de recuperação. Pergunta quem quer falar e duas pessoas levantam a mão, ela dá a palavra a Libertad, enquanto inscreve as outras num papel:

- Boa noite! Sou Libertad, sou uma mada em busca da recuperação. Hoje quero começar agradecendo a presença de todas vocês, pois realmente não tem melhor terapia que esta. Nenhuma terapia de 200 reais poderia substituir o que as colegas revelam para mim nesta sala, ou melhor, o que o poder superior revela falando através das colegas. Neste mundo, encontrar um lugar onde as pessoas te escutam vale ouro. Também ouvir vocês é muito importante para poder linkar a minha vida na história do outro e assim driblar esses barulhos que tenho dentro de mim. Numa outra reunião, escutei de uma companheira uma coisa que me fez cair a ficha. Ela falou que era tolerante à dor e eu nunca tinha percebido que pra mim a dor partia disso também, só escutando essa pessoa que eu percebi isso, eu acho que o poder superior me bota para escutar o que eu preciso ouvir, para poder linkar em minha recuperação. O escutar é perceber que não estou mais sozinha, que não estou mais sozinha naquilo que sinto.

Por exemplo, aquele problemão que era só seu, você pode ver que pode dividir com outro, você acaba entendendo mais o outro, o que o outro sente. Antigamente, eu percebia que minha vida era uma roda, sempre acabava voltando no mesmo ponto. Depois, percebi que eu precisava passar de novo pelo mesmo processo para aprender, enquanto eu não conseguisse me desvencilhar daquele ponto, não conseguiria ir para frente. Então, só escutando o outro vou linkar em minha recuperação. Gente! Como é importante para mim falar nesta sala! É começar a exorcizar aquilo que você precisa desabafar. Muitas vezes, falando, eu comecei a ter o link do despertar espiritual, entender momentos de minha infância e o momento que eu vivo hoje, o porquê do meu comportamento, tudo isto eu linkei falando, escrevendo também. Por exemplo, quando descobri que foi minha mãe que me impediu de ter contato com o primeiro homem, senti muita raiva dela. Então, só escrevendo, fazendo inventário, falando para logo linkar com meu comportamento é que estou começando a me recuperar.

De repente, outra participante começa a chorar e eu levanto, pego a caixa de lenços e passo para ela, enquanto a companheira que tinha a palavra faz uma pausa e continua dizendo:

- Por isso é importante manter este lugar, manter a sala aberta e agradeço muito ao serviço da junta que está hoje mantendo a sala aberta e às companheiras que estão vindo pela primeira vez. Sejam muito bem-vindas! Continuem voltando, o segredo está na próxima reunião, realmente vocês vão ver que a programação funciona. Acho que ainda tenho mais uns minutos, gostaria de deixar uma coisa que esta semana me esteve atormentando muito: estou perto de fazer aniversário, vou fazer 35 anos e acho que meu tempo está acabando pra conseguir a pessoa certa. Minha mãe já falou isso pra mim e eu acho que ela tem razão. Eu já tive muitos homens em minha vida, inclusive três filhos de diferentes pais, mas sempre dá errado, parece que o problema realmente sou eu e começo a ficar com muito medo da solidão, quero pedir nesta sala muito ao poder superior que dê a serenidade para enfrentar estes medos. Obrigada mais uma vez por vocês me ouvirem e pelo serviço!

A coordenadora continua dando a palavra a Paloma:

- Boa Noite! Sou Paloma, sou uma mada em recuperação. Realmente quero agradecer o depoimento de Libertad, pois me senti muito identificada quando falou que sente que já perdeu a hora de encontrar a pessoa certa. Esta semana eu também fiquei

pensando no mesmo e às vezes, acho que é essa a razão pela qual eu não posso tirar esse homem de minha vida, meu namorado é dependente químico e eu sou dependente dele, essa é minha verdade.

Nesse momento, Paloma começa a chorar e uma companheira que está mais perto dos lenços passa um para ela. Ela não consegue parar de chorar e a coordenadora pergunta se ela quer parar e depois volta a dar-lhe a palavra. Ela diz que não, respira fundo e continua:

- Esta semana chorei o tempo todo, mas pelo menos consegui dar aula, embora ficasse deprimida a semana toda. Num momento de fragilidade, voltei a ligar para ele e o esperei na saída do trabalho, então parece que estamos voltando, mas também estou querendo controlar tudo o que ele faz. Por exemplo, encontrei um terapeuta muito bom, em Belo Horizonte, especialista em dependência química. Embora tivesse que pegar uma vez por mês um avião pra ir até lá, ele me deu um limite e me disse que não, que ele não ia fazer isso só porque eu queria. Realmente, eu acho que perdi o controle de minha vida por estar querendo controlar a vida do outro.

Obrigada por vocês me ouvirem! Mais 24 horas de recuperação.

A partir das observações e das entrevistas, observamos que nas experiências das participantes há aspectos que poderíamos relacionar com o amor romântico.O excesso é um deles, porém estes aspectos se apresentam de maneira paradoxal, pois produzem uma quebra grosseira na estética que pressupõe este tipo de amor, dada pela percepção de que haveria uma "ruptura" na dádiva intrínseca ao ideal do amor romântico. Esta ruptura derivaria da assimetria na quantidade de amor que oferecem em seus relacionamentos, assim como na quantidade de dinheiro, tempo e interesse. Então, esse conjunto de práticas de si supõe um trabalho que poderíamos chamar de "economia dos vínculos sociais", ou seja, neste ideário o amor se deve ter e oferecer numa medida certa com o propósito de encontrar um estado de equilíbrio, encontrando assim as emoções quantificadas e até racionalizadas, ao menos no ideal a ser atingido.

A dádiva foi estudada por Marcel Mauss (1979) em seu célebre *"*Ensaio sobre a Dádiva*"* onde analisa o sistema de transações humanas de trocas de presentes teoricamente voluntários, mas na realidade obrigatórios, e que se encontra inserido em todos os aspectos da vida das sociedades (direito, economia, moral, religião). Ao revelar

o caráter obrigatório e coercitivo da dádiva, também mostra o que se poderia chamar a "gramática da dádiva", que possui três momentos básicos: dar, receber e retribuir, explicando que não só se está obrigado a dar, mas também a receber e a retribuir outro presente, sob pena de provocar guerra pública e privada, ou de desprestígio. Este sistema de prestações e contraprestações é definido por Mauss como prestações sociais totais, pois, conforme dito linhas atrás, a dádiva perpassa todos os aspectos da vida e envolve todos os membros das tribos. Em outras palavras, a dádiva é um fato social total, pois todos determinamos e estamos determinados por ela.

A hipótese que gostaria de explorar aqui é a existência de uma versão particular da dádiva no universo da ajuda mútua: *aqui, dar-receber-retribuir se tornaria falar-escutar-retornar*. Contudo, esta "gramática da dádiva" possuiria algumas particularidades, pois o dar parece se confundir com o receber. Quando uma pessoa fala está ajudando a si mesma; já como um fato secundário e resultado deste ato, o ouvinte poderia se identificar e também receber ajuda. Por outro lado, o escutar também tem as duas faces, pois a pessoa pode se ajudar escutando o depoimento da outra, mas também faz o favor de dedicar tempo a essa pessoa falante. Ou seja, nos dois casos parece que tanto se recebe quanto se dá.

Nessa mesma linha de reflexão inspirada nas teorias da dádiva, o desequilíbrio no balanço emocional é atribuído pelo discurso prescritivo à falta de autoestima, pois ao não se valorizar e não amar a si mesmas as participantes passariam a gostar mais dos outros, o que é um aspecto central na configuração do amor como doentio. A terapia base da ajuda mútua se denomina terapia do espelho, que consiste em olhar, se ver, escutar e aprender das experiências das outras companheiras. É assim que a dádiva também se situa como o aspecto central. Aqui existe um equilíbrio ideal da dádiva, mas às vezes este também se quebra quando uma companheira começa a ligar exageradamente ou a fazer algum tipo de ato considerado abusivo, ou melhor, excessivo[14].

---

[14] Vemos nesta forma particular de dádiva que parece existir um aspecto paradoxal, por um lado vemos que o grupo pratica uma série de terapêuticas com o objetivo de conseguir um sujeito que olhe para dentro de si, um sujeito narcisista, visto que s são pessoas que desejam criar vínculos sociais transbordantes: Amam demais, aspecto que é chamado de doença, por outro ladoé através dos mesmos vínculos que se tenta conseguir a cura.Esta contradição parece se solucionar se pensamos estas práticas como parte do resultado do processo de individualização. Norbert Elias (1994) afirma que, a partir da formação da autoconsciência correspondente à estrutura psicológica estabelecida em certos estágios do processo civilizador, criou-se uma autoimagem que nos faz pensar na existência de um eu "puro" que estaria isolado da sociedade. Esta sensação foi produzida historicamente através da autorregulação e autocontrole, gerado no inter-relacionamento com os outros, o que pode ser uma chave para pensar que as práticas de

A gramática da dádiva falar-escutar-retornar presente no grupo MADA apresenta aspectos que merecem ser observados com maior profundidade:

- Falar

> Eu me sinto muito à vontade de compartilhar as minhas experiências, me sinto muito acolhida lá. Tudo o que eu falo as companheiras, elas parecem estar interessadas no que eu falo. Existe uma troca muito de experiências, quer dizer, aquilo que eu passei algumas vão passar ou já passaram, então é o lugar que eu me sinto maisà vontade pra falar sobre essas questões, e eu não costumo falar dessas questões, de questões de relação a dois, de relacionamento, a dor de viver, a dor de não ser compreendida. Lá fora ...eu costumo não falar fora do MADA, porque eu acho que as pessoas não estão preparadas, não vão me dar a devida... atenção, a devida... respeito, que eu tenho no MADA. Então, compartilhar no MADAé tudo, é a melhor coisa que se existe nesse momento de aflição, de dor, e saber que tem alguém que vai te escutar, que vai te acolher, que vai te atender, que vai falar pra você: vai passar, é isso. Compartilhar pra mim é uma... é um... não é só tomar um remédio, é poder expurgar aquele mal, é poder colocar aquele mal pra fora, é desabafar o mal, é... colocar pra fora, de você uma coisa que me aflige, me causando conflito, botar o medo pra fora, botar confusão pra fora, de poder respirar coisas boas de volta. (Paquita, 36 anos)

> Pra mim significa, falar na sala é falar de mim, porque o remédio entra pela boca e sai pelo ouvido. Então, é tão importante você falar quanto você escutar, porque você falar é importante, porque você está falando aí, se libertando, colocando, se libertando através de sua verdade, colocando ali, se mostrando, se despindo. Então, aquela maneira de sair daquele pedestal do orgulho e falar: eu sou assim. Mas quando a pessoa consegue ser honesta, pra mim eu procuro falar de mim e com honestidade, falar coisas boas ou coisas ruins, falar a verdade: eu fui assim, assim, assado. Me denunciar. Pra mim, falar é importante quando você fala no sentido de se denunciar, ou então, falar no sentido de conseguir agradecimento de vitória, sabe? Éimportantefalar,como é importante escutar também. (Alicia, 48 anos)

Na gramática da dádiva, falar é a primeira regra, mas também é um dos aspectos que fazem uma quebra da estética do amor romântico ao comunicar o incomunicável. Contudo, no ato de falar a pessoa ajuda os outros com sua experiência, o que é uma consequência indireta do objetivo principal: ajudar a si própria. Porque falar, como as entrevistadas apontaram, é colocar a dor e o sofrimento "para fora", é uma parte do trabalho de cura - "o remédio entra pelo ouvido e sai pela boca" -, consistindo em expurgar aquele mal que leva dentro. No discurso do grupo, circula a ideia de que o uso de linguagem médica não tem caráter metafórico, no MADA se acredita que amar demais é realmente uma doença de tipo crônica, progressiva, que não tem cura e que pode causar a morte, se não for tratada.

---

inter-relacionar-se e assim observar os outros funcionam como parte do processo de observar para dentro de si desde fora. Por meio dos "espelhos" se dá a possibilidade de se alterizar, criando uma sensação mais forte de um sujeito que se sente autônomo e individualizado.

Contudo, no grupo MADA existe um caráter metafórico do amor, que pode ser explicado a partir do trabalho de Susan Sontag, *A doença como metáfora* (1984), que mostra como as metáforas que cercam a tuberculose, como por exemplo, que sua causa é dada por uma paixão desbordante, fazem com que exista uma romantização desta doença. De igual forma, no primeiro capítulo realizamos um percurso pelas associações realizadas em diferentes momentos históricos entre o amor e as doenças. Poderíamos dizer então que fizemos o caminho inverso ao de Sontag: uma patologização do amor.

Não obstante, nos dois caminhos, tanto na romantização da doença quanto na patologização do amor, a metáfora é o veículo que permite o passo de um campo para outro, no caso das emoções para o da saúde e vice-versa. Desta maneira, poderíamos entender que essa metaforização do amor como doença pode ser uma condição necessária para considerar este sentimento desbordante como doença.

Nos dois caminhos, de metaforização, o corpo tem uma participação ativa. No primeiro caminho, exposto por Sontag, vemos que a tuberculose foi relacionada com as "qualidades atribuídas aos pulmões, que pertencem à parte superior e espiritualizada do corpo" (SONTAG, 1984, p.12) que fica perto do coração, próximo à alma. Durante o trabalho de campo, observou-se que as metáforas corporais eram muito comuns, por exemplo, uma delas era a chamada "síndrome da abstinência", que ocorre nos momentos mais altos das crises da doença, em que o corpo treme e sua, o coração bate forte e há insônia, entre outros sintomas.

Nessa metáfora do corpo utilizada pelaentrevistada ("o remédio entra pelo ouvido e sai pela boca"), na qual através da fala se pode exteriorizar a dor que estava "dentro", parece circular a ideia de que as emoções têm um lugar dentro do corpo da pessoa. Mas a fala parece situar-se como um veículo para colocá-las para fora. Neste mesmo sentido, observamos outra metáfora circulando no grupo, a de que a cura por meio da fala só ocorre quando as palavras atingem os sentimentos.

Expurgar, pôr a dor para fora, é também uma forma de libertar-se daquele segredo que estava "preso" na pessoa, em um lugar que vai continuar guardando o segredo devido a um pacto de confiança estabelecido no grupo. Também não se pode falar em qualquer lugar, porque nem todo mundo vai entender. No ideário do grupo, só quem passa pela mesma situação pode fazê-lo, surgindo assim outro aspecto importante: a identificação. Esta é importante devido à banalização que tem sido sofrida pelos temas

do amor. No momento em que falam de seus dramas, podem correr o risco de ser ridicularizadas. Por isso, falar também pode ser interpretado como um ato de humildade, à medida em que a pessoa reconhece seus erros e se dispõe a tentar repará-los.

Falar com pessoas que têm passado pelas mesmas experiências de sofrimento, ou seja, a cura pela identificação parece, à primeira vista, ser o avesso da terapia com um profissional que pode ajudar precisamente por seu olhar distanciado, visto que o paciente não é capaz de perceber sozinho o que está acontecendo consigo. Não obstante, de acordo com o ideário do grupo ver-se nas experiências dos outros pode ter efeito terapêutico , considerando que esta alterização permite ao sujeito fazer um trabalho simbólico, no qual sai de dentro de si mesmo para conseguir se enxergar de fora.

- Escutar

Na segunda parte da gramática da dádiva, equivalenteao "receber", vemos que o processo de identificação pode se apresentar de várias formas, por exemplo, quando as pessoas que chegam pela primeira vez depõem, há outras que se identificam por estar vivendo o mesmo drama e as mais antigas, porque já passaram por isso, podem se ver em retrospectiva, como mostra o seguinte trecho de entrevista:

> Pra falar a verdade, eu gosto muito de escutar o depoimento das novas. Mais do que os das antigas.Porque as novas, elas sempre me trazem a minha história, me fazem eu lembrar de onde eu vim, eu acho isso e o grande barato do programa. Eu jamais posso me esquecer do primeiro dia que eu coloquei os pés na sala, porque eu acho... eu não posso me comparar a ninguém, a não ser como eu cheguei e como estou hoje, toda vez que eu escuto o depoimento de uma pessoa nova eu me identifico, vejo como eu cheguei e como eu caminhei. Não que eu dei valor aos depoimentos das pessoas mais antigas, claro que eu dou! Mas o que eu mais gosto realmente de ouvir é a história das pessoas novas, porque as pessoas novas me fazem me manter no programa né, pra ser um exemplo de que o programa funciona. Essa é a meta do programa. (Clarita,43)

> É muito interessante porque por mais que eu hoje tenha conhecimento, né de mim e da doença em si, e da recuperação, quando chega uma pessoa com uma história, assim, numa situação no fundo do poço, uma coisa muito trágica, meu sentimento, eu sinto a mesma dor que aquela pessoa sente, porque eu sei, se eu bobear, se não ter a programação, como não tem cura eu tenho que ficar nessa autoanálise a vida toda para não cair na esparrela de voltar a recair na doença, né? Porque a doença é emocional, então quanto mais eu me conheço, mais eu me descubro, mais eu trabalho em mim, mais eu estou não indo para a doença. Em relação às pessoas que chegam e às partilhas, o sentimento é o mesmo, porque eu sinto que aquilo ali já está dentro de mim, aquela mulher sofrida, ela pode vir em qualquer momento, é só eu dar uma cochilada, porque eu já tou em um espaço, assim eu já sei como me defender. (Aura, 53 anos)

A identificação de Clarita com os depoimentos das pessoas que vão pela primeira vez se dá não porque ela no momento esteja se sentindo assim, mas sim porque no passado já o sentiu e agora ela é um exemplo da possibilidade de superação do

problema. Por sua parte, Aura sente que ao ouvir o depoimento de uma pessoa nova, faz lembrar que ela também passou pelo mesmo, mas que em qualquer momento pode reincidir no problema. Nos dois depoimentos, podemos observar que o fato de escutar uma pessoa que está começando no grupo sinaliza para as antigas que têm feito uma espécie de "carreira moral[15]"(GOFFMAN,2006) , um trabalho de transformação que está determinado pelo antes e depois de estar no grupo, aspecto muito recorrente nos discursos das participantes.

O tempo parece ser uma categoria moralizante nas experiências das participantes do grupo, o que está relacionado também com o conceito de carreira moral. O tempo de participação no grupo parece ser um lugar a partir do qual se fala, que está marcado simbolicamente por uma fita que se recebe anualmente, produzindo certa legitimação a seu discurso. Embora nos grupos de ajuda mútua se fale que todos só têm vinte e quatro horas de recuperação, no MADA normalmente todos sabem quanto tempo de participação têm suas colegas; não obstante, o que poderia ser legitimador pode se converter em motivo de julgamento, pois, por exemplo, quando uma pessoa tem uma recaída, sempre é avaliada pelo grupo em termos do tempo de participação, ainda que de maneira sutil, o tempo então se situa como uma categoria moralizante.

Nessa carreira moral existe uma lógica de aperfeiçoamento de si. Um discurso frequente é que o "programa de recuperação" não busca fazer pessoas perfeitas, mas sim promover um aperfeiçoamento que se dá através do controle afetivo, buscando uma transformação que opera principalmente por via emocional (REZENDE, 2011) e que tem como ideal encontrar o equilíbrio, o que pressupõe fazer uma autoavaliação constante de cada uma das atitudes e sentimentos dos sujeitos.

- <u>Retornar</u>

> O que eu vejo do retorno... eu nunca tive problemas com o retorno, meu problema mais era com uma pessoa que vinha me julgar. Por que você não termina o relacionamento? Isso é ruim, esse tipo de retorno é ruim né? Eu aprendi que se pode dar um retorno, eu posso falar pra você com tranqüilidade, isso tranqüiliza muito, você pode me dar, eu posso falar de sua história, eu me identifiquei com sua história, a gente pode falar, isso é um retorno sadio. Mas retorno de julgamento, eu não vou lá pra fazer julgamento, isso acontece com o marido, quando faço ele de companheiro eu vou contar a história pra ele, ele me julga, eu fico brava, eu quero que você me ouça, julgar já basta meu julgamento. A pessoa que mais me julga sou eu mesmo, então assim, o retorno é mais um julgamento. Quando você vê a pessoa que dá o retorno

[15] Carreira Moral: conceito usado por Goffman (2006) em relação às pessoas estigmatizadas para referir-se ao cojunto de experiências de aprendizado desua condição, assim como das modificações na concepção do seu eu. Em alguns momentos deste processo é possível para o indivíduo estigmatizado revisar sua própria carreira moral, o que possibilita escolher e elaborar retrospectivamente as experiências que permitem explicar a origem das crenças e das práticas que agora têm a respeito de seus iguais e dos normais.

> também... é absurdo ela usar o tempo pra falar da vida do outro." (Matilde,30 anos)

O retorno no grupo, supõe-se, não pode ser um ato direto nem programado pelas falantes para uma ouvinte específica; neste sentido, a contraprestação deve ser só proferida sem pensar num receptor especifico. É trabalho das ouvintes escolher o que se recebe e o que não se recebe, por isso no começo da reunião se fala que não se deve dar conselhos. Também não se deve utilizar o pronome "nós" (ou "a gente"), só se deve usar "eu", em primeira medida para que a pessoa reconheça que tem um problema, mas também para evitar o julgamento. A esse respeito, é comum escutar a frase "eu só posso falar por mim".

Contudo, durante o trabalho de campo pude observar que no intervalo e no final da reunião parecia existir uma explosão de conselhos mútuos que contradiziam esta regra do grupo. Além disso, pareciam circular interminavelmente as mesmas ideias uma e outra vez. Conceitos como "família disfuncional", "homem indisponível", "autoestima", "autoconhecimento", "autocontrole", "equilíbrio", entre outros, se repetiam constantemente nas falas das participantes. Este fato se esclareceu ainda mais numa semana em que tive que fazer duas entrevistas: a primeira pessoa estava há mais de sete anos no grupo e a segunda estava há poucos meses, porém as duas usavam as mesmas expressões e tinham as mesmas clareza e domínio para explicar a literatura prescritiva.

Quando acabei de entrevistar a pessoa que tinha menos tempo no grupo, desliguei o gravador, agradeci por sua ajuda e a parabenizei pelo domínio que tinha da literatura, ela me respondeu numa frase que guardei no diário, algo como "pelo menos a parte do discurso eu já entendi, já ficou claro pra mim, agora só falta pôr em prática". Este fato pode nos fazer pensar não só que existe uma dissociação entre a prática e o discurso, mas também que o discurso é o mais relevante nas experiências das participantes. Este discurso, porém, possui uma característica: a *repetição*.

Este fenômeno pode ser entendido seguindo a sugestão de Coelho (2009), que a partir de uma etnografia de um encontro de segurança pública de mulheres mostrou que, no segundo dia do evento, quando se pediu às mulheres que fizessem propostas para solucionar os problemas de segurança, os diferentes grupos, ao fazer sua reinvindicações, pareciam redundar nas ideias, sem ter a mínima discórdia entre umas e

outras. A autora observou que o enunciado sempre era o mesmo, mudando apenas o enunciador, que tomava como suas as convicções dos especialistas no tema da segurança pública, não como um mero eco, mas sim como uma apropriação na qual o enunciado perde sua autoria original.Em suas palavras:

> O sentido último deste aparente discurso da redundância emerge aqui: ao *decidir repetir*, o sujeito faz *algo de novo*, em seu duplo sentido: ao fazer algo 'de novo' (no sentido de fazer 'outra vez'), ele faz algo 'de novo' (no sentido de 'inédito'). E este algo inédito é a instauração de si como sujeito desta verdade.(p.131)

Embora no caso do MADA não houvesse uma perda da autoria, porque na verdade a maior parte das participantes, ou pelo menos as mais ativas, tinham uma referência clara da autora do livro *Mulheres que Amam Demais* e dos doze passos, o que nos mostra o caso da entrevistada mais nova no grupo é que o importante não é que ela pudesse praticar as orientações da literatura, mas sim enunciá-las: "Ela se torna minha verdade, porque agora sou eu que a enuncia.*"*(COELHO, 2009, p.131)

4. O DINHEIRO E A DÁDIVA

Depois do depoimento de Libertad, a coordenadora olha o relógio e diz que é a hora da sétima tradição. Pede para Isaura, uma participante antiga no grupo, explicar em que consiste esta tradição.

Ela diz: - Boa Noite eu sou Isaura, sou uma mada em recuperação! A sétima tradição é tudo, sabemos que os passos são a base para relacionar-me comigo mesma e as tradições para relacionar-me no grupo. Eu sou do time que fala que é pra botar as tradições em primeira pessoa, então a sétima tradição me ensina que eu devo ser economicamente autossuficiente e, além disso, ensina-me a me relacionar com o dinheiro, porque faz parte de nossa doença não fazer um bom uso dele. Eu fui daquele perfil que dava todo meu dinheiro para o cara, eu paguei o aluguel dele, sempre que saíamos eu pagava a conta, pagava conta de motel, eu fazia o papel do homem, até cueca comprei pra ele, contas de celular altíssimas, não imaginam quanto dinheiro eu perdi! Hoje eu não quero mais isso pra minha vida.

Nesse momento as outras participantes começam a rir. Isaura ri também, e continua falando: - Estão rindo? É verdade! Nunca mais esqueço uma Páscoa em que saí enviando uma cesta de chocolates pra ele e naquele mês não consegui pagar meu aluguel. E pior ainda, ele nem me ligou esse dia! Esta doença atinge o nível espiritual e também o material, então a sétima tradição diz que o dinheiro que se recolhe na sacola hoje é um investimento em mim, pois com ele posso, podemos pagar o aluguel da sala, comprar o lanche, mantendo a sala aberta. Também é sétima tradição prestar serviço na sala, porque não adianta ter a sacola cheia e não ter uma coordenadora. Então, o dinheiro que antes eu dava para homens "indisponíveis" agora uso para contribuir com o funcionamento do grupo que faz parte de minha recuperação. Obrigada por vocês me ouvirem!

A coordenadora continua diz: - Todos os grupos de MADA devem ser economicamente autossuficientes. Porém, as pessoas que assistem pela primeira vez podem se abster. Vamos passar a sacola em silêncio porque estamos lidando com o material e o espiritual. Nesse momento a sacola começa a ser passada de mão em mão, escutando-se um movimento coletivo de moedas e bolsas. A seguir, tocam a campainha para avisar que têm dez minutos de intervalo.

O excesso econômico mantido durante os relacionamentos é uma constante na maioria das partilhas das participantes do MADA, sendo considerado por elas um dos aspectos que constituem um "comportamento doentio". Isto é explicado, com base na literatura prescritiva, como parte da falta de autoestima, pois ao não gostar de si mesmas, precisavam "pagar por amor". Durante a permanência nas salas era comum escutar frases como "esperava que os outros me dessem valor" e "agora eu me dou o autovalor". Sobre isto faremos algumas considerações. Em primeiro lugar, embora elas considerem que o encontram em si mesmas, parece que esse "valor" só é encontrado a partir dos vínculos com os outros, que oferecem a legitimação e aprovação. Isso que se encontra na inter-relação com os outros possui as características próprias do universo da dádiva, denominado por Jacques Godbout (1992) como o *valor do vínculo* e se apresenta como uma alternativa à dicotomia marxista entre "valor de uso" e "valor de troca". (COELHO,2006). Em suas palavras:

> ... para esse fim, não deveríamos acrescentar um terceiro tipo de valor, que seria " o valor de laço" (valor do vínculo): o que vale um objeto, um serviço, um gesto qualquer no universo dos laços, no reforço dos laços. Esta realidade opõe-se ao valor quantificável, e é totalmente ocultada pelo discurso econômico para o qual o laço é a própria troca, e nada mais. O valor de troca, como o do dom, tende a ser unicamente relacional. Mas ele exprime a relação entre as coisas trocadas, tal como ela é representada pelo dinheiro... Este valor (o do vinculo) não é, contudo, estabelecido por comparação com as outras coisas, mas em primeiro lugar em relação para com as pessoas. O mesmo objeto terá um valor de laço muito diferente, segundo o circuito em que ele se situa. (GODBOUT,1992, p.245)

Contudo, na gramática do amor que se analisa do grupo MADA observamos que existe sim uma quantificação, só que inexata. Ao mesmo tempo parece existir uma sensação de que o mundo monetário corrompe as relações de intimidade que estão sustentadas na gramática da dádiva. No entanto, o exemplo que nos oferece a pesquisa sobre o grupo MADA mostra que as transações econômicas e sentimentais parecem se misturar e o dinheiro se situa como parte do mundo da dádiva, já não só como meio de troca de bens materiais, como no valor de troca, mas também seguindo assim as lógicas do valor do vínculo, visto que sua devolução pode ser dada em tempo, dedicação ou afeto, que foge de uma lógica de cálculo exato, porém continua expressando os vínculos sociais. Por exemplo, não posso dar ou pedir cem reais de amor, mas posso investir cem reais numa cena romântica e esperar de volta afeto sem que os cem reais investidos na cena corrompam a sinceridade deste ato amoroso.

Nessa economia dos vínculos sociais podemos ver então que existe um papel do dinheiro. Como explica Viviana Zelizer (2009) todos utilizamos as atividades econômicas para sustentar e renegociar vínculos sociais importantes com outras pessoas, especialmente os relacionados com a intimidade. As relações então não só incorporam atividades econômicas, como também se vêem organizadas e dependentes delas; desta forma, podemos observar que no mundo cotidiano as pessoas continuamente estão criando estratégias para incrementar seu proveito pessoal, não como atores estratégicos que atuam um contra o outro[16], mas sim organizando e renegociando seus lugares por vias econômicas.

Ao tentar explicar as gramáticas produzidas no grupo MADA desde estas perspectivas teóricas, surgem dois questionamentos: Se em geral as pessoas renegociam e sustentam os vínculos sociais a partir de atividades econômicas, porque no caso do MADA estes aparecem como ato doentio? Se o dinheiro não funciona como única matriz quantificadora das relações, quais são as outras formas que produzem o cálculo?

A primeira pergunta poderia ser respondida a partir de dois aspectos: por um lado, pelo fato de serem mulheres, pois parece não concordar com as regras normativas de gênero o papel de provedoras, "eu era o homem da relação", como afirma Isaura na sua partilha. O ideário do grupo aceita os padrões normativos de gênero e tenta reproduzi-los, o que está legitimado no discurso prescritivo: por exemplo, faz parte do "programa de recuperação" tornar-se mais "feminina", aspecto que se pratica através do uso de acessórios de cor rosa ou lilás para a arrumação da sala e na fabricação da propaganda do grupo. Por outro lado, e talvez seja esta a principal razão (novamente voltando à ideia inicial com a qual começamos esta parte), o fato de dar em excesso e não ter reciprocidade, ou seja, quebrar a gramática da dádiva, é o que torna doentio o fato de dar, como explica o depoimento de Isaura quando ela envia a cesta de chocolates na Páscoa, tendo deixado de pagar o aluguel e o parceiro não devolveu nada para ela: "Nem me ligou!". Ligar, no sentido de telefonar, parece ser também uma metáfora de vinculação.

---

[16] Isto pode soar um pouco idílico se temos em conta que algumas relações que têm como objetivo o lucro econômico danificam a integridade de pessoas. A esse respeito, a autora explica que esta afirmação não nega que algumas negociações entre relações, meios, transações e limites se dão mediante a incorporação da injustiça, crueldade, danos ou confusão, não porque misturem atividades econômicas com relações pessoais, mas sim porque são o resultado de um exercício inapropriado do poder. (ZELIZER,2009, p. 328)

Na segunda pergunta sobre as outras formas de quantificação, vemos que no "programa de recuperação" de uma série de exercícios que se fazem para cessar o vicio de amar demais o mais importante é o que elas denominam como "*dar limites".* Durante a reunião, naparte do estudo da literatura prescritiva, é muito frequente a leitura de um texto que fala sobre este tema, de fato um tema comum nas conversas das participantes. Aprender a dar limites é visto como uma "conquista na recuperação"; no entanto, não se podem estabelecer regras precisas sobre seu uso, pois isto depende de cada situação e poderíamos afirmar que isto é renegociado continuamente no cotidiano. Contudo, podemos dizer que na maioria das vezes os limites se estabelecem em termos de regulação do tempo. Por exemplo, se era uma pessoa que investia muito tempo em ligar demais agora já não o faz ou o faz menos, se essa pessoa que sempre estava disponível ou para pensar na pessoa objeto de amor, ou para olhar as redes sociais na internet e assim investigar a vida dessa pessoa, ou tinha tempo sempre que o parceiro desejava, agora já tem outros compromissos como participar das reuniões do MADA. Estas práticas requerem um constante autocontrole e autovigilância de cada um dos movimentos feitos.

Novamente observamos que o tempo agora conjuntamente com o dinheiro são uma categoria moralizante que permite proferir juízos de valor a respeito de quais relacionamentosmerecem ou não atenção e investimento emocional.

4.1 De lágrimas, contágios e vítimas

Depois de soar a campainha, o silêncio que se encontrava na sala é quebrado e se escutam rapidamente várias conversas alternadas, todas se cumprimentam uma a outra, Mercedes e Alicia se aproximam para me abraçar, perguntam por meu companheiro, eu respondo que está bem, que as coisas estão indo e Mercedes fala "que bom!", fazendo um sorriso de satisfação, enquanto Alicia nos convida a tomar café. Todas se encontram aglutinadas em volta da mesa do café e consigo manter várias conversas paralelamente, sem poder concentrar-me em nenhuma delas. Tento me concentrar em alguma e então vejo que Rocio pergunta para Paloma porque ela acha que não pode deixar esse homem? Ela responde que não sabe: "Eu acho que estou ficando velha." Rocio ri e diz que se ela continuar falando que é velha, seguramente vai

ficar. "A gente expressa o que sente afirmando", diz, "Você é muito bonita e vale muito, você tem que deixar de pensar assim, você vale muito, vai chegar o homem que mereça estar com você!"

Em seguida eu pego o dinheiro da sacola e peço para Isaura contar. Ela conta e registra o valor no quadro branco: "Hoje deram 12,35 reais." Entrego o dinheiro à coordenadora que reclama por ter que guardá-lo e me diz que temos que resolver o problema da tesouraria. O intervalo está acabando, a campainha soa novamente e pouco a pouco as pessoas começam a voltar a seus lugares. A coordenadora pergunta se alguém tem algum aviso a dar a respeito da irmandade, então Libertad levanta a mão, faz o ritual de apresentação e diz que é só para lembrar que no próximo domingo tem reunião de intergrupo e que esta sala não tem representante. Imediatamente eu levanto a mão e digo que Paloma estava interessada em participar, Paloma concorda, mas diz que não sabe muito bem como fazer e a coordenadora diz para ficar tranquila, pois lá iriam ensinar-lhe e que Mercedes lhe daria umas instruções. Em seguida, a coordenadora avisa que vai colocar em votação na consciência coletiva do grupo para escolher Paloma como representante de grupo (RG), ela pergunta quem é favorável e seis pessoas levantam a mão, seguidamente pergunta quem é contra e ninguém se manifesta, quando pergunta quem se abstém, duas pessoas levantam a mão, então ela declara: "Paloma é a nova RG do grupo", todas aplaudem e em seguida eu me levanto, pego os cartazes com "as dez características de uma mulher que se recuperou de amar demais" e dou pra cada uma ler (ver anexo 2). Depois a coordenadora pega o livro "Meditações para mulheres que amam demais" no qual há uma reflexão para cada dia do ano, procura a correspondente àquela data, lê e pede para outra colega ler novamente. Em seguida ela pergunta se há alguma pessoa que está participando pela primeira vez, para que seja feito o ritual de boas-vindas. Alicia aponta para uma moça que está até este momento totalmente em silêncio, pergunta se quer dizer o nome e ela diz "Meu nome Julieta". Todas respondem "Oi Julieta!" e ela faz um sorriso que me parece de incômodo ou assombro. A coordenadora pede para Rocio dar as boas-vindas, ela pega alguns folhetos que contêm indicações do programa de recuperação, endereços e horários de outras reuniões, uma lembrancinha do grupo e uma fita branca, que será sua primeira, entrega e diz: "Esta fita é dada pelo grupo e as outras você deverá conquistar", repete novamente que ela é a pessoa mais importante da

reunião e que "continue voltando, o segredo está na próxima reunião", afirmando que para ela foi muito bom escutar isso na primeira vez que assistiu, porque nunca antes tinha escutado isso. A coordenadora pergunta à recém-chegada se quer dizer suas razões para estar lá, mas caso não queira poderá ficar em silencio. Julieta, com a voz embargada e olhos úmidos, diz: "Estou vindo porque toda minha vida tem sido uma vida de sofrimento por causa de relacionamentos que não têm dado certo, hoje em particular estou vindo porque não aguento mais, tenho um relacionamento com uma pessoa viciada em cocaína e álcool e isto está destruindo minha vida. Antes dele conheci outro cara que roubou todas as economias que eu tinha feito para comprar uma casa para mim e foi embora, e agora, este novo cara também me faz sentir-me muito desgraçada." Dito isso, ela cai em prantos e a sala parece que se enche de muita tristeza, na realidade, eu também me sinto um pouco triste e as lágrimas dela parecem muito dolorosas. Não consigo suportar o ambiente e vejo que meus olhos também se umedecem, levanto-me e passo a caixa de lenços para ela enquanto vejo que várias colegas estão chorando. A coordenadora pergunta-lhe se quer parar, ela concorda balançando a cabeça sendo então aberto um espaço para novas partilhas. Quatro mulheres levantam a mão e é dada a palavra a Alejandra, que começa sua partilha com o ritual de costume, dizendo:

- Esta semana refleti sobre qual era o meu objetivo no grupo e realmente acho que hoje estou fazendo algumas coisas que tinha colocado como meta, que é prestar serviço, pois eu realmente posso ajudar os outros com minha experiência. Mas meu objetivo, realmente é ser uma pessoa saudável e aprender a me relacionar com as pessoas, porque eu entrei no grupo por causa de homem, mas depois aprendi que o grupo não é só para isso, é para qualquer tipo de relacionamento. Às vezes eu me relaciono destrutivamente até com um objeto material, entendeu? Assim, meu objetivo é tornar-me uma pessoa mais saudável, mais leve, mais plena, mais verdadeira comigo mesma, uma pessoa que tenha uma autoestima maior, porque, na verdade, meu objetivo no grupo nunca vai acabar, eu pretendo nunca sair dele. Então, realmente, eu não acredito que sem ele eu consiga caminhar sozinha. Meu objetivo é esse: aprender a me relacionar comigo mesma, a cuidar de mim mesma, a organizar minha vida, a ser uma pessoa melhor, a ter um relacionamento saudável com uma pessoa que me faça bem. Eu também quero não permitir mais os abusos das outras pessoas, acho que meu

grande objetivo é aprender a ter relacionamentos mais saudáveis, de uma forma geral, tenho que ter relacionamentos de verdade, um relacionamento de laço, não de nome, porque eu tinha um relacionamento de nome não de laço. Eu quero aprender a ter um laço com as pessoas, a ter um laço na amizade, um laço sexo-afetivo, um laço familiar, enfim, aprender a ser uma pessoa melhor, a ser uma pessoa mais consciente, mais livre. Acho que a grande palavra é liberdade, porque quando eu me liberto, eu liberto todos para serem livres. Meu objetivo é me aprimorar, mas não só me aprimorar, como também prestar serviço pra as pessoas que precisam e ainda sofrem, pegar, de repente, um serviço em intergrupo porque realmente é importante e gratificante saber que você não só salvou sua vida, como pode ajudar a salvar outras vidas. Precisamente por isso é que o grupo é de ajuda mútua, exercendo um trabalho muito importante, realmente está salvando minha vida, então meu objetivo no grupo é ser uma pessoa melhor, uma pessoa que se relaciona. Quero ter um relacionamento saudável sim! Todo mundo quer, isso não tem nada de mais, é saudável se relacionar, é normal, o que não é saudável é relacionar-se destrutivamente. Realmente eu quero me conhecer, me descobrir, aprimorar meu autoconhecimento, meu nível de amor próprio, me entender, me aceitar e também aceitar quem eu sou, minha historia, minhas escolhas e ser uma pessoa bacana. É isso. Obrigada por vocês me ouvirem!

Neste momento a coordenadora diz que ela também quer falar e desta maneira começa sua partilha:

- Meu nome é Concepción, sou uma MADA em busca da recuperação. Todas respondem: - Oi Concepción!

- A partilha de Alejandra me fez pensar sobre qual é meu objetivo no grupo. Eu acho que é ter um relacionamento saudável comigo mesma, esse é o meu grande objetivo, porque eu acho que partindo dai, vou conseguir ter relacionamento saudável em qualquer situação de minha vida. Se eu tiver um relacionamento saudável comigo mesma, não vou abusar de ninguém, não vou mais me colocar em situações destrutivas, em qualquer situação, com vizinho, no trabalho, com amigos. Eu vou conseguir me relacionar no sexo-afetivo sem ter nojo de uma pessoa saudável. Hoje eu ainda não fico com uma pessoa saudável, não que eu não goste de ser bem tratada, é que ainda eu não me sinto a vontade, tendo uma pessoa pra mim. Não que eu goste de ser maltratada, mas ainda não me sinto a vontade com uma pessoa disponível, ainda não cheguei nesse

ponto de me dar amor totalmente, de ter amor próprio, de realmente achar que mereço uma pessoa legal. Eu tenho certeza que tudo isso vai acontecer, porque é isso que eu vou atrair. No momento que eu conhecer uma pessoa que me dê atenção, que esteja disponível e queira ter relacionamento sério, eu vou me sentir à vontade e nunca mais desconfortável, vou sentir que eu sou merecedora do melhor que a vida tem para me oferecer. Então, se uma pessoa me tratar bem eu vou me sentir segura com ela, por mais que eu não saiba me relacionar, ou tenha meus medos, meus sentimentos todos, eu não vou ficar com tanto medo, vou ficar mais à vontade de conhecer uma nova pessoa. Meu objetivo é esse, é ficar mais saudável emocionalmente, ter uma relação saudável comigo para poder usufruir desse bem-estar em todos os sentidos de minha vida, porque eu estando saudável, sem atribuir culpa a ninguém, tudo será melhor. Hoje eu tenho claro o quanto é importante ter um relacionamento saudável como nunca tive em minha vida, pois dos poucos que tivenenhum foi saudável, porque já conheci algumas pessoas que já tiveram caras legais e não quiseram, não deu certo porque a pessoa não quis, mas eu nunca tive, eu tenho muita dificuldade de me relacionar, não é vergonha, é a tal da anorexia social, mas eu tenho muita dificuldade de me expor, apesar de ser falante e comunicativa. Ainda tenho muitas coisas que descobrir e trabalhar comigo antes de me relacionar com uma pessoa saudável. Até hoje não sou uma pessoa saudável e sinceramente, eu estou cansada de sofrer. De repente, sua voz embarga e vejo sair algumas lagrimas de seus olhos. A sala fica em silêncio, e percebo que duas colegas também estão chorando, enquanto Concepción diz que prefere parar.

A coordenadora avisa que esta será a última partilha, que será dada a uma pessoa que chegou atrasada e um pouco agitada. Seu nome é Pilar. Ela faz a saudação tradicional e inicia o seu depoimento:

- Hoje realmente sinto um vazio ao ver com que classe de pessoa me relacionei. Ele tinha um problema que era querer se isolar, querer ficar sozinho. Hoje eu sei que ele na verdade era emocionalmente casado com a mãe dele. Por isso ele era indisponível emocionalmente, em alguns momentos era como se eu tivesse me relacionado com um bipolar, porque ora eu era a melhor mulher do mundo e ora ele queria se distanciar. Ele me deixou muito maluca, porque não tinha previsão do que queria, de como queria, era muito louco. Embora ele não tivesse nenhum diagnóstico, eu mesma estou falando assim, com as minhas palavras, o diagnóstico. Ele era meio

bipolar nesse sentido, às vezes ele era muito disponível, eu era a mulher da vida dele, era extremamente romântico e fazia programas maravilhosos para nós dois e em outro momento não queria estar comigo, queria estar com os amigos, ele queria sair. E aí dava um "gatilho" danado! Conviver com isso foi terrível, por isso que eu entrei no MADA. Na verdade, eu cheguei aqui porque esse jeito dele me fazia ficar agressiva, eu batia nele, eu bati várias vezes nele, porque eu não o aceitava, eu o agredi em diferentes ocasiões, até que um dia ele revidou. Quando ele revidou, eu achei um absurdo: "Como assim, um homem vai me bater?" Então, como ele nunca tinha revidado, eu achava que a culpa era toda minha, pois eu era a agressiva. Eu entrei aqui achando que tinha que melhorar esse meu jeito, sabendo que eu estava meio maluca. Na verdade, ao rever tudo, esse monte de insanidades, vi que quando cheguei eu fazia o papel da vítima, hoje eu não sou mais a vítima, assumi os cinquenta por cento de minha responsabilidade, pelo menos hoje eu já consigo enxergar isso. Obrigada!

Faltando cerca de cinco minutos para completar as duas horas, a coordenadora faz o encerramento da reunião, informando o valor em dinheiro arrecadado, pedindo que escolhêssemos alguns dos sete lemas a serem utilizados como meta da semana. Rocio sugere "Só por hoje" e Alicia propõe "Viver e deixar viver". Os dois são lidos (ver anexo 3) e em seguida todas repetimos a oração do anonimato: "O que você vir aqui, o que você ouvir aqui, quando sair daqui, deixe que fique aqui". Depois ficamos de pé, fazemos um círculo de mãos dadas e rezamos a oração da unidade:

> *Eu seguro minha mão na sua*
> *e uno meu coração ao seu*
> *para que juntas possamos fazer*
> *tudo aquilo que não posso*
> *e não consigo fazer sozinha.*

Por último, novamente rezamos a oração da serenidade, com a diferença que no final todas juntas gritam: Só por hoje! Funciona! Novamente todas se abraçam umas às outras, enquanto começo a guardar todas as coisas no armário do grupo enquanto muitas delas se dispõem a me ajudar.

Um modelo teórico que serve para entendermos as gramáticas emocionais produzidas no grupo MADA é o exposto por Anne Vincent-Buffault em seu livro *História das Lágrimas* onde faz um mapeamento histórico da mudança da sensibilidade ocorrida entre os séculos XVIII e XIX no qual as lágrimas tiveram uma participação ativa. Nosécuio XVIII havia um tipo de sensibilidade diferente da atual, um gosto pelas

manifestações espetaculares de lágrimas, que são vistas pela autora como "signos que circulam" e que fazem parte de uma economia que mobiliza certos tipos de expressões. "Na emoção mais forte chora-se junto, divide-se lágrimas e ainda mais, confunde-se as próprias lágrimas com as do outro." Esta economia lacrimal de troca parece estar permeada pelo sentimento da compaixão "Face às lagrimas de um ser humano é preciso participar ou compadecer-se", que por sua vez, gera um fenômeno de contágio, nas suas palavras:

> As pessoas deixam-se comover em conjunto pelo sofrimento alheio, mostrando prazer na manifestação de sua emoção. Esta propaga-se num grupo de desconhecidos, provocando um belo efeito de contágio pelas lágrimas (VICENT-BUFFAULT,1988, p. 51)

O contágio emocional é uma constante na dinâmica do grupo, a compaixão, assim como no modelo exposto por Anne Vicent-Buffault, parece ser o veículo emocional pelo qual se contagia o sofrimento, que não é tão alheio, pois a pessoa é compassiva porque já vivenciou os mesmos sentimentos, ou seja, pela identificação. Contudo, a pena pelo sofrimento alheio parece se amplificar e reduzir dependendo do contexto e do foco de atenção compartilhada, onde as lágrimas pareciam ser um símbolo usado pelas participantes para mostrar às outras que estavam experimentando determinada emoção, no caso tristeza, que se transmutava em compaixão, energia emocional que produzia solidariedade grupal, assim como um sentido de pertença. (COLLINS, 2001)

Como vimos nos trechos das entrevistas e na parte do relato de um dia na sala, a chegada de uma nova participante parece aumentar o grau de compaixão. Mas, por exemplo, tive a oportunidade de continuar observando a história da pessoa que chamei Julieta e vi que ela conseguiu acabar o relacionamento com a pessoa que "fazia mal para ela", o que lembro ter me deixado muito feliz. Só que algumas reuniões depois ela teve uma "recaída" e voltou com ele. Eu me senti um pouco decepcionada e vi que isso era um sentimento que parecia ser comum a outras colegas, visto que ao final fizeram um comentário a respeito, ação que foi repreendida por outra colega, que advertiu que estávamos dando retorno e que esta doença era muito grave. "As pessoas precisam cair muitas vezes para aprender, todas um dia podemos passar por isso novamente".

Esse primeiro sentimento de compaixão amplificada que produzem "as recém-chegadas" pode ser explicado a partir do modelo exposto por Candace Clark (1997), que

explica que para gerar compaixão é necessário não ser representado como o responsável pelo próprio infortúnio, mas sim como a vítima da desgraça.Desta forma, esta pessoa que está vindo pela primeira vez não sabe que padece da “doença de amar demais”, a qual não tem cura e é maior que a própria pessoa. Uma vez que ela se informa deste aspecto e de seu tratamento, passa a ser responsável pelo seu infortúnio e assim o grau de compaixão diminui como acontece na maioria das vezes; contudo, em algumas escassas ocasiões chega até a se transformar em decepção. Ao considerar o “amar demais” como uma doença crônica que pode sempre sair do controle, conforme afirmou linhas atrás uma participante , “todas podemos passar por isso novamente”. Isto permite que não exista um julgamento severo e que de alguma forma sempre haja uma circulação de compaixão, pois esta pode ser devolvida ao compassivo num outro momento. De alguma maneira deixa-se a porta aberta para recair e também para não ser julgado, pois a compaixão neste sentido pode ser vista como um investimento emocional a longo prazo em si mesma.

Então, ser vítima é visto pelo grupo como uma fase inicial que deve ser uma das primeiras etapas a ser superadas. Desta forma, deixar de sê-lo é um “avanço na recuperação”, designado por elas como “assumir os 50% da responsabilidade”. No segundo capítulo, levantou-se uma questão sobre a não produção de compaixão exterior ao grupo, onde se argumentou que nas poucas vezes que o grupo suscitou pena, foram quando as pessoas pensavam se tratar de um grupo de mulheres que padeciam de violência doméstica. De fato, esta imagem também me veio à cabeça quando comecei a me interessar pelo grupo. Foi só quando comecei a escutar os relatos nos quais as pessoas conseguiam “sair do papel de vítima” que observei que muitas delas, além de não serem vitima de violência doméstica, pelo contrário, tinham agredido seus parceiros, tal como relata Pilar em sua partilha “Esse jeito dele me fazia ficar agressiva, eu batia nele, eu bati várias vezes nele”. Este tipo de depoimento começou a ser comum, tendo eu escutado dois relatos de mulheres que tentaram colidir seus carros contra os de seus parceiros e de outra que o atingiu com uma facada. Por outro lado, os relatos de agressões físicas sofridas eram mínimos e não passavam de empurrões, fatos estes que me fizeram questionar-me se elas saíram do papel de vítima ou se talvez algumas delas nunca o tenham sido.

Três fatos mais complementaram essa minha hipótese inicial. Em primeiro lugar,quandoparticipei do intergrupo, fui a um encontro organizado por um fórum que convidou o MADA para ajudar numa estratégia pedagógica para combater a violência domestica. Desta forma, os homens agressoreseram levados a grupos com psicólogas e assistentes sociais que faziam oficinas, e as mulheres deveriam ir ao MADA. Só que no caso das mulheres havia uma diferença: o grupo era dividido entre as agressoras, que eram obrigadas a participar desta reunião, assim como de outras diretamente nas salas do grupo, e as agredidas, que só podiam ser aconselhadas. A pessoa que tinha este encargo no MADA comentou-me que estas reuniões já vinham acontecendo há alguns anos e o que sempre ocorria era que as vítimas quase nunca iam ao encontro, e que só participavam as agressoras.

Vemos que, por um lado, no fórum se criou um espaço para combater a violência doméstica na qual os homens só ocupam um papel, o deagressores; por outro, observamos que o espaço das mulheres já se divide em dois: agressoras e agredidas. Mas será que o grupo das agressoras só batia em outras mulheres? Para saber mais detalhes seria necessário fazer uma análise do fenômenos acontecidos no forum, visto que naquela ocasião não consegui obter mais dados sobre o tema.

Outro fato relativo ao tema da vítima foi quando novamente o MADA foi contatado por parte de um veículo de comunicação impresso para ver se alguma das participantes poderia dar testemunho sobre violência doméstica. Nessa oportunidade, ouvi comentar que elas não encontraram uma pessoa que pudesse fazê-lo, argumentando com uma frase que guardei em meu diário “A mada não é batida, a mada bate”. De igual forma, numa oportunidade soube do caso de uma moça que havia sido espancada pelo seu namorado; um amigo falou-me deste caso, pois sabia do tema que eu estava pesquisando e pensou que talvez eu pudesse ajudar. Comentei o fato com uma pessoa antiga no grupo e ela aconselhou-me tentar convencer a moça a ir a uma reunião, mas que esse perfil no grupo era difícil de se encontrar e que talvez não fosse encontrar muitos espelhos. Eu perguntei por que ela achava isso, ao que me respondeu que talvez fosse porque as mulheres tinham vergonha de falar que tinham sido espancadas.

Todos estes fatos vivenciados durante o trabalho de campo demonstram que uma das imagens externas que existem do grupo é que o MADA pode ser conformado por muleres que sofrem violência doméstica. Essa é a imagem observada no fórum, que

combina com a imagem que eu mesma tinha antes de iniciar esta pesquisa e com a de algumas poucas pessoas que sentiram compaixão pelo grupo. Embora elas tentem encaixar com ideia de mulheres sofredoras de violência domestica, visto que por exemplo, os lugares onde mais fazem difusão do grupo são as delegacias das mulheres, parece que a maioria das experiências das participantes não combina com as expectativas esperadas, visto que, além de não serem vítimas, eram as agressoras, mas que não são consideradas como tal Será que este fenômeno se dá porque agridem pessoas que não podem ser consideradas vítimas: os homens?

Como explicam Eliacheff e Lariviere (2007), existe uma categoria de ser humano que serão para sempre vítimas: estas são as mulheres.Há também um causador de sua vitimização: os homens. Nesta mesma linha de pensamento, Cynthia Sarti (2009) explica que, graças à cristalização dos lugares de vítima e de agressor perdeu-se a dimensão relacional da categoria de gênero e do fenômeno da violência, o que parece ser o resultado da ênfase na vitimização feminina, armadilha na qual caiu o feminismo, que tanto lutou por desnaturalizar os papeis de gênero culturalmente designados às categorias “homem” e “mulher”. A violência, então, pode ser vista como um atributo imposto à masculinidade, mas visto o acontecido no MADA, podemos observar que a violência domestica não é um fenômeno plano, ao contrário, tem múltiplos matizes que merecem ser estudados em profundidade. Para concluir, consideramos que o exemplo que nos oferece o caso do MADA mostra ideias preconcebidas que circulam na sociedade e que permitem que as mulheres que chegam ao grupo, embora sejam agressoras, continuem se considerando vítimas e os homens, muitos deles agredidos, sejam considerados vitimizadores.

5 CONCLUSÃO

A análise das gramáticas emocionais do grupo MADA apontou algumas questões principais. A primeira diz respeito à construção histórica do amor no Ocidente, aspecto visto através do rastreio de algumas pistas que mostraram a circulação de ideias em torno do amor, o que facilitou o seu encaixe no formato dos doze passos, podendo assim ser catalogado como vício e/ou doença.

O amor que chamamos de contemporâneo teve como característica central a ambivalência, pois se apresentou de forma oscilante.Por um lado, o amor é o tema central da felicidade veiculado na cultura de massa;por outro lado, graças à medicalização do cotidiano, situa-se no extremo oposto, sendo patologizado por seu excesso como no caso do MADA, aspecto este que ficou plasmado na imagem do doce sonho e o eterno pesadelo. Poderíamos afirmar então que a ambivalência é a forma contemporânea de vivenciar a experiência amorosa.

O segundo aspecto que desejaríamos pontuar, relacionado à patologização do amor, é a participação dos grupos de ajuda mútua, e por extensão da autoajuda, na psicologização do cotidiano. Esta pesquisa sobre o MADA e especificamente sobre a literatura do grupo mostrou que existe um discurso que constrói categorias tais como “família disfuncional”, “autoconhecimento”, “diálogo” e “autoestima” que atuam como prescrição de maneiras de atuar e de agir, nas quais os sujeitos recriam suas experiências. Estas categorias prescrevem maneiras “corretas” de amar e tudo o que não coincida com aqueles parâmetros é visto como “doentio”.

Na análise das gramáticas emocionais, observamos que o “amar demais” pode ser considerado como doentio devido ao fato de que o excesso quebraria com o ideal estético do amor, o que, por sua vez, também está relacionado com a ruptura da dádiva, ou seja, elas amam demais e não são correspondidas na mesma medida. Como forma de solução deste impasse o grupo propõe então uma série de práticas que interpretamos como uma “economia dos vínculos sociais”, nas quais há uma racionalização do sentimento amoroso na medida em que se pensa quanto se deve “investir” num relacionamento, o que na maioria das vezes está determinado pelo tempo e pelo

dinheiro. Tempo e dinheiro são vistos aqui como categorias moralizantes que permitem fazer juízos de valor sobre situações e pessoas, o que se poderia resumir no seguinte questionamento: quem merece ou não o meu tempo e o meu dinheiro?

Essa racionalização perpassa o amor e os relacionamentos sexual-afetivos e é utilizada na experiência de outras emoções, inclusive as interações vivenciadas no interior do grupo. Vemos assim que a dádiva parece ser a linguagem que configura a maneira como se sente o amor e outras emoções. Neste sentido, por exemplo, observamos que a compaixão também aparece como um investimento a longo prazo para a pessoa compassiva, que espera receber uma retribuição quando necessário.

Para finalizar, desejaríamos apontar que esta análise do grupo MADA contribuiu para observar duas questões que falam de aspectos sociais a nível macro: em primeiro lugar, a crítica ao amor excessivo que prega o MADA é contrária aos ideais como os da cultura de massa, que colocam a paixão desbordante como o objeto de prazer e tema central da felicidade, mostrando assim a variabilidade histórica e cultural da experiência amorosa. Esta ideia espera ser uma contribuição ao campo de estudo da antropologia das emoções.

A segunda questãomostrada por esta pesquisa foi que no processo de patologização da vida, no qual a psicologização tem uma participação ativa, vemos que a autoajuda e ajuda mútua parecem surgir como “antídotos” que resolveriam quasetodos as situações que no mundo moderno são vistas como “males”. Neste sentido, o trabalho pretende dialogar com a linha da antropologia da saúde e a doença.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe .*El niño y la vida familiar en el antiguo régimen*. Madrid: Taurus, 1987.

BAUMAN, Zygmut. *Amor líquido*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

BENZAQUEN DE ARAÚJO, Ricardo; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Romeo e Julieta e a origem do estado*. In: VELHO, G (org.). *Arte e sociedade.* Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 130-169.

BORKMAN, Thomasina Jo. *Understanding self-Help/Mutual Aid:* experimental learning in the commons. New Jersey: RutgersUniversity Press, 1999.

CLARK, Candece. *Misery and company:* sympathy everyday life. London: University of Chicago Press, 1992.

CLIFFORD, James. 1991, Sobre la autoridad etnográfica, In: C. Geertz, J. CLIFFORD, *El surgimiento de la antropología posmoderna.*México: Editorial Gedisa, p. 141-170.

COLLINS, Randalls. Social Movements and the Focus of Emotional Attention.In: GOODWIN Jeff; JASPER James; POLLETA Francesca. *Passionatepolitics - emotions and social movements.*London: Universityof Chicago Press, 1992.

COELHO, Maria Claudia. *O valor das intenções*: dadiva, emoção e identidade. Rio de Janeiro: FGV,2006.

COELHO, Maria Claudia. Lágrimas com farinha:percepções femininas da violência em Belém do Para. In: SENTO-SÉ, Joao Trajano (Org.). *Segurança pública outros olhares, novas possibilidades*. Brasília: Secretaria especial de políticas para as mulheres, 2009.

COELHO, Maria Claudia. As emoções e a ordem pública: uma investigação sobre modelos teóricos para a análise sócio-antropológica das emoções. *Reunião brasileira de antropologia*, Belém, Pará, agosto 2010.

CONDÉ, Geraldo. *A felicidade mediada:* um estudo do imaginário da felicidade namídia. 2010. Instituto De Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CONDÉ, Geraldo. A dimensão emocional: mídia, emoção e felicidade. In: REZENDE, Claudia. COELHO, Maria Claudia.(Org). *Cultura e sentimentos*, ensaios e, antropologia das emoções. Rio de janeiro: Contra Capa, 2011.

DAMATTA, Roberto, o oficio do etnólogo, ou como ter anthropological blues. In:NUNES, Edson De oliveira (org). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ELIAS, Norberto. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1994.

ELIACHEFF, Caroline; LARIVIERE, Daniel.*Les temps des victimes*. Paris: Editions Albin Michel, 2007.

FOUCAULT, Michel. *La vida de los hombres infames*. La Plata: Editorial Altamira, 1996

FOUCAULT, Michel. *Historia da sexualidade, la voluntad de saber*. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Hermenéutica del sujeto*. México: Fondo de cultura económica. 2002.

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: _____. *O saber local*, Petrópolis: Vozes, 1997.

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade. São Paulo: UNESP, 1993. *Para além da esquerda e da direita*. O futuro da política radical. São Paulo: UNESP, 1996.

GODBOUT, Jacques. *El espíritu del Don*. México D.F.: Siglo XXI, 1997.

GUBER, Rosana. *Laetnografía.* Método, campo y reflexividad. Bogotá: Norma, 2001.

GOFFMAN, Erving. *Estigma:* la identidad deteriorada. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.

ILLOUZ, Eva. *Saving the modern soul:* therapy, emotions and the culture of sel-help. Berkeley: University of California Press, 2008.

JACKSON, Stanley. Acedia the Sin and its Relationship to Sorrow and Melancholia. In: KLEINMAN, Arthur; GOOD Byron. (Org).*Culture and depression*. Los Angeles: University of California, 1985.

JIMENO, Myriam. *Crimen pasional:* contribución a una antropología de las emociones. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2004.

LÁZARO, André. *Amor:* do mito ao mercado. Petrópolis: vozes, 1997

LEVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Pretrópolis: Vozes, 2009.

LEVI-STRAUSS, Claude. Introdución a La obra de Marcel Mauss. In: _____. *Sociologia y antropologia de Marcel Mauss.* Madrid: editorial Tecnos, 1979.

LUTZ, Catherine. Engendered emotion: gender, Power and the rhetoric of emotional controlin American Discourse. In: LUTZ, Catherine Lutz ; ABU-LUGHOD, Lila(orgs.) *Language and the politics of emotion*.Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

LOECK, JARDEL FISCHER. *Adição e ajuda mútua:* estudo antropológico de grupos de narcóticos anônimos na cidade de Porto Alegre. 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado em antropologia) –Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LUHMANN, Niklas. *O amor como paixão*. Lisboa: Difel, 1991

LUHMANN; NIklas. *El amor como pasión*. Barcelona: Península, 2008

LUTZ, Catherine. *Unnaturalemotions*: everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to Western theory. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

MAUSS, Marcel. El ensayo sobre el Don. In:_____. *Sociologia y antropologia de Marcel Mauss*. Madrid: editorial Tecnos, 1979.

MONTESINOS, Rafael. La nueva paternidad: expresión de la transformación masculina.*Polis:* Investigación y análisis sociopolítico y psicosocial, Mexico, v. 2,n. 004,p,197-220. 2004.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1984. v.1.

MOTA, Leonardo de Araújo e. *A solidariedade entre os alcoólicos anônimos: a dádiva na modernidade.* 2002. Dissertação (Mestrado em sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

PARDO, Astrid Johana. *Transgrediendo dogmas:* un estudio etnográfico de la contrucción de subjetividades en la comunidad menonita del norte. Trabajo de grado para optar al título de antropóloga, Departamento De Antropología Facultad De Ciencias Humanas Universidad Nacional De Colombia. Bogotá: 2009.

PINZÓN, Carlos Ernesto y Gloria Garay A. *Diálogos con la vida diálogos con la teoría:* ejercicios de reflexividad en antropología, 2003. No prelo.

REZENDE, Claudia. COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções.* Rio de janeiro: FGV, 2010.

REZENDE, Claudia . *Grupos de apoio*: subjetividade e gramáticas emocionais. In: RAM. Anais, 10, Curitiba, 2011.

RUSSO, Jane. *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

RUSSO, Jane. A. ; CARRARA, Sergio . A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos,* Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 273-290, 2002.

SARTI, Cynthia. Corpo, violência e saúde: a produção da vítima. Sexualidad, Salud y Sociedad. *Revista latinoamericana,* Rio de janeiro, n.1,p. 89-103. Disponivel em: <www.sexualidadsaludysociedad.org.

SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fortes, 2001.

SIMONNET, Dominique (org.). *La más bella historia del amor*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica, 2004.

SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

STRAUSS, Claudia; QUINN, Naomi .A cognitive/cultural anthropology. In: BOROFSKY, Robert(ed.). *Assessing cultural anthropology*. Nueva York, St. Louis: McGraw Hill, 1994.

TADVALD, Marcelo. *Serenos, corajosos e sábios:* a plataforma terapêutica dos alcoólicos anônimos e seus participantes através de um olhar antropológico. 2006. 163 f. Dissertação (Mestrado em antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

VELHO, Gilberto. Indivisualismo e cultura. "observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.).A a*ventura sociológica*. Rio de Janeiro Zahar 1981.

VILLALBA Quesada, Cristina. *Los grupos de apoyo basados en la autoayuda*: una Propuesta para el inicio y acompañamiento profesional. Madrid: Colegio Oficial de Psicólogos, 2003.

VINCENT-BUFFAULT , Anne. *História das lagrimas*. Rio de janeiro: paz e terra,1988.

VIVEROS, Mara .*De quebradores y cumplidores sobre hombres, masculinidades y relaciones de género en Colombia.* Santafé de Bogotá: UNAL, 2002.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Zahar Editor. 2005.

ZAMBONI, Marcela. *Quem acreditou no amor, no sorriso, na flor:* a confiança nas relações amorosas. São Paulo: Annablume, João Pessoa, UFPB, 2010.

ZELIZER,Viviana. *La negociación de laintimidad*. Buenos Aires: Fondo de Cultura económica, 2009.

ANEXO A – Quarto Passo

QUARTO PASSO

"Fizemos minucioso e destemido inventario moral de nós mesmas.

No Primeiro Passo, admitimos a falência de nossos relacionamentos. No Segundo Passo, pedimos a um Poder Superior que nos ajudasse na recuperação. E, no Terceiro Passo, entregamos o controle de nossas vidas à esse Poder. Agora, no Quarto Passo, vamos investigar a nossa vida e reconhecer, através de um inventário minucioso, quais foram os X impulsos doentios que nos levaram a agir de forma insana e destrutiva em nossos relacionamentos.

O propósito de um profundo e destemido inventário moral é arrumar a confusão e a contradição de nossas vidas/para que possamos descobrir quem realmente somos.. Estamos começando uma nova maneira de viver e precisamos nos livrar da carga e das armadilhas.

Ao olharmos para nossas vidas no passado, vimos.que nossas relações foram movidas por impulsos dependentes. Quando indagávamos:. "Por que *sempre eu* acabo me *relacionando ' com esse fipo de* pessoa?", achávamos que éramos vítimas das situações, que não tínhamos [v]- sorte/.que a vida estava contra nós.

Em uma reação inconsciente, passamos grande parte do tempo fazendo críticas, nos * lamentando. Críticas ao outro, à família, ao trabalho, ao governo, ao trânsito, e nos * julgamos as maiores vítimas. Vivíamos criticando, movidas por um desejo doentio de controle. Fomos mestres em auto-engano e racionalizações.

Através de uma investigação minuciosa, podemos superar esses obstáculos. Um inventário escrito vai desvendar partes do nosso subconsciente, que permanecem escondidas, quando apenas pensamos ou falamos sobre quem somos. Quando está tudo no papel, é muito mais *$* fácil ver a nossa verdadeira natureza e muito mais difícil negá-la. A auto-avaliação honesta V é uma das chaves da nossa nova maneira de viver.

É importante reconhecer todos os padrões em nossa forma doentia de nos relacionar. Issóéfundamenta! para que possamos nos abster desses comportamentos. Começamos a ser honestas conosco, quando admitimos que a vida ficou ingovernável. Levou muito tempo para admitirmos que estávamos derrotadas. Descobrimos que não nos

recuperamos física, mental e espiritualmente da noite para o dia. O Quarto Passo vai nos ajudar na nossa recuperação.
A maioria de nós descobriu que não éramos tão terríveis, nem tão maravilhosas, quanto imaginávamos. Ficamos até surpresas por descobrir que temos coisas boas no nosso inventário. Qualquer pessoa, que esteja a algum tempo no programa e tenha praticado este Passo, vai lhe dizer que o Quarto Passo foi um momento decisivo na sua vida.

O propósito desse Passo é nos libertar de uma vida e padrões destrutivo. Damos o Quarto Passo para crescer e ganhar força e discernimento. O Primeiro, o Segundo e o Terceiro Passo são a preparação necessária para se ter fé e coragem para escrever um inventário destemido. A nossa compreensão dos Passos anteriores nos deixa ò vontade. Nós nos damos o privilégio .de nos sentirmos bem com o que estamos fazendo. Estivemos nos debatendo por muito tempo sem chegarmos a lugar nenhum.

Começamos agora o Quarto Passo e abrimos mão do medo. Simplesmente escrevemos o melhor que podemos no momento. Precisamos pôr. um ponto final no passado e não nos agarrar a ele. Queremos ver nosso passado de frente, como ele realmente foi, e libertá-lo pera podermos viver o hoje. Para a maioria de nós, o passado era urn fantasma preso no canário. Temíamos abrir aquele armário, com medo do que o fantasma pudesse fazer,. Não remos que olhar o passado sozinhas, agora, nossa vontade e nossa, vida estão na,mão do nosso Poder Superior.

No Quarto Passo começamos entrar em contato conosco. Escrevemos sobre as nossas deficiências, tais como culpa, vergonha, remorso, autopiedade, ressentimento, raiva, depressão, frustração, confusão, solidão, ansiedade, deslealdade, desesperança, fracasso, medo e negação. As qualidades também devem e precisam ser consideradas, se quisermos ter um quadro mais coreto e completo de nós mesmas. Isto é muito difícil para a maioria de nós, pois é difícil aceitar que temos boas qualidades.
No entanto, todas temos qualidades, muitas delas recém encontradas no programa, tais como: ter mente aberta, consciência de um Poder Superior, honestidade com os outros, aceitação, ação positiva, partilhar, ter boa vontade, coragem, fé, carinho, gratidão, gentileza e generosidade.

Examinamos nossa atuação passada e nosso comportamento presente, para ver o -que queremos manter e o que queremos descartar.'Ninguém está nos forçando ,a desistir da nossa miséria. Este Passo tem a fama de ser difícil, na realidade, ele é bastante simples. Á maneira de escrever um inventário é escrevê-lo. Pensar a respeito, falar sobre ele, teorizar, não faz dele um inventário escrito.

Nós nos sentamos com um bloco de papel, pedimos orientação, pegamos a caneta e começamos a escrever. Qualquer coisa que pensemos é material para o inventário. Você terá que escrever bastante, empregando o tempo e a energia necessários para executar esse trabalho. Pode ser que, para você, escrever não seja um meio de expressão fácil, em que se sinta à vontade. Entretanto, é a melhor técnica para esse exercício. Não se incomode em escrever corretamente, ou mesmo bem. Faça de forma a ter sentido para você. Você precisará ser absolutamente honesta e auto-reveladora em tudo o que escrever.

O inventário torna-se um alívio, pois a dor de fazê-lo é menor do que a dor de não fazê-lo. Ao escrever vamos abrir a tampa da "panela de pressão". Decidimos se queremos servir o que tem dentro, colocar a tampa de volta ou jogar fora o que está lá, Não precisamos nos cozinhar dentro dela.

Pedimos ajuda ao nosso Deus, rogando coragem para sermos destemidas e profundas, e para que o inventário possa nos ajudar a colocar as nossas vidas em ordem. Quando rezamos e agimos, sempre conseguimos melhores resultados. Não vamos ser perfeitas. Se fôssemos não seríamos humanos. O importante é que façamos o melhor.

Podemos abordar o Quarto Passo de várias maneiras, é só escolher. O Quarto Passo pode ser feito periodicamente, nas várias fases do nosso processo de recuperação, ou até mesmo, podeser utilizado em um assunto específico - um Quarto Passo do seu trabalho, de um relacionamento específico - sempre mantendo o "holofote" virado para você. É tentador fazèr o Quarto Passo do outro: Isso é repetição de padrão!

Você pode guardá-lo em lugar seguro e compará-lo quando fizer o próximo. Uma pessoa que já tenha feito o Quarto Passo, ou sua madrinha pode orientá-la. A nossa experiência demonstra que nenhum inventário, por mais profundo e completo que seja, terá qualquer efeito duradouro, se não for prontamente seguido de um Quinto Passo, igualmente completo.

"Reze para ter disposição, força e coragem para olhar honestamente para o passado e sua participação nele. A psique é sensível o tais esforços de "limpeza" e colabora trazendo de volta a dor enterrada no passado, de maneira que ela possa ser conscientemente eximida."

(Robin— Meditações)

PERGUNTAS DO QUARTO PASSO:

- Escreva sobre as características da sua família. Como se relacionava com as pessoas, que tipo de relações você mantinha com elas? Seus familiares eram carinhosos e compreensivos.com você?
- Perante os outros, que "segredos" ou aparência sua família mantinha, para esconder das pessoas que seu lar não era tão saudável quanto parecia ser?
- Você se sentia amparada quando necessitava de ajuda? Como se sentia nessas situações?
- Descreva, de uma maneira geral, o que achava que a sua família pensava de você durante sua infância, adolescência e fase adulta.
- Como você chama a atenção das pessoas (introversão, indiferença, bondade extrema, agressividade, etc.) para que saibam que precisa de ajuda?
- Tente identificar que sentimentos você tinha quando o comportamento do seu parceiro fugia ao seu controle? Sentia raiva, ciúmes, inveja, medo, sentia-se abandonada, rejeitada? Esses sentimentos têm relação com sentimentos familiares, conhecidos na sua infância?
- Que tipo de jogo mantinha ou mantém nos seus relacionamentos, para fazer com que as pessoas atendam as suas necessidades? Você se fazia de vítima, acusava os outros, abandonava temporariamente o relacionamento para que o parceiro sentisse a sua falta? Comprava presentes para agradá-lo?.Fazia muitos elogios?
- Quais são iseus medos da vida agora? Quais são os barulhos que ainda escuta e os fantasmas que ainda vê?
- Como a sua doença afetou as diversas áreas da sua vida?
- Por que você mantém ou mantinha o relacionamento, mesmo sabendo -que ele era destrutivo?
    - Que justificativas você usa ou usava para não sair desse relacionamento?

- Sente dificuldade em ficar só? Que sentimentos e preconceitos você tem quando está sem um relacionamento?
- Você acredita ter prejudicado outras pessoas-em função de manter essas relações doentias?
- Quais as qualidades que você possui, mas tem dificuldade em admitir?
- O que mais gosta em si mesma? . ’
- O que você deseja alcançar hoje em sua recuperação?

PARA REFLETIR: "As pessoas vêem apenas aquilo que estão preparadas para ver".
(Ralph Waldo Emerson)

ANEXO B – Características de uma mulher que se recuperou de amar demais

Robin Norwood

1 - Ela se aceita completamente, mesmo quando quer modificar partes de si. Existe uma autoconsideração e um amor por ela mesma que são básicos, e que devem ser alimentados.

2 - Ela aceita os outros como são, sem tentar modificá-los para satisfazer suas necessidades.

3 - Ela esta ciente de seus sentimentos e atitudes com relação a cada aspecto de sua vida, inclusive sua sexualidade.

4 - Ela cuida de cada aspecto dela mesma: sua personalidade, sua aparência, suas crenças e valores, seu corpo, seus interesses e realizações. Ela se legitima, em vez de procurar um relacionamento que dê a ela um senso de autovalor.

5 - Sua auto-estima é grande o suficiente para que possa aproveitar a companhia de outras pessoas, principalmente de homens, que são bons exatamente como são. Não precisa ser necessária para se sentir digna de valor.

6 - Ela se permite ser aberta e confiante com pessoas adequadas. Não tem medo de ser conhecida num nível profundamente pessoal, mas também não se abre à exploração daqueles que não estão interessados em seu bem-estar.

7 - Ela pergunta: "Esse relacionamento é bom para mim? Ele me dá oportunidade de me transformar em tudo o que sou capaz de ser?"

8 - Quando um relacionamento é destrutivo, ela é capaz de abandoná-lo sem experimentar uma depressão mutiladora. Possui um círculo de amigos que a apoiam e tem interesses saudáveis, que a ajudam a superar crises.

9 - Ela valoriza a própria serenidade acima de tudo. Todos os conflitos, o drama e o caos do passado perderam sua atração. É protetora de si mesma, de sua saúde e de seu bem-estar.

10 - Ela sabe que um relacionamento, para dar certo, deve acontecer entre dois parceiros que compartilhem valores, interesses e objetivos semelhantes, e que possuam ambos

capacidade para serem íntimos. Também sabe que é digna do melhor que a vida tem a oferecer.

ANEXO C – Os lemas

Os lemas

SÓ POR HOJE

A sugestão contida nesse lema é a de que façamos propostas por apenas um dia, na tentativa de viver o dia de hoje, concentrando-nos no que estamos fazendo nesse momento.

O dia em que estamos vivendo, realmente, é o dia de hoje. O ontem, vivemos quando ele era hoje, e o amanhã, quando chegar, será hoje novamente. Isso não significa que não devemos programar nosso futuro. Mas sim, que podemos deixar para sentir o resultado das coisas do dia de amanhã quando ele chegar.

A prática desse lema torna bem mais fácil nossa caminhada através do processo de recuperação. Às vezes, pode nos parecer impossível tomar atitudes que são necessárias para melhorar nossas vidas. Mas, talvez possamos nos comprometer a praticá-las só por um dia; o dia de hoje. É importante lembrar que, qualquer atitude positiva de mudança que se consiga por um dia ou momento, deve ser brindada como uma dádiva. A meditação e a tentativa de contato com um Poder Superior pode ajudar a nos orientar por esse dia. Se um dia inteiro for demais, podemos nos comprometer só por algumas horas e depois, renovar nossa proposta.

Quando chegamos no MADA, descobrimos que há esperança para uma mudança em nossas vidas. Descobrimos o que há de errado conosco e pensamos em "nunca mais" tomar algumas atitudes doentias, que um dia chegamos a ter em nossas vidas e em nossos relacionamentos. Talvez passemos a cobrar muito de nós mesmas, querendo mudar nosso comportamento da noite para o dia ou mudar tudo de uma só vez. Mas à medida que caminhamos, temos que encarar o fato de que não conseguimos mudar tudo de uma só vez ou somente pela força de vontade. Lembre-se de que a dependência de relacionamento é uma doença do comportamento. Praticamos durante anos comportamentos doentios com relação a nós mesmas e aos outros. Agora, devemos procurar aceitar as mudanças que virão devagar. Com o tempo, através do autoconhecimento que a programação nos oferece, vamos alcançando, lentamente, a mudança em nossos padrões de comportamento, *um dia de cadavez*. A recuperação virá como conseqüência dessa prática. Muitas coisas acontecem num só dia. Tanto positivas

quanto negativas. Vivencie ambas como sendo necessárias para seu processo de crescimento.

Você pode criar suas próprias frases como prática desse lema. Ex.:

- Só por hoje vou procurar viver apenas esse dia.
- Só por hoje vou evitar o contato com as pessoas que me maltratam.
- Só por hoje não preciso ter pressa.
- Só por hoje não tentarei corrigir ninguém, a não ser a mim mesma.
- Só por hoje tentarei resolver apenas o que me é possível.

Viver e Deixar Viver

Uma das características da mulher que tem dependência de relacionamento é a necessidade de controlar os outros, e achar que tem o poder de modificá-los. Dessa forma, passamos pela vida esquecendo de cuidar de nós mesmas, do nosso bem - estar. Esse lema nos sugere que passemos a nos ocupar de nós mesmas, abandonando a direção e o controle de outra pessoa.

Devemos procurar aceitar que nem sempre a forma com que resolvemos nossos problemas é a ideal para todos. Se você der alguma sugestão e ela não for aceita, não significa que sua opinião não tenha valor. Não busque sua auto-estima e aprovação opinião das pessoas. Quando as pessoas não aceitam nossas opiniões, muitas vezes nos sentimos magoadas, iradas, com o sentimento de termos sido rejeitadas.

À medida que passamos pelo processo de recuperação, passamos a nos valorizar e a cuidar melhor de nós mesmas. Algumas pessoas, com as quais convivemos, podem estranhar essas mudanças, e até mesmo tentar nos provocar para voltarmos a exibir o comportamento controlador e desequilibrado que estavam acostumadas. Procure não cair nessa armadilha.

Lembre-se de que é você quem está em recuperação. O fato de estarmos melhorando não implica que os outros também mudem. Talvez, em função dessas mudanças, o círculo de pessoas com as quais queremos conviver também mude. Respeitar a nós mesmas não significa "impor respeito" ao outro, mas saber se abster das pessoas que nos trazem desconforto.

Sabemos que, deixando os outros viverem as suas vidas e procurando cuidar melhor da nossa, temos podido experimentar um grau maior de intimidade.